

Einstein. 100 anos depois do *Annus Mirabilis*

João Paulo II. Balanço e perspectivas



INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>"A ciência contemporânea ainda funciona de acordo com o determinismo cartesiano"</i>	3
Entrevista com Alfredo Gontijo de Oliveira.....	3
<i>A lógica quântica exige mudanças dos nossos hábitos mentais.....</i>	7
Entrevista com Basarab Nicolescu	7
<i>O perigo do charlatanismo na generalização dos conceitos quânticos.....</i>	9
Entrevista com Carlos Alberto dos Santos	9
<i>Separar o caráter quântico da natureza da teoria quântica que busca descrevê-lo ...</i>	11
Entrevista com Enio Frota da Silveira.....	11
<i>A onipresença transformadora dos princípios quânticos.....</i>	13
Entrevista com Fernando Haas	13
<i>Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria.....</i>	16
Entrevista com Waldecy Tenório	16
O Pontificado de João Paulo II. Balanço e perspectivas	21
<i>A dupla alma do reino</i>	21

Por Eugenio Scalfari	21
<i>De Karol Wojtyla a João Paulo II</i>	26
Por Olegário González de Cardedal	26
<i>O Papa que eu conheci</i>	29
Por Juan Arias.....	29
<i>O Papa da volta à grande disciplina</i>	30
Por Leonardo Boff	30
<i>Um papa que abriu o novo milênio</i>	36
Por Pe. Jesus Hortal, SJ	36
<i>Um grande e cioso disciplinador</i>	38
Por José Maria Mayrink	38
<i>O imprevisível caminho da sucessão</i>	42
Entrevista com Marco Politi	42
<i>Notas</i>	44
<i>Wojtyla, o Papa que falhou</i>	46
Por Hans Küng.....	46
<i>Momento pode expor progressismo risível</i>	51
Por Luiz Felipe Pondé	51
<i>esperança de Páscoa e desencatamento da Europa</i>	53
Por Henri Tincq	53
EVENTOS IHU	56
IHU IDÉIAS	56
Do Big Bang à Inteligência	56
III CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL	58
IHU REPÓRTER	63
GILBERTO FAGGION	63
CARTAS DO LEITOR.....	66

EDITORIAL

Em 1905, Albert Einstein, um jovem físico recém-doutorado, funcionário do escritório de patentes em Berna, publicou quatro trabalhos que tiveram um impacto formidável, não apenas na Física, mas também em todos os ramos do saber. Em 2005, celebramos o Ano Internacional da Física que comemora os 100 anos deste passo importante da humanidade na compreensão das leis que regem o nosso Universo.

A Unisinos celebrará o Annus Mirabilis de 16 a 19 de maio, realizando o Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade.

*Com este número do **IHU On-Line**, iniciamos a preparação da discussão dos grandes temas que serão abordados no Simpósio. Assim, entrevistamos o Prof. Dr. Alfredo Gontijo de Oliveira, professor do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, Basarab Nicolescu, professor de física teórica da Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris,*

Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos, professor do Instituto de Física da UFRGS, Prof. Dr. Enio Frota da Silveira, professor do Centro Técnico-Científico da PUC-Rio, Fernando Haas é professor no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. No mesmo sentido, nesta semana, o IHU Idéias discutirá o tema Do Big Bang à inteligência. A entrevista do Prof. Dr. Luiz Augusto Leitão da Silva, professor na Unidade de Ciências Exatas da Unisinos contribui, igualmente, para a discussão do tema de capa desta semana.

Também celebramos neste ano o cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin. Embora ainda vamos dedicar a ele um boletim, entrevistamos neste número o Prof. Dr. Waldecy Tenório de Lima, professor do PPG em Ciências da Religião da PUC-SP sobre Teilhard de Chardin.

*Quando estávamos ultimando a atual edição, morreu João Paulo II. Ainda que às pressas, durante o final de semana, preparamos um dossiê, avaliando o seu longo pontificado e buscando apontar os desafios que emergem para o futuro próximo da Igreja Católica. Traduzimos e reproduzimos um longo artigo de Eugenio Scalfari, fundador do jornal italiano **La Repubblica** e um fino analista da realidade internacional, e os artigos, entre outros, de Hans Küng, teólogo alemão, publicado no jornal italiano **Corriere della Sera**, de Olegário González de Cardedal, teólogo espanhol, publicado no jornal **El País** e de Henri Tincq, jornalista do **Le Monde**. Reproduzimos, ainda, os artigos de Leonardo Boff, teólogo brasileiro, Jesús Hortal, reitor da PUC-Rio, publicados no **Jornal do Brasil**, de Juan Arias, jornalista, publicado pelo sitio **Nomínimo** e de Luiz Felipe Pondé, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**. Preparamos também algumas notas, muito sumárias, sobre o livro **La otra cara de Wojtyla** de Giancarlo Zizola, recém-publicado na Espanha.*

Assim, tivemos que excluir algumas editorias nesta semana, ou seja, o boletim tem uma formatação diferente da rotineira, esperando, desta forma, contribuir melhor no debate dos grandes temas da atualidade.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

“A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA AINDA FUNCIONA DE ACORDO COM O DETERMINISMO CARTESIANO”

Entrevista com Alfredo Gontijo de Oliveira

*Alfredo Gontijo de Oliveira é professor do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É mestre em Física pela UFMG, doutor em Física pelo Instituto de Cristalografia. Universitat Freiburg (Albert- Ludwigs), A.L.U.F., Alemanh, e pós-doutor pelo Imperial College Londres, IC, Inglaterra e pela Universitat Zurich, U.ZURICH, Suíça. Também é diretor do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG. Juntamente com Chaves. A.S. e Silva. C.E.T.G, é autor do livro **Proceedings of***

the Fourth Brazilian School of Semiconductor Physics. Londres: Word Scientific, 1990. Ele respondeu as questões via e-mail.

IHU On-Line – As descobertas da física quântica são tidas como análogas à invenção da escrita. Em termos leigos, por quê?

Alfredo Gontijo de Oliveira – O que une os dois conceitos é que eles geraram grandes rupturas na história do conhecimento e da humanidade. Com a invenção da escrita, nossa memória pode ser aliviada para desenvolver atividades mais criativas. Criou-se também a base para a construção da cultura e da história, registrada em documentos. No final do século XIX, acreditou-se que a ciência havia chegado ao fim, com base na formulação das leis clássicas da física, para descrever as interações gravitacionais e eletromagnética com equações determinísticas que permitiam entender o passado, presente e “prever” o futuro. A física quântica veio subverter essa ordem, no sentido de introduzir um aspecto probabilístico. Somente podemos fazer previsões probabilísticas e, mesmo essas, regidas por relações de incertezas. Outro aspecto é que, da mesma forma que a escrita abre novos níveis de Realidade para o conhecimento, a física quântica também o faz, ao unificar a realidade das manifestações ondulatórias com as manifestações corpusculares, trocando um “ou” por um “e”. Várias outras rupturas têm a mesma dimensão para o conhecimento. Na atualidade, eu citaria a revolução da informática.

IHU On-Line – As evidências científicas acima referidas ainda são pouco compreendidas pelas demais disciplinas. Tal fato parece indicar a ausência de um debate transdisciplinar. Como iniciá-lo? Como o senhor avalia, de maneira geral, a postura das instituições responsáveis por tal iniciativa?

Alfredo Gontijo de Oliveira – A dificuldade com a física quântica está na compreensão de sua base conceitual. Como ferramenta de cálculo, ela mostrou toda a sua robustez e as previsões feitas pela teoria quântica foram comprovadas para além de qualquer imprecisão referenciada em parâmetro antropológico. A grande diversidade de formulações da física quântica é outro aspecto complicador de sua base conceitual. A interlocução entre áreas se dá pela transposição de conceitos e menos por aspectos matemáticos e funcionais da teoria. As unificações se dão pelas universalidades que as teorias contêm. As lógicas das formulações quânticas estão sendo utilizadas para fundamentar teorias nas áreas em que o conhecimento é complexo. Assim, o conceito de emaranhamento de estados quânticos (ou de uma forma simples, um sistema pode estar quanticamente em dois estados físicos diferentes, simultaneamente) tem sido utilizado para, metaforicamente, fundamentar novas lógicas harmonizadoras de contraditórios. Esse é o caso da “lógica do terceiro incluído” em que, existindo elementos A e não-A, existe também um elemento T que é simultaneamente A e não-A. Esse tipo de transposição pode ser feito metaforicamente entre várias áreas do conhecimento. O risco é que, em muitos casos, essas transposições metafóricas sejam feitas, violando os princípios básicos de uma das duas áreas e aí temos o que tem sido designado de “impostura intelectual”, ou seja, a transposição perde sua validade. No que se refere à incorporação desse debate pelo sistema educacional, temos algumas dificuldades. Primeiro: ele ainda é fortemente regido por práticas pedagógicas que encontram seus fundamentos na ciência do século XIX: linear, determinístico, individualista, competitivo, e várias outras características dessa natureza. Segundo: o ensino de ciências ressenete-se da falta de educadores preparados para levar uma mensagem cientificamente consistente à população. Temos também um enorme poder sedutor das tecnologias, que são vistas como brinquedos, advindo da aplicação da ciência contemporânea, ou seja, usufrui-se da ciência mais como se

ela fosse um oráculo, inacessível ao cidadão. Provocativamente, eu pensaria em formular um conteúdo de ensino de física em que, independente da carga horária, ele estaria dividido em duas partes iguais de tempo. A primeira metade seria dedicada ao paradigma cartesiano (mais ou menos o estado da ciência do final do século XIX) de uma forma pedagogicamente correta, ou seja, trabalhando um “conjunto manuseável de exemplos”. A segunda metade seria dedicada ao ensino da ciência contemporânea, ou seja, aquela do século XX com destaque para a física quântica, a ciência da complexidade, fenômenos não-lineares. Qual é a dificuldade para fazer isso? Trata-se de uma nova prática e a resistência será muito grande.

IHU On-Line – Em linhas gerais, quais os principais debates da física na atualidade e quais serão seus possíveis reflexos na sociedade?

Alfredo Gontijo de Oliveira – Essa questão é muito abrangente e começarei fazendo uma abordagem também abrangente. Existe hoje aquilo que podemos chamar de as três principais frentes de trabalho científico: o muito grande (questões que envolvem, por exemplo, a origem do mundo); o muito pequeno (que cai no domínio da física quântica); e o muito complexo (que cuida de questões em que “o todo é mais que a soma das partes”). Um grande desafio para a física hoje é uma teoria que consiga “unificar” o muito grande com o muito pequeno. Entretanto, do ponto de vista antropológico, as questões do muito complexo é que parecem ser as mais interessantes. Por exemplo, como explicar o fenômeno da consciência? Na ausência de uma teoria reducionista que nos permita responder (no momento?) questões dessa natureza, restamos a opção de trabalhar leis da natureza, de forma empírica. As ciências biológicas fizeram isso com competência no século XX. Retornando à questão das transposições metafóricas, encontramos no conceito de *autopoiesis*¹, gerado por Maturana² e Varela³ na biologia, uma formulação que consegue estabelecer uma sólida ponte com a ciência da complexidade, que tem sido preferencialmente trabalhada por físicos. Ele consegue, também, estabelecer conexões com áreas das humanidades.

IHU On-Line – Como o senhor analisa a transposição dos conceitos da física quântica para outros campos do conhecimento? Quais os limites desejáveis à transdisciplinaridade?

Alfredo Gontijo de Oliveira – Já abordei um pouco sobre essa questão da transposição. Gostaria mais de reforçar agora a necessidade de aprender ciência. Por exemplo, podemos nos questionar em que extensão os fenômenos biológicos (a consciência, por exemplo) são regidos pelas leis da física quântica. Nesse caso, seria importante uma mais ampla disseminação do mundo quântico para todas as outras áreas do conhecimento, para se fazer as apropriações metafóricas. Sobre os limites da transdisciplinaridade, eu gostaria de pensar que a inexistência de limites é uma de suas características. O estabelecimento de limites colapsa a transdisciplinaridade em disciplinaridade (com suas vertentes na multi e na inter). Nesse sentido, as metodologias transdisciplinares devem procurar trabalhar unificações abertas, no sentido de operar nos espaços vazios das disciplinas e no traspasseamento entre elas.

¹ O termo autopoieses, designa os processos de funcionamento de sistemas auto-organizáveis vivos, mas que engloba também outras dimensões, como processos sociais, produção de conhecimento e inteligência artificial. Foi criado por Humberto Maturana e Francisco Varela (Nota do *IHU On-Line*).

² Humberto Maturana e Francisco Varela são biólogos chilenos. Entre outros, escreveram *El Arbol Del Conocimiento*. Santiago do Chile: 1994. Editorial Universitária. Santiago do Chile, 1994 (Nota do *IHU On-Line*).

³ Francisco J. Varela (1946-2001): Ph.D. em Biologia. Nascido no Chile, foi diretor de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) no Laboratório de Neurociências Cognitivas do Hospital Universitário da Salpêtrière, em Paris, além de professor da Escola Politécnica, também em Paris. (Nota do *IHU On-Line*).

Unificação aberta representa a impossibilidade de unificação absoluta. Trata-se de uma utopia? Talvez. Mas essa indefinição da transdisciplinaridade será, no mínimo, uma forte força propulsora das abordagens disciplinares levando as pessoas a trabalharem questões, problemas, temas, etc., com o olhar do outro. Rompe-se com o olhar individualista, mas preserva-se a individualidade que, como elemento de um coletivo, contribui para o surgimento de uma propriedade, segundo a qual o todo é mais que a soma das partes, como já foi mencionado.

IHU On-Line – Qual é a sua opinião sobre o ensino da Física no Brasil? Em que medida ele corresponde à dimensão social que a Física assumiu?

Alfredo Gontijo de Oliveira – Na minha avaliação, o grande problema com o ensino de Física está relacionado com o conteúdo. Trabalhamos com conteúdos anacrônicos e, conseqüentemente, desinteressantes para professores e alunos. Essa situação tem um forte componente inercial. Por exemplo, na maioria dos cursos superiores, em que a Física é ensinada como ferramenta, o ensino começa com cinemática e costuma não abordar a Física do século XX. Esta continua inacessível e hermética para o profissional formado na universidade. No século XX, a Física reinou como ciência emblemática: pela explicação da natureza na sua versão clássica, pela geração de rupturas como a produzida pela física quântica, pela metodologia de contrapor experiências e teorias e pela produção de uma base conceitual que permitiu que a engenharia produzisse dispositivos que disponibilizou inúmeros artefatos tecnológicos para a sociedade. No século XXI, esse papel da Física será mais sutil, por exemplo, mostrando que as teorias do muito complexo podem ser transpostas legitimamente para outras áreas do conhecimento.

IHU On-Line – O senhor gostaria de acrescentar outros comentários?

Alfredo Gontijo de Oliveira – Acredito que, na segunda metade do século XX, a humanidade viveu uma ruptura conceitual que somente encontra similar na Renascença. Embora a base conceitual científica para fundamentar essa nova relação do homem consigo mesmo e com a natureza, já esteja razoavelmente bem posta, ela ainda não foi popularizada. Uma grande dificuldade é que, embora a ciência contemporânea já tenha em si o indeterminismo inerente das questões antropológicas, ela ainda funciona de acordo com o determinismo cartesiano. Várias tecnologias estão agora cuidando dessas questões e vemos, por exemplo, no estudo de “imagens inteligentes” uma nova dimensão com potencial de harmonizar a ciência e a tecnologia e criar as condições para a popularização da ciência. Temos um bom potencial para atingirmos uma ciência e tecnologia humanizadoras, posicionando o homem como sujeito do fazer científico e tecnológico, e não o seu objeto.

IHU On-Line – O que o senhor quer dizer, quando afirma que a ciência contemporânea “ainda funciona de acordo com o determinismo cartesiano”?

Alfredo Gontijo de Oliveira – Essa é realmente uma questão crucial. Eu acredito que já tenhamos adentrado uma cultura em que a ciência já permite pensar de acordo com um novo paradigma. Entretanto, os dispositivos e, conseqüentemente, a tecnologia daí advinda, é clássica, no sentido de satisfazer a lógica científica do século XIX. Por exemplo, embora tenhamos necessitado da física quântica para projetar o transistor, a lógica de funcionamento

do transistor é clássica, mais precisamente, uma lógica buliana⁴ de “sim ou não”. A computação quântica, quando, e se, se tornar uma realidade, será exemplo de uma tecnologia baseada numa teoria do século XX (a física quântica). Como temos uma cultura que é muito mais fortemente determinada pela tecnologia do que pela ciência, afirmo que estamos ainda sob o império do determinismo cartesiano do século XIX.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A LÓGICA QUÂNTICA EXIGE MUDANÇAS DOS NOSSOS HÁBITOS MENTAIS

Entrevista com Basarab Nicolescu

*O romeno Basarab Nicolescu é um dos mais atuantes e respeitados físicos teóricos no cenário científico contemporâneo. Ele concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line**, por e-mail. Especialista na teoria das partículas elementares, é autor de diversos livros e centenas de artigos publicados em revistas especializadas e livros científicos coletivos na Europa, nos Estados Unidos, no Japão e no Brasil. É professor de física teórica da Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris, onde foi fundador do Laboratório de Física Teórica e de Altas Energias. É também presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (CIRET), fundado na França, em 1987. Na última década, Nicolescu tem produzido diversos textos que procuram desvendar as relações entre arte, ciência e tradição, propondo novos modelos de pensamento que possam resgatar à cultura e à sociedade um ser humano mais completo, capaz de enfrentar os desafios da complexidade, a intrincada teia de relações entre conhecimentos, disciplinas e sistemas (naturais, culturais e econômicos), que caracteriza o mundo contemporâneo. Nicolescu integra o corpo de pesquisadores do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS), de São Paulo. Seus livros publicados em português são **Ciência, Sentido & Evolução - A cosmologia de Jacob Boehme**. São Paulo: Attar Editorial, 1995; e **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001. **IHU On-Line** já havia entrevistado Basarab Nicolescu na 122ª edição, de 8 de novembro de 2004.*

IHU On-Line – O senhor se refere ao advento da mecânica quântica como um “escândalo intelectual”, visto que ela abala a lógica clássica. Em que medida esse abalo está efetivamente influenciando a produção de conhecimento?

Basarab Nicolescu – A técnica tem um grande papel neste abalo. Sem os progressos técnicos, é impossível efetuar as experiências de física que conduzem à formulação da mecânica quântica e, por conseqüência, ao questionamento da validade universal da lógica clássica.

IHU On-Line – O senhor também afirma que o espaço entre e além das disciplinas “está cheio”. O que contém esse espaço e como esse conteúdo pode ser conceitualizado?

Basarab Nicolescu – Este espaço contém um novo tipo de informação – a informação quântica. Seu conteúdo é conceitualizado pelos três postulados fundamentais da transdisciplinaridade: os níveis de Realidade e de percepção, a lógica do terceiro incluso e a complexidade.

⁴ Trata-se do aportuguesamento do termo “booleana”, que designa os princípios da lógica booleana, criada pelo matemático inglês George Boole (1815-1864). A referida lógica oferece métodos para distinguir sentenças verdadeiras de falsas. Suas variáveis assumem apenas valores 0 e 1 – verdadeiro e falso (Nota do **IHU On-Line**).

IHU On-Line – Como a nova produção de um novo conhecimento, para além dos importantes debates no âmbito acadêmico, está influenciando a política, a economia, as questões sociais? Como se manifesta a “lógica quântica” na vida concreta?

Basarab Nicolescu – O processo de mundialização é um grande desafio para toda a humanidade. A transdisciplinaridade pode conduzir a uma mundialização de feição humana, para uma educação transcultural e transreligiosa. Se os políticos desejam verdadeiramente evitar os conflitos mortíferos, eles devem adotar uma atitude transdisciplinar. De modo todo particular, eles devem pôr em dúvida o modelo atual do “todo econômico”. A economia não deve mais dominar nossa vida, mas se pôr ao nosso serviço, incluindo a todos. As relações sociais serão profundamente mudadas, pondo em evidência o terceiro incluído em cada situação complexa. A lógica quântica se manifesta por uma mudança total de nossos hábitos mentais. E nossos hábitos mentais determinam nossas ações.

IHU On-Line – Em que outros campos do conhecimento a transdisciplinaridade fez, efetivamente, progressos? Quais são os limites e obstáculos que se apresentaram?

Basarab Nicolescu – A partir da computação também se pode mencionar o domínio da saúde. No domínio dos *handicaps* mentais e físicos, a transdisciplinaridade é muito pertinente. Também para os cuidados das pessoas em final de vida e dos lactentes. Enfim, a transdisciplinaridade é capital no domínio da psiquiatria e da psicanálise. Os limites são aqueles impostos artificialmente pela estrutura atual das instituições. Os obstáculos provêm de nossos hábitos mentais, de uma outra época que não esta do século XXI.

IHU On-Line – É possível avaliar o grau de adesão das instituições geradoras de conhecimento ao conceito de “transdisciplinaridade”? Quais as reações na pesquisa científica? É possível realizar um diagnóstico mundial, mesmo preliminar, relativamente à compreensão e adoção deste conceito nas diversas regiões do mundo?

Basarab Nicolescu – Pode-se falar em geral do “grau de adesão” das instituições, mas não pode haver uma adesão global. Esta adesão se faz por pequenos passos, em cada região do mundo e, sobretudo por iniciativas locais tomadas por personalidades conscientes dos percalços da transdisciplinaridade. Do local ao global – tal é o caminho da transdisciplinaridade. A pesquisa científica continua demasiado especializada e demasiado concentrada em minúsculos territórios do conhecimento. Mas, a pesquisa científica se ressent, inevitavelmente, da precisão de transdisciplinaridade, como, por exemplo, no domínio da neurofisiologia e da genética. Os países mais avançados no domínio da transdisciplinaridade são o Brasil, o Canadá, a Suíça, a Romênia e a Austrália. Alguns passos importantes se operam atualmente na África do Sul.

IHU On-Line – Como podem ser abordadas as relações da lógica quântica com a Teoria dos Sistemas? Qual a contribuição desta para o “escândalo intelectual” acima mencionado? Pode-se dizer que a lógica quântica recuperou e restituiu, em favor do conhecimento humano, a herança da Teoria dos Sistemas?

Basarab Nicolescu – Há um grande parentesco entre a transdisciplinaridade e a Teoria dos Sistemas, sobretudo no reconhecimento do papel da complexidade no conhecimento. Mas, o que falta na teoria dos sistemas e na teoria da complexidade é a noção central da transdisciplinaridade – a de “níveis de Realidade”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O PERIGO DO CHARLATANISMO NA GENERALIZAÇÃO DOS CONCEITOS QUÂNTICOS

Entrevista com Carlos Alberto dos Santos

Carlos Alberto dos Santos é professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É mestre e doutor em Física pela UFRGS e Pós-Doutor pelo Centre d' Études Nucleaires de Grenoble, CENG*, França. No dia 18 de maio próximo, às 14hs30min, Ele ministrará a oficina “A vida de Einsteins – episódios marcantes”, que integra a programação do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nos dias 16 a 19 de maio de 2005. É autor dos livros **Nitretação Iônica**. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1989; juntamente com Moreira, M. A., escreveu **Escalonamento Multidimensional e Análise de Agrupamentos Hierárquicos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991; com Viullani A., Bassalo, J.M. F. e Martins, R. A., escreveu **Da revolução científica à revolução tecnológica: tópicos de história da física moderna**. Porto Alegre: Instituto de Física - UFRGS, 1998. Também é da sua autoria o livro **O plágio de Einstein**. Porto Alegre: WS Editor, 2003. É editor do sítio www.if.ufrgs.br/einstein As questões foram respondidas via e-mail.

IHU On-Line – Diz o famoso panegírico sobre Newton que ele trouxe para a luz do dia as leis sobre as quais Deus havia lançado um “manto escuro”. Como podemos nos referir às descobertas de Einstein?

Carlos Alberto dos Santos – Acho que é a mesma coisa. O que Galileu e Newton fizeram com a ciência aristotélica, Einstein fez com a física clássica (mecânica newtoniana, eletromagnetismo, termodinâmica). Todos eles quebraram paradigmas vigentes. Einstein foi o estopim, que outros contribuíram para acender e transformar a ciência e a tecnologia do século XX. Praticamente tudo que hoje temos na tecnologia, vem daqueles trabalhos da virada do século.

IHU On-Line – Quais as decorrências das descobertas de Einstein que o senhor destaca?

Carlos Alberto dos Santos – Quase tudo que temos hoje no nosso cotidiano (em termos tecnológicos) vem das descobertas de Einstein. Para as situações mais óbvias, o caminho é simples e claro: quantização da radiação eletromagnética – modelo atômico de Rutherford e Bohr⁵ – mecânica quântica – física nuclear – semicondutores – microeletrônica. A relatividade geral resultou na moderna cosmologia, que é a forma como entendemos o mundo. Também na tecnologia, a relatividade geral tem influência: se não fossem usadas correções relativísticas nos equipamentos de GPS⁶, seriam acumulados erros da ordem de 11 km por dia.

IHU On-Line – Em recente artigo, o senhor afirmou que “Einstein percebia similaridades nos princípios básicos em contextos aparentemente desconexos”. O senhor poderia, de maneira exemplificativa, discorrer sobre essa característica da percepção de Einstein?

Carlos Alberto dos Santos – No final do século XIX, a física clássica era composta, essencialmente, da mecânica newtoniana, da termodinâmica e do eletromagnetismo. Essas três áreas tinham pouca conexão. A teoria cinética dos gases usava conceitos da mecânica,

⁵ Niels Henrick Borh (1885-1962), físico dinamarquês, apoiando-se em pesquisas de Nelson Ernest Rutherford, físico neo-zelandês (1871-1937) e de Max Plack (ver nota abaixo) concebeu uma teoria atômica que destacou-se pela exatidão. (Nota do *IHU On-Line*).

⁶ Sigla de Global Positioning System. Trata-se de um sistema de rádio navegação, baseado em satélite. Determina a posição do usuário 24 horas por dia, sob qualquer condição climática e em qualquer local do mundo. (Nota do *IHU On-Line*).

mas ainda estava no início do seu desenvolvimento. O problema da radiação de corpo negro (um problema essencialmente da termodinâmica) foi resolvido por Max Planck⁷, quando, em 1900, ele propôs que a energia só podia ser absorvida ou emitida em quantidades bem definidas, que ele denominou *quantum*, e sua energia era definida pelo produto da frequência da radiação emitida pelo corpo aquecido e de uma constante, que depois veio a ser denominada constante de Planck. No entanto, ele entendia que esta constante era tão somente um artifício matemático para ajustar a curva espectral. Naquela mesma época, havia outro problema, circunscrito ao eletromagnetismo. Era o efeito fotoelétrico, isto é, quando uma chapa metálica era irradiada por algum tipo de radiação eletromagnética (por exemplo, radiação ultravioleta), ela adquiria carga elétrica positiva. Na verdade, o fato essencial era que ela emitia elétrons. Para resolver esse problema, Einstein tomou emprestada a idéia de Planck e a estendeu para a radiação: ele propôs que a radiação eletromagnética, isto é a luz, era composta de corpúsculos, também denominados *quantum*. Hoje esses corpúsculos são conhecidos como fótons. Essa foi a grande revolução do início do século XX. Ao explicar o efeito fotoelétrico, Albert Einstein deu vida à constante de Planck. Oito anos depois, Niels Bohr a usaria no seu modelo atômico (na verdade, modelo proposto por Rutherford). Então, ao conectar termodinâmica e eletromagnetismo, Einstein deu o grande passo para a formulação da teoria quântica.

IHU On-Line – Qual é a sua opinião sobre a aplicação dos conceitos quânticos em outras áreas do conhecimento humano?

Carlos Alberto dos Santos – Vejo com muita preocupação o exagero que se comete na generalização dos conceitos quânticos. Frequentemente não passa de charlatanismo ou uso inadequado de analogias.

IHU On-Line – O senhor pode relacionar algumas das analogias que lhe parecem forçadas e/ou temerárias?

Carlos Alberto dos Santos – Você já viu um livro cujo título é algo como **Administração Quântica**⁸? O professor Moacir Araújo Lima (participa com frequência dos programas da TV Guaíba) costuma dizer que a teoria quântica, ao estabelecer que a medida depende do observador, justifica os ensinamentos espíritas. É esse tipo de exagero que me preocupa. A teoria quântica só vale no mundo microscópico. Sequer vale na cosmologia! Como será possível extrapolá-la para o comportamento humano, ou espiritual? Infelizmente, não posso entrar em detalhes, pois não costumo memorizar as abordagens exóticas em torno da física. No livro **Imposturas intelectuais**⁹, do Sokal, há uma boa coleção.

IHU On-Line – Como o senhor avalia o ensino de Física no Brasil? As suas dimensões e projeções “miraculosas” vêm sendo compreendidas adequadamente?

Carlos Alberto dos Santos – Há um problema muito sério para o ensino das ciências no Brasil: a baixa valorização do professor, sobretudo no ensino médio, onde esta situação é mais crítica. Na universidade, recebemos alunos com a mente completamente deformada. Muito esforço tem que ser feito para quebrar os *misconceptions* (ou concepções espontâneas) e

⁷ Max Karl Ernst Ludwig Planck (1858-1947), físico alemão, considerado o pai da teoria quântica (Nota do **IHU On-Line**).

⁸ Provavelmente o entrevistado refira-se ao livro **Em busca da empresa quântica**, de Clemente da Nóbrega. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Está esgotado, já em sua segunda edição. (Nota do **IHU On-Line**).

⁹ Sokal, Alan e Bricmont, Jean. **Imposturas intelectuais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999 (Nota do **IHU On-Line**).

iniciar um processo razoável de ensino-aprendizagem. Com a baixa remuneração, os professores são obrigados a assumir uma exagerada carga didática, impedindo o necessário aperfeiçoamento.

IHU On-Line – Para o ensino das ciências naturais, o que são alunos “com a mente completamente deformada”?

Carlos Alberto dos Santos – Em suma, uma mente é “deformada” em ciência, quando, na solução de qualquer problema, deixa de usar os conceitos fundamentais da matéria pertinente. Isso se manifesta claramente pela falta de uso da intuição. Por exemplo, ao perguntar o que acontece quando largamos uma pedra (simplesmente abrimos a mão e a deixamos livre), a maioria dos alunos tenta responder, apelando para conceitos complexos, alguns dos quais eles não têm a menor idéia do que significam. Falam em campo gravitacional, força gravitacional, etc. Quase nenhum diz a resposta óbvia: A PEDRA CAI. Essa é a primeira resposta a ser dada. É tão simples, não? Mas a deformação de uma educação inadequada impede que o aluno PENSE SIMPLES!

IHU On-Line – Considerando que o termo “milagre” designa basicamente um fenômeno inexplicável pelas leis naturais, não é curioso que o ano de 1905, quando foram publicados os artigos paradigmáticos de Einstein, seja denominado de “ano milagroso” pelos cientistas?

Carlos Alberto dos Santos – Esse termo vem do latim *Annus Mirabilis*, e já foi utilizado (no plural *Anni Mirabiles*) para se referir aos anos de 1664-1666, quando Newton realizou seus estudos sobre ótica. Acho que qualquer pessoa, por mais agnóstica que seja, sempre manifesta espanto com as grandes descobertas. Esse espanto é manifestado pela admissão de um “milagre”. Acho que é uma espécie de figura de linguagem.

[\(Voltar ao índice\)](#)

SEPARAR O CARÁTER QUÂNTICO DA NATUREZA DA TEORIA QUÂNTICA QUE BUSCA DESCRREVÊ-LO

Entrevista com Enio Frota da Silveira

Enio Frota da Silveira é professor do Centro Técnico-Científico da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). É mestre em Física pela PUC-RJ, doutor em Física pela Université Paris Sud, UP - SUD, França e pós-doutor pela Texas A M University, TAMU, Estados Unidos. A entrevista foi concedida por e-mail.

IHU On-Line – A física vem se revelando um dos mais fascinantes campos do conhecimento humano. Entretanto, ela parece despertar pouco interesse entre os jovens estudantes. Quais as razões desse afastamento, na sua opinião? Ele tem diminuído? Quais os aperfeiçoamentos que o ensino da Física está a exigir?

Enio Frota da Silveira – Concordo obviamente com a afirmação. A física, nos três últimos séculos, tem sido uma das molas mestras do progresso científico, revelando-nos como é o mundo em que vivemos e fornecendo uma infra-estrutura para o desenvolvimento de outras disciplinas. Sem a física, os computadores não passariam de ábacos e as telecomunicações por rádio não existiriam. Foi também graças a ela que sabemos hoje que o Universo está em expansão há 14 bilhões de anos. De descobertas da física surgiram aparelhos ou técnicas como os raios-X, os lasers, as microondas e a ultra-sonografia, que modificaram profundamente

a medicina moderna e a telefonia. É quase inconcebível imaginar a sociedade atual sem o benefício de tais avanços tecnológicos. Descobrimos também que a vida teve início na Terra há quase quatro bilhões de anos e que muito dificilmente entraremos em contacto com seres extraterrestres. Tais informações “cosmológicas” transcendem a própria física e invadem campos como filosofia, teologia, antropologia e paleontologia. Quanto à redução do interesse pela física entre os jovens, seria conveniente perguntar a eles a razão. De qualquer forma, acho que este comportamento é mais amplo e profundo, pois inclui a matemática, a química e, de certa forma, também as engenharias. A sociedade moderna desfruta de muito conforto e vemos que freqüentemente as inovações tecnológicas visam ao consumismo. Pode ser, então, que muitos jovens julguem que tudo já esteja inventado e não se sintam motivados ao estudo das ciências exatas. Há uma visível fuga do tecnológico, ao contrário do movimento das décadas 1950-70. Essa tendência apresenta um grande desafio aos professores. Realizações como o Museu de Ciência da PUC-RS buscam aproximar o público, principalmente o jovem, das ciências exatas e tecnológicas. Como em parte as necessidades ditam as investigações, talvez uma forma de motivá-lo seja realçar, no ensino da Física, as questões que afligem o homem moderno. Não é por acaso que tem crescido o interesse pela biofísica.

IHU On-Line – Entre os aperfeiçoamentos referidos na questão anterior, estaria uma aproximação com a filosofia? Qual é a sua opinião sobre a aplicação dos conceitos quânticos em outros campos do conhecimento humano?

Enio Frota da Silveira – A física básica sempre esteve próxima da filosofia. Temas como o geocentrismo e a teoria atômica de Demócrito¹⁰ geraram debates intensos entre físicos e filósofos. A teoria da relatividade e a física quântica continuam promovendo discussões entre eles. A aplicação dos conceitos quânticos em outros campos do conhecimento é tentadora no sentido revolucionário, quebrando paradigmas com conceitos clássicos. Um desses conceitos é o Princípio da Incerteza, que postula para determinadas circunstâncias que a informação possível de ser obtida é limitada por “princípio”, isto é, ao atingir um certo limite, não adianta usar um aparelho mais caro ou sofisticado, trocar de método, etc. que nunca poderemos aumentar nosso grau de informação. Quanto mais conhecimento conseguimos sobre uma grandeza, menos sabemos sobre uma outra associada. Esta idéia tem sido estendida a outras áreas, mas talvez deva ser apenas em um sentido metafórico.

IHU On-Line – Quais são os principais problemas teóricos enfrentados pela física neste começo de século? O que, por assim dizer, falta “resolver”?

Enio Frota da Silveira – Em linhas gerais, a pesquisa hoje em física está direcionada para o muito grande (cosmologia), para o muito pequeno (partículas elementares) e para o muito complexo (demais áreas da física). Por exemplo, gostaríamos de saber “como” o universo se expande, “como” os *quarks* interagem e “como” milhões de átomos se reúnem para formar um DNA. Outro problema a resolver: todos os fenômenos físicos que conhecemos e que estudamos, podem ser explicados por quatro tipos fundamentais de força: a gravitacional, a elétrica, a nuclear e uma denominada de fraca. Um grande problema teórico é a unificação dessas quatro interações.

¹⁰ Demócrito de Abdera (480aC-380aC), filósofo grego que acreditava que tudo estava predeterminado por ser resultado de um simples jogo de causa e efeito entre os átomos (Nota do *IHU On-Line*).

IHU On-Line – Pode-se dizer que a física quântica nos revelou a existência de um mundo impossível de apreender objetivamente? Se assim é, como se pode lidar objetivamente com uma sucessão de fenômenos não-objetivos?

Enio Frota da Silveira – Talvez as idéias que temos sobre física quântica fiquem mais tangíveis se separarmos o “caráter” quântico da natureza da “teoria” quântica que busca descrevê-lo. É um fato que a natureza é quântica no mundo microscópico. Uma prova disso é que todos os elétrons ou prótons são absolutamente iguais (indistinguíveis) enquanto que asteróides, planetas ou estrelas são todos diferentes uns dos outros; outra prova “visível” do comportamento quântico (não contínuo) da natureza é que as luzes de algumas lâmpadas amarelas, usadas na iluminação pública podem ter intensidades diferentes, mas têm exatamente a mesma cor. Esses fenômenos são bem objetivos. Por outro lado, a teoria que temos para descrevê-los é tremendamente abstrata. Mas isso é outra estória...

[\(Voltar ao índice\)](#)

A ONIPRESENÇA TRANSFORMADORA DOS PRINCÍPIOS QUÂNTICOS

Entrevista com Fernando Haas

*Fernando Haas é professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É mestre e doutor em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pós-Doutor pela Université Henri Poincaré, UHP, Brasil. Juntamente com R. Portugal, é autor do livro **Computação Algébrica e Simetrias de Lie**. [s.l.] Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada, 2001. A entrevista foi concedida por e-mail.*

IHU On-Line – Qual é a contribuição da física quântica para as demais áreas do conhecimento humano?

Fernando Haas – A física quântica (também chamada de mecânica quântica) influenciou e influencia, de modo importante, uma série de áreas do conhecimento. Na filosofia do século XX, por exemplo, é difícil ignorar as questões levantadas a partir da formulação da mecânica quântica, nos idos da década de 1920. Nesse sentido, ficou famoso o debate entre Einstein e Bohr¹¹, este talvez o líder da chamada escola de Copenhagem, a corrente majoritária entre os físicos, quando se trata de dar uma interpretação à mecânica quântica. Segundo a escola de Copenhagem¹², não existe uma realidade intrínseca, independente do observador. Esta visão se opõe àquela advogada por Einstein e outros, denominada visão realista, que acredita na existência de uma natureza independente de se fazer ou não experiências, buscando descobrir suas propriedades. Estas questões epistemológicas sobre a natureza do conhecimento oferecido pela física quântica não foram decididas, sendo objeto de debate atual. O próprio Einstein, apesar de suas contribuições ao desenvolvimento da mecânica quântica, acreditou até o fim da vida no advento de uma teoria mais geral, livre das dificuldades de interpretação da mecânica quântica. Por outro lado, nas áreas mais tecnológicas, a mecânica quântica tem também um papel fundamental. Estima-se que 30% do PIB mundial dependem de fenômenos que só podem ser devidamente explicados pela física quântica. O computador, por exemplo, só

¹¹ Refere-se ao debate entre Albert Einstein e Niels Bohr, relativamente ao indeterminismo ontológico sugerido pela mecânica quântica (Nota do **IHU On-Line**).

¹² A Escola de Copenhagem reuniu os principais formuladores da mecânica quântica (Nota do **IHU On-Line**).

pôde evoluir da formulação teórica de Alan Turing¹³ para a máquina real que conhecemos, após a invenção do transistor. O transistor, como uma série de dispositivos eletrônicos, se apóia na física dos semicondutores, a qual só pode ser propriamente entendida por meio de princípios quânticos. Nesse mesmo caminho, a crescente miniaturização dos dispositivos eletrônicos exige, cada vez mais, a aplicação de princípios quânticos, quando se trata de incrementar a capacidade de processamento dos computadores. Isso sem contar com o novo paradigma da computação quântica, que pode levar a uma nova revolução na informática, caso possa ser implementado na prática, e não apenas na teoria. Não podemos também esquecer as aplicações da física quântica na geração de energia, já que uma parcela significativa da energia elétrica mundial provém de reatores à base de fissão nuclear, um processo descrito pela física nuclear, que é um capítulo da física quântica. Na mesma linha, a pesquisa sobre reatores nucleares, a fusão, tida por muitos como a saída para a crise do fim dos combustíveis fósseis, exige o domínio da física quântica. Do ponto de vista indubitavelmente negativo, há que se lembrar que as armas nucleares, quer se queira admitir, quer não, só puderam ser desenvolvidas a partir da física nuclear, um setor da física quântica. No âmbito da física, a cosmologia, a física das partículas elementares, as teorias de grande unificação, são todas pensadas atualmente no paradigma da mecânica quântica, ou seja, as áreas mais nobres da física, que buscam nos dar respostas sobre a natureza última do universo, estão apoiadas na física quântica.

IHU On-Line – A aplicação dos conceitos quânticos nessas áreas está consolidada?

Fernando Haas – Sobre as aplicações da mecânica quântica estarem consolidadas, a resposta é não, já que, diariamente, surgem novas e instigantes possibilidades nesse sentido. Por exemplo, temos, hoje, o desenvolvimento dos nanomateriais, ou seja, dispositivos microscópicos (da escala atômica), criados para tarefas específicas como fazer o papel de transistores. Há também uma série de conjecturas sobre o papel da física quântica na emergência do que chamamos “consciência”. Nessa linha, antigas questões como a existência ou não de livre-arbítrio podem ser examinadas sob uma nova luz, a luz da física quântica. Temos também, finalmente, muitas questões físico-filosóficas que ainda demandam exame, sobre a interpretação da mecânica quântica ou sobre a transição do mundo do muito pequeno para o mundo macroscópico, onde os fenômenos quânticos freqüentemente são desprezíveis.

IHU On-Line – Quais são os principais debates e pesquisas, envolvendo a física atualmente? Eles são tributários diretos das descobertas de Einstein?

Fernando Haas – Provavelmente, a resposta a esta pergunta varia tremendamente, dependendo de quem está sendo entrevistado. Na minha opinião, temos duas frentes principais. Uma delas se refere à física dos sistemas complexos, que se relaciona com a aplicação da física aos fenômenos da vida, da biologia. Estamos apenas iniciando nesta questão fundamental que é entender a biologia em termos de modelos físico-matemáticos mais profundos. Por outro lado, no mundo das partículas subatômicas, teremos, nos próximos anos, o funcionamento de um novo acelerador de partículas, o *Large Hadron Collider* (LHC), que nos permitirá acessar a novas escalas de energia, o que admitirá testar devidamente a teoria atualmente aceita sobre as forças da natureza, baseada no conceito de supersimetria.

¹³ Alan Mathison Turing (1912-1954), matemático inglês. Idealizou a “máquina de Turing”, antecessora dos computadores, capaz de calcular qualquer função matemática mediante um determinado conjunto de instruções (Nota do *IHU On-Line*).

Eventualmente, novos fenômenos poderão ser observados. A supersimetria, como o nome diz, envolve um princípio de simetria, de invariância. A idéia de que por trás da aparente desordem do mundo deve existir um princípio matemático unificador, de simetria, remonta a Platão. Mais recentemente, Einstein, com a sua teoria da relatividade especial, foi o grande responsável pela importância dos princípios de simetria na física. Mais exatamente, na teoria da relatividade geral, não há um observador privilegiado no mundo, o que é um tipo de princípio de simetria. Todos os sistemas de referência são igualmente aceitáveis, qualquer que seja seu tipo de movimento. Portanto, sem Einstein possivelmente não teríamos a supersimetria nem qualquer das teorias em voga na física das partículas subatômicas. Para completar, Einstein contribuiu decisivamente no desenvolvimento da mecânica quântica, subjacente a todas estas questões.

IHU On-Line – Persiste como amplamente válida a estrutura causal do mundo, revelada pelo exame da propagação da luz realizado por Einstein?

Fernando Haas – Que eu saiba, não há contestação experimental à teoria da relatividade. Além disso, o princípio de causalidade, ou seja, de que as causas precedem os efeitos, permanece aceito. Nesse sentido, a existência de uma velocidade limite, a velocidade da luz, impõe restrições, já que a ocorrência de dado “efeito” num dado ponto do espaço só pode ocorrer após um certo tempo, determinado pela distância até a “causa” e a velocidade da luz. Existem certas situações admissíveis na mecânica quântica, como no experimento Einstein-Podolsky-Rosen (EPR)¹⁴, em que há aparente violação do princípio da causalidade. Entretanto, segundo a visão majoritariamente aceita, esta violação é apenas aparente, não havendo propagação de informação a uma velocidade que exceda a da luz.

IHU On-Line – Como a física quântica se relaciona com a teoria dos sistemas e a teoria do caos? Quais as decorrências práticas desse diálogo?

Fernando Haas – Confesso que não sou o personagem mais apto a falar sobre a Teoria dos Sistemas, que conheço apenas superficialmente. Acredito, porém, no poder de fogo dos princípios de simetria, tão caros à mecânica quântica e certamente úteis também no caso da Teoria dos Sistemas. Quanto à Teoria do Caos, existe o chamado caos quântico, que se manifesta por uma distribuição desorganizada dos níveis de energia no caso de sistemas cujo limite clássico é caótico. Trata-se, porém, de um caos menos bombástico do que o caos evidenciado nos sistemas clássicos. Tudo devido à estrutura matemática linear da mecânica quântica, que, neste pormenor, é muito mais “bem comportada” do que a mecânica clássica. Provavelmente é dos únicos aspectos em que o mundo quântico é mais habitável do que o mundo clássico.

IHU On-Line – Como o senhor avalia o estágio do ensino e da pesquisa da física no Brasil? Nesse cenário, qual é a posição da Unisinos?

Fernando Haas – A física brasileira vive uma situação paradoxal. Por um lado, temos uma produção acadêmica qualificada, com boa inserção e reconhecimento internacionais. Por outro lado, não temos, no momento, uma geração de pesquisadores de destaque do nível da geração

¹⁴ A sigla EPR designa os autores (Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen (os dois últimos são físicos norte-americanos) de um experimento destinado a demonstrar a incompletude da mecânica quântica. Insere-se no debate Einstein-Bohr, antes mencionado (Nota do *IHU On-Line*).

de um César Lattes¹⁵, por exemplo. Temos, também, por incrível que pareça, uma legião de jovens doutores e pós-doutores, que não conseguem posição no meio acadêmico, sendo obrigados freqüentemente a executar malabarismos para sobreviver. O que fazer com estes jovens doutores e pós-doutores, como fazer para não jogar pelo ralo o seu investimento pessoal e o investimento estatal na forma de bolsas que foram dadas a eles, é a questão humana mais premente que vejo no momento. Diferentemente da época da corrida armamentista, na qual, por óbvias e nada nobres razões, se reconhecia, de imediato, a sua importância, hoje, é necessário convencer a sociedade da relevância da física. Nós, físicos, pelo jeito não somos muito bons em promoção pessoal ou da área. Quanto à Unisinos, no momento, é modesta a pesquisa em física na Universidade, com apenas alguns projetos de pesquisa em andamento e sem pós-graduação na área. Acredito, porém, que a Universidade esteja pronta a incentivar novas propostas de qualidade no setor.

[\(Voltar ao índice\)](#)

CHARDIN REVELA A CUMPLICIDADE ENTRE O ESPÍRITO E A MATÉRIA

Entrevista com Waldecy Tenório

*Waldecy Tenório é professor de Literatura no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, pesquisador na área de estudos comparados de Literatura e Teologia. Durante o **Seminário Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, que será promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19 de maio deste ano, o professor Waldecy Tenório ministrará o minicurso “Literatura e Teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a Terra dos Homens”. O referido minicurso ocorrerá dia 19 de maio, às 14gs30min. Ele escreveu a obra **A bailadora andaluza, a explosão do sagrado na poesia de João Cabral**. Waldecy Tenório de Lima é professor do PPG em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde leciona Literatura. É pesquisador na área de estudos comparados de Literatura e Teologia. É doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese *A Bailadora Andaluza: A lucidez, a esperança e o sagrado na poesia de João Cabral*. As questões foram respondidas por e-mail.*

IHU On-Line – Da física quântica emergiu uma nova compreensão do mundo, ampliando a dimensão cósmica sobre a ciência. A matéria explicada se alçou sobre o espírito?

Waldecy Tenório – Minha primeira reação foi olhar instintivamente para trás, na esperança de que a pergunta fosse dirigida à outra pessoa. Mas não, é a mim que você se dirige e espero que não me negue o direito de espernear. Não sou cosmólogo, nem cientista, nem teólogo, nem filósofo, e ainda que fosse... conhece a *boutade* de Maurice Blanchot¹⁶? No tempo de Platão, filósofo era aquele que se espantava, hoje filósofo é aquele que tem medo. Se filósofo sou, e ainda tenho medo, imagine a situação! Para responder então à sua pergunta, só mesmo apelando para o início de um conto de Machado de Assis. Começa mais ou menos assim: “Aquele moço que está ali parado na rua Nova do Conde esquina Campo da Aclimação, às dez

¹⁵ Físico brasileiro, de nome Cesare Mansueto Giulio Lattes. Nascido em 1924, faleceu em 08-03-2005. Sobre ele, **IHU On-Line** publicou na sua 132ª edição, de 14-03-2005, os textos “César Lattes – 1924/2005”; “Físico César Lattes morre aos 80 anos” e “César Lattes, herói da física nacional”. (Nota do **IHU On-Line**).

¹⁶ Maurice Blanchot (1907-2004) dedicou a vida à literatura. Romancista, jornalista e crítico literário, tornou-se íntimo do público europeu devido às suas análises precisas de grandes nomes da literatura. Um marco na sua carreira foi a publicação de **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (Nota do **IHU On-Line**)

horas da noite, não é nenhum ladrão, não é sequer um filósofo”. Pois é, se eu fosse um ladrão, poderia roubar esses temas, trapacear com eles, como não é o caso, vamos fazer um acordo: vou falar do único lugar de onde posso falar e, vou logo dizendo, é um lugar suspeito. Basta dizer que, em vez de uma metodologia, cultiva-se ali uma “mitodologia”. Esse lugar, a minha área de pesquisa, chama-se na terminologia de Karl-Josef Kuschel¹⁷, teopoética. Em termos menos solenes, o lugar onde se fazem estudos comparados de literatura e teologia. Mas o que sabe a literatura sobre o que você me pergunta? Poderá ela, ao menos, tangenciar as questões que a pergunta implica? Vou lhe lembrar uma coisa. Quando estudou os escritores realistas, um crítico inglês chamado C. P. Snow¹⁸ descobriu mais ou menos o seguinte: Engels, o companheiro de Marx, aliás, um alto companheiro, não era dado a gentilezas e não tinha nenhuma simpatia por um católico reacionário como Balzac¹⁹. Mesmo assim, pode dizer que Balzac nos revelou, sobre o caráter da sociedade francesa do seu tempo, muito mais do que o fizeram políticos, sociólogos, historiadores etc. É evidente que o reconhecimento de Engels não se dava pelo fato de Balzac ser católico, muito menos reacionário, mas porque, reacionário ou católico, não interessa, ele era um grande escritor. E é por aí, talvez, que eu possa dar alguns passos, sem tropeçar demais. O primeiro é retomar uma pergunta de Clarice Lispector: Se eu olhar a escuridão com uma lente, verei mais que a escuridão? O segundo é dar a resposta que ela mesma encontra: “A lente não devassa a escuridão, apenas a revela ainda mais”. O que eu quero dizer com isso? Que a ciência é essa lente? Sim, mas isso não quer dizer que eu tenha alguma coisa contra a lente, pelo contrário, ainda mais que ela tem um traço positivo: revela a escuridão. Só que a lente, para continuar com a metáfora, é insuficiente para desvendar o mistério, e a vida, queiramos ou não, tem essa dimensão que Jean Guitton²⁰ chama de misterial. Retomando a pergunta, da ciência emerge uma nova compreensão do mundo. É evidente que o conhecimento científico se amplia no macro e no micro. E muito embora ele seja extraordinário, a lente ainda é um instrumento deficiente: a bengala do cego. Talvez por isso tenhamos criado essa dicotomia entre matéria e espírito. Desde Platão, tem sido assim. O cristianismo, por sua vez, reforça a suspeita que pesa sobre a matéria. E então é necessário ouvir Maitre Eckhart²¹: Se a alma pudesse conhecer Deus sem o mundo, o mundo nunca teria

¹⁷ Karl-Josef Kuschel, teólogo católico alemão que exigiu um diálogo mais intenso entre cristãos, judeus e muçulmanos. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁸ Charles Percy Snow (1905-1981). Físico e romancista inglês autor do livro "Duas Culturas", publicado em 1959. Na obra, Snow inaugurou um fértil debate sobre o distanciamento progressivo entre as ciências naturais e humanidades, que no seu entender provoca um empobrecimento intelectual. O texto teve grande repercussão tanto dentro quanto fora dos meios acadêmicos. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁹ Honoré de Balzac (1799-1850), dramaturgo francês, autor do conjunto de romances Comédia Humana. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁰ Jean Guitton (1901-1999) romancista e pintor doutor em Letras e professor de Filosofia na Faculdade de Letras de Paris, representante do pensamento cristão moderno autor de ampla obra filosófica e teológica. (Nota do *IHU On-Line*)

²¹ Maitre Eckhart (1260-1327) nasceu em Hochheim, na Turíngia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se "exercitar nas obras, que são seus frutos", mas, ao mesmo tempo, "deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras". Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária.

sido criado. Eckhart está simplesmente lembrando que a matéria, afinal, é uma criação do Pai. Será por essa razão que David Bohm²² fala em “mistério absoluto” e nos recorda que a matéria é sutil, ou seja, espiritual? Seja como for, Teilhard de Chardin²³ vai mais longe. Ele escreveu textos admiráveis, como, por exemplo *O poder espiritual da matéria*. Guardei o primeiro parágrafo de uma oração: “Senhor, visto que, com todo o instinto, e em todas as vicissitudes da minha vida, não cessei de vos buscar e de vos colocar no centro da Matéria universal. É no deslumbramento de uma universal transparência e de um universal Incêndio que terei a alegria de fechar os olhos... Quer dizer, Deus nos espreitando no fundo da matéria. Imagine só ele observando os cientistas pelos olhos da ovelha Dolly! Em Chardin, o espírito e a matéria são cúmplices. Ela diz a ele: quem me viu uma vez não pode mais me esquecer: condena-se comigo ou salva-me consigo. Isso é Chardin.

***IHU On-Line* – Como as explicações religiosas do mundo têm convivido com o miraculoso avanço científico? Elas estão preparadas para enfrentar os seus permanentes desdobramentos, que ocorrem e influenciam o planeta em uma rapidez geométrica?**

Waldecy Tenório – Vimos, na questão anterior, embutida na sua pergunta, a idéia de que da ciência (você menciona a física quântica) emergiu uma nova compreensão do mundo. E é verdade. No entanto, e isso é profundamente irônico, Edgar Morin²⁴ precisou dedicar um capítulo de *Os sete saberes* para nos dizer que precisamos ensinar a compreensão. O que isso quer dizer, afinal? Não vamos tirar conclusões apressadas, Flaubert já nos advertiu contra a *bêtise* que é *vouloir conclure*. Morin absolutamente não discorda da idéia de que a ciência produziu uma nova compreensão do mundo. O que ele faz é pensar os seus desdobramentos, pensar as conseqüências que isso inevitavelmente provoca. Por exemplo: em algum lugar dos seus escritos ele diz que os humanos ficaram totalmente desorientados, a partir do momento em que compreenderam que eram hóspedes de um pequeno pião, o qual gira no espaço em torno de uma bola de fogo. E, pior, quando descobriram que a tal bola de fogo não passava de um pequeno astro perdido entre bilhões de estrelas, aí então desmoronou toda a certeza que os humanos pudessem ter sobre o próprio destino. Bem, esta é uma parte da história. A outra

Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa do *IHU On-Line*, edição 133. (Nota do *IHU On-Line*).

²² David Bohm (1917-1992) estadunidense, um dos grandes físicos do século, viveu por três anos em São Paulo. (Nota do *IHU On-Line*)

²³ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte será lembrado no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, e que será realizado de 16 a 19 de maio de 2005. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁴ *Edgar Morin: estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas. Sociólogo por formação, ele, no entanto, se recusa a ser enquadrado nesta disciplina e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia. Pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. É autor de, entre outros, A religação dos saberes. O desafio do século XXI. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001. O Instituto Humanitas Unisinos está promovendo na Livraria Cultura, em Porto Alegre, o evento Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin, já realizado na Unisinos no ano passado. (Nota do *IHU On-Line*).*

parte é a seguinte: neste mesmo momento, surgem os fundamentalismos de toda a ordem, gerando outras certezas. É uma espécie de mecanismo de compensação, tanto que, na falta de um bom fundamentalismo religioso, um fundamentalismo de mercado também serve. Por trás desses fundamentalismos, há uma história antiga de intolerância que precisamos rever. Do lado da religião, um bom exemplo é aquela máxima muito conhecida no passado: Fora da Igreja não há salvação. Do lado da ciência, podemos lembrar aquele conhecido episódio que tem como personagens Laplace²⁵ e Napoleão. Quando o imperador censura Laplace por não haver feito nenhuma referência a Deus em sua cosmologia, este responde: “Majestade, eu não preciso dessa hipótese”. E, desde então, Deus vem seguindo esta brilhante carreira de hipótese inútil. Em matéria de arrogância, o placar empata. Elas por elas. Felizmente, nas duas partes há exemplos contrários, bem diferentes. No começo do cristianismo, há aquela epístola de São Paulo, reconhecendo a absoluta precariedade do conhecimento teológico. Agora nós vemos em enigma e em um espelho, algo assim. Do outro lado, e já em plena modernidade, Karl Popper²⁶ vem nos dizer, em sua *Autobiografia Intelectual*²⁷, que o conhecimento científico começa por um problema e termina em problema, sem triunfalismos. Esses dois últimos exemplos apontam o caminho que devemos trilhar, do anátema ao diálogo, se quisermos evitar esse horror religioso que os fundamentalismos nos prometem. Esse horror sempre degenera em ferocidade e é necessário, portanto, dissolvê-lo, nem que seja em água benta.

IHU On-Line – Em um universo evolutivo, como demonstram os avanços científicos, e num planeta marcado por fundamentalismos, quais são o alcance e o valor da ação humana? A esse respeito, o que nos lega a obra de Teilhard de Chardin?

Waldecy Tenório – Não disse que são ferozes? Ai estão eles, outra vez, nos ameaçando. Aliás, o perigo vem sempre deles, nunca dos avanços científicos. E certamente pensando em como evitar os fundamentalismos, você pergunta sobre o valor e o alcance da ação humana. Vamos lá. Segundo minha “mitodologia” (você já percebeu a brincadeira com Duran), é sempre bom começar por uma provocação poética e esta que vou fazer é de *O artista inconfessável* de João Cabral de Melo Neto.

Fazer o que seja é inútil.
 Não fazer nada é inútil.
 Mas entre fazer e não fazer
 Mais vale o inútil do fazer.

João Cabral é bem o cético no sentido grego da palavra. Não é o que não acredita, é o que procura. E das antíteses que expressam o conflito do seu pensamento, ele extrai uma síntese poderosa que nos incita à ação. Entre fazer e não fazer, mais vale o fazer, ainda que seja inútil. É o jeito de ele mostrar o valor ético do agir humano. Quanto a nós, uma responsabilidade se impõe: construir um programa de ação para combater os fundamentalismos. Disse há pouco, e digo novamente: o perigo não vem dos avanços científicos. Só que não se pode desconhecer a barbárie e ela assume tantas faces: a barbárie racionalista, a barbárie tecnológica e, na seqüência, a aspiral da violência, o horror econômico. Elis Regina resumiu assim: o ser humano na pior fissura. E ainda há essa doença, essa praga que se chama fundamentalismo religioso. Falando como Teilhard de Chardin, em outro contexto, alguém precisa manipular os micróbios de modo que, em nosso programa, devemos incluir o resgate das matrizes humanísticas e

²⁵ Pierre Simon Laplace (1749-1827) Astrônomo, físico e matemático francês. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁶ Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco-britânico. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁷ Popper, Karl. *Autobiografia Intelectual*. São Paulo: Cultrix, 1976. (Nota do *IHU On-Line*).

sagradas (é outra coisa) da cultura. E dizendo isso, penso num dos meus hereges prediletos, o cineasta Pier Paolo Pasolini. Do fundo do seu ateísmo trágico, ele fazia a defesa do sagrado, explicando que o fazia por uma espécie de veneração que vinha da infância, da necessidade de admirar os homens e a natureza, de conhecer a profundidade em que outros só percebiam a aparência inanimada e mecânica das coisas. Fico pensando num encontro entre esses dois homens: como seria? Ambos, cada um a seu modo, nos escritos e nos filmes, se debruçam sobre o mistério. Pasolini arma um teorema, Teilhard tenta compreender o fenômeno humano. Ambos confiam na ação dos homens. Não foi por acaso, aliás, que Teilhard se aproximou de Blondel²⁸. Mas se, para além dessas considerações gerais, você me perguntar sobre o legado de Teilhard de Chardin a respeito da ação, precisamente o que ele nos ensinou a ser o eixo e a flecha da evolução.

IHU On-Line – No atual estágio do conhecimento humano, qual seria o lugar da fé, na visão de Chardin?

Waldecy Tenório – O escritor italiano Ítalo Calvino²⁹ criou um personagem emblemático, Palomar, o mesmo nome de uma localidade nos Estados Unidos onde estava instalado o maior telescópio do mundo. Quando o leitor descobre isso, é como se Calvino piscasse o olho para ele e lhe dissesse: “Olha, esse sujeito tem cabeça de telescópio”. De fato, Palomar é uma espécie de caricatura de racionalismo científico, tecnológico e positivista da modernidade. Ele é herdeiro de Descartes e órfão de toda a mitologia. “Penso, logo existo”, essas coisas... Nesse livro de Calvino, na verdade uma reunião de contos, Palomar aparece nas mais diferentes situações. Numa delas, a que vou citar agora, ele vai à praia. Mas não se engane nem pense mal de Palomar: ele não vai à praia como todo o mundo, para se distrair, ele vai para estudar o movimento das ondas. É um homem sério, afinal. Além de sério, metódico e rigoroso. Então ele chega à praia e a primeira coisa que faz é delimitar o campo do seu trabalho. Um quadrado de uns tantos metros a partir da linha da areia, é ali que ele vai estudar o movimento das ondas. Palomar concentra-se, fica quase tenso, começa a observar. Qual é a direção das ondas? De onde elas vêm? Para onde vão? O que as impulsiona na direção que seguem? Uma a uma, ele acompanha o seu movimento. E toda a atenção é pouca, um piscar de olhos, pronto, a onda se perdeu. Não tem mais idade para ser um surfista, mas precisa ter a agilidade deles. Palomar redobra a atenção. A próxima onda não lhe escapa, ela não é tartaruga nem ele, Aquiles. Mas ainda não é dessa vez que ele consegue. Concentra-se de novo, abre bem os olhos, observa, e então... Ah! Com essa ele não contava. Palomar descobre, com pesar, que as ondas do lado de fora do quadrado mental, que havia fixado como seu campo de trabalho, interferiam nas que estavam dentro e alteravam completamente o rumo dos seus movimentos. Nesse caso, fosse qual fosse sua hipótese, ele não poderia prová-la... Noutra situação, mas ainda na praia, Palomar encontra uma banhista sem a parte superior do biquíni. Nessa situação delicada, pouco acadêmica, o rigor científico de Palomar inventa uma espécie de sutiã mental entre seus olhos e a moça. É necessário que ela seja completamente absorvida pela paisagem e a isso, a limitação do olhar, Palomar chama de neutralidade científica. Esse racionalismo meio rude quer exercer total domínio sobre seu objeto de estudo, o movimento das ondas ou o seio da moça,

²⁸ Maurice Blondel (1861-1949). Filósofo francês. Fez-se conhecer como chefe da filosofia da ação, partindo de um intuicionismo inicial, irrompendo depois para uma espiritualismo metafísico antipositivista, com aparência neoplatônica e tomista, eclética e misticista, com algumas moderações, e que o aproximam ao existencialismo cristão. (Nota do ***IHU On-Line***)

²⁹ Ítalo Calvino autor cubano (1939-1985), radicado na Itália é o autor de livros como ***As Cidades Invisíveis***. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 e ***Se um Viajante numa Noite de Inverno***. São Paulo: Companhia das Letras, 1982. (Nota do ***IHU On-Line***).

mas obviamente não consegue e então – diz o narrador da história – a vida de Palomar parece-lhe uma seqüência de ocasiões falhadas. A frustração de Palomar é uma síntese desse “momento mori” de modernidade, o desencantamento de que fala Weber, a melancolia que Adorno nos recorda, a paixão inútil de Sartre, essas coisas. De fato, nossa modernidade tem esse traço niilista sem nenhuma esperança. Numa situação como essa, qual seria o testemunho de Teilhard de Chardin? Ele nos daria o inesperado que Palomar não viu? Li uma vez, não sei onde, que Teilhard poderia ser um novo São Tomás, fiel ao espírito do primeiro, mas com uma diferença: ele aproximaria o homem moderno não da filosofia ou da teologia, mas de Deus. Quer dizer: ele nos devolveria a fé, e acho que seria aquela de que Kierkegaard³⁰ nos falou. Estar alguém à beira de um abismo escuro e ouvir a voz do outro que lhe diz: “Atira-te, eu te pegarei em meus braços”.

IHU On-Line – A despeito de suas interfaces com o tipo de debate gerado pela nova física e suas decorrências, a obra de Chardin parece ser pouco reconhecida contemporaneamente. Qual é a sua opinião sobre o tratamento que as universidades e outros centros de saber e pesquisa dispensam ao legado de Chardin?

Waldecy Tenório – Quando você fala em saber, o que me vem à mente é a pergunta fundamental que T. S. Eliot fez em um de seus poemas mais conhecidos: “Onde a sabedoria que perdemos no conhecimento?” Ou, para completar: “Onde o conhecimento que perdemos na informação?” Agora, deixando de lado as grandes questões e ficando mais no cotidiano da vida universitária, você sabe, nós também temos nossos modismos e quando, a cada semestre, se abre a temporada de caça às dissertações e teses, logo se vê que os temas que elas discutem, de alguma forma, sempre se guiam pelo padrão do que chamamos “o politicamente correto”. Além do politicamente correto, temos também as ortodoxias e os dogmatismos. Por essa razão, há muita água estagnada na universidade. Estou de acordo com você, a obra de Teilhard de Chardin anda sumida dos debates acadêmicos, e isso tem um nome: é um escândalo, a prova de que vivemos, sobretudo no Brasil de hoje, tempos de penúria: penúria política e penúria cultural, além de outras que todos conhecemos. De qualquer forma, um dia teremos de ajustar contas com T. S. Eliot.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O PONTIFICADO DE JOÃO PAULO II. BALANÇO E PERSPECTIVAS

A DUPLA ALMA DO REINO

Por Eugenio Scalfari

*Traduzimos e reproduzimos o artigo que segue, escrito pelo jornalista Eugenio Scalfari e publicado no jornal **Repubblica**, em 3 de abril de 2005. Scalfari fala que longe da Igreja dos poderosos, próximo da causa dos fracos e pobres, João Paulo II foi um grandioso e suntuoso contrapoder, mas não um antipoder.*

³⁰ Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855). Filósofo religioso dinamarquês, precursor do existencialismo. Rejeitou o sistema hegeliano por considerá-lo incapaz de entender a importância do conceito de Deus na constituição dos pensamento humano. Autor de **O Conceito de Ironia** (1841), **Temor e Tremor** (1843) e **O Desespero Humano** (1849). (Nota do **IHU On-Line**).

Quando se diz a Igreja, se dizem muitas coisas e tão diferentes realidades com uma só palavra: a comunidade dos fiéis, as congregações religiosas, os sacerdotes que administram os sacramentos, os bispos sucessores dos apóstolos, a Cúria dos ministérios vaticanos, o Papa que guia, decide, representa na terra a ligação entre os crentes, e o Cristo que vem para indicar o caminho da salvação e da nova aliança.

Ontem, enquanto o Papa morria, a Igreja era todas estas coisas ao mesmo tempo. O mundo dos fiéis, as famílias, os jovens, os velhos, as crianças, rezaram, choraram, esperando poder escutar, novamente, aquela voz nas basílicas, nas paróquias, nas praças de todo o mundo. Não só os fiéis católicos, mas os cristãos das observâncias evangélicas, ortodoxas, anglicanas, os hebreus das sinagogas, “irmãos maiores”, como os descreveu João Paulo.

Até nas terras do Islã a agonia de Karol Wojtyła era seguida com atenção e respeito. No mundo global e midiático, a morte de um papa se transformou, pela primeira vez, num evento de comoção planetária que obscureceu qualquer outra realidade.

Para a Igreja foi, ao mesmo tempo a hora do luto e do triunfo. Vimos o luto coral e profundo, na vigília de 70 mil pessoas recolhidas entre os grandes braços das colunas da praça São Pedro com os olhos fixos naquelas quatro janelas iluminadas do Palácio Vaticano. Detrás de uma delas, João Paulo lutava com a morte, assistido pelos médicos e por seus próximos colaboradores. E vimos a *Ecclesia triumphans* na Basílica de S. João de Latrão, com o corpo sacerdotal revestido dos paramentos dourados da semana pascal, não ainda substituídos pelos de cor violeta das celebrações fúnebres. As grandes estátuas de mármore dos evangelistas e dos profetas faziam a guarda do sacrifício da missa solene, o canto dos salmos, o mistério do pão e do vinho transformados pelo oficiante no corpo e no sangue do Senhor.

Isso nós vimos nos últimos três dias. Ontem, aquela voz que ressoou no mundo inteiro durante 27 anos, inicialmente robusta, solene, combativa, pastoral; depois, sempre mais débil, enfim, reduzida a um som desarticulado, expressão de um corpo crucificado na finitude humana e voluntariamente exibido como exemplo e testemunho; aquela voz se apagou para sempre. Deixa na Igreja um vazio impossível de ser preenchido e em todos nós a dor e o afetuoso respeito. Mas convida também à meditação sobre este grande pontificado. Wojtyła revestiu a Igreja com o manto do seu carisma pessoal. Agora, depois do seu desaparecimento, a Igreja está nua. A sua força e as suas fraquezas aparecem com toda a evidência juntamente com a força e os limites do longo reino de João Paulo II, que nos obrigam ao exame e à recordação.

Lembro o anúncio feito pelo cardeal Felici do balcão do palácio pontifício anunciando, em 1978: “Foi eleito Karol Wojtyła que assumiu o nome de João Paulo II”.

As milhares de pessoas que seguiam o evento na praça São Pedro e nas televisões de todo o mundo, pensaram, instantaneamente, que se tratasse de um africano. Poucos compreenderam que aquele sobrenome era polaco.

O nome escolhido, todavia, parecia inscrever-se na linha da continuidade: retomava aquilo que o Papa Luciani se propunha, apenas falecido depois de poucas semanas de reino, e se religava aos dois pontífices que tinham precedido no rumo do Concílio Vaticano II, isto é, de uma nova Igreja, ecumênica, tolerante, pastoral, aberta às vozes da modernidade e da colegialidade.

Enfim, reformista, se queremos usar uma definição não propriamente canônica. Mas, pelo contrário, iniciava uma revolução que durou vinte e seis anos.

Uma revolução densa de contradições, tidas juntas como uma dupla de cavalos impetuosos e, muitas vezes, puxando para lados opostos, por uma mão que consegue mantê-los juntos com vigor, mas que não consegue unificar a natureza e a sua finalidade. Somente a grande e

multiforme personalidade de Karol Wojtyla conseguiu isso, ou seja, representar, ao mesmo tempo, a Igreja da tradição e a da inovação, o Deus dos exércitos e o Deus da misericórdia, a abertura conciliar e o centralismo curial, a luta contra o comunismo e a crítica incessante ao capitalismo, a mão estendida aos judeus “irmãos maiores” e a sintonia com o Islã; enfim, a atenção voltada aos não-crentes e a reiterada condenação contra a civilização das Luzes e contra a autonomia da razão.

Se a esta profunda duplicidade da mensagem do Papa Wojtyla se acrescenta uma modalidade de *showman* como nunca mais se verá na cátedra de Pedro, unida à propensão dos banhos de público, às viagens planetárias, ao teatro de massa como forma de comunicação, à impotência do rito utilizado com todos os imensos recursos que esse possui na época da televisão, teremos o contorno de uma figura excepcional e o vazio não preenchível que se abriu depois do seu desaparecimento.

O seu sucessor, seja quem for, encontrará uma herança pesada que não poderá ser levada adiante na sua globalidade. A Igreja de Wojtyla não pode suceder a ela mesma. Ela se conclui com ele, naquele sepulcro, com o imenso funeral de povo.

Foi uma revolução desesperada na tentativa de deter a laicização da sociedade, usando os instrumentos da modernidade para frear a modernidade. Partindo deste diagnóstico, o planeta todo foi considerado como terra de missão; assim tivemos um papa que viajava perenemente, que percorreu o mundo em todas as suas longitudes e latitudes, desafiando indiferenças, estranhezas, hostilidades, expondo-se à violência dos atentados, pregando por toda a parte a fraternidade e a paz.

Deixa a Igreja num estado de estupefação, no meio de uma encruzilhada de caminhos que levam, cada um, para objetivos e modelos profundamente longínquos um do outro.

Deixa uma sociedade que acolheu com ovações a sua mensagem permanecendo, porém, impermeável aos seus conteúdos.

Este homem que acreditava nos milagres, foi um milagre. Por isso não haverá sucessores. Desejo que o eleito pelo Conclave não inicie o novo pontificado assumindo o nome de João Paulo, o terceiro na série: seria algo hipócrita e, de qualquer jeito, ímpia.

A Igreja de Wojtyla morreu com ele. O sucessor deverá encetar uma das tantas estradas que o peregrino Karol percorreu. Ou ficar surfando sobre as ondas de um tempo tempestuoso.

Este Papa foi grande, grandíssimo. Mas a missão que empreendeu há vinte e cinco anos, faliu. Como não-crente o digo com respeito e lamento, porque uma retomada real do respiro cristão teria, de qualquer maneira, fertilizado a modernidade, os seus contrastes, a sua vitalidade intelectual e moral; teria contribuído para conter a desertificação em ato.

Temo que a ocasião tenha passado em vão. E talvez o próprio protagonista a tinha criada leva, ao menos em parte, a responsabilidade do seu falimento.

É preciso entrar nas dobras deste longo pontificado para compreender a razão de um êxito que tem transtornado a cristandade depois de tê-la galvanizado. Sigamos os passos deste percurso, amplo, variado e, de qualquer modo, sussurrante.

Pouco depois da sua eleição, começa a fase do Papa polaco, como foi, imediatamente, chamado pela mídia. Não é propriamente uma denominação afetuosa: sentia-se uma espécie de estranheza, quase a presença de um limite ao seu papel universal. O Papa polaco, enfim, não faz nada para esconder este dado da sua personalidade; o interesse pela sorte do seu país predomina sobre todos os outros, mas, rapidamente, este conteúdo nacional exprime os dados de um grande desafio contra o totalitarismo comunista sob a bandeira dos direitos do homem.

O Papa polaco se torna, rapidamente, o *defensor libertatis*, o anjo que aponta a espada contra o reino do mal sob a proteção de Maria e sob a guia do catolicismo do povo polaco. As etapas desta batalha são bem conhecidas e culminam não somente no triunfo do Solidarnosc em Varsóvia, mas, mais tarde e conseqüentemente, na caída do Muro de Berlim e do regime soviético.

É provável que o papel de Wojtyla neste episódio epocal foi sobrevalorizado: o regime já estava falido nos seus fundamentos e a chegada de Gorbaciov ao poder propiciou a catástrofe final.

Mas não há dúvida que a contribuição do Papa polaco foi extremamente relevante sobre o imaginário europeu e sobre os países do Leste, em grande parte católicos (Hungria, Romênia, Tcheco-Eslováquia, Bálticos).

Acrescente-se que a verdadeira e própria cruzada lançada em nome dos direitos de liberdade suscitou ressonâncias de grande amplitude num outro continente católico, a América Latina, onde o clero animado pela mensagem papal se pôs, de fato, na liderança das reivindicações das multidões de pobres, visando a repetir, naquela parte do mundo, o milagre que se deu com a queda do comunismo. Só que lá as forças adversárias tinham uma natureza diferente, pois se tratava de militares formados em Westpoint, homens ligados aos negócios das multinacionais; enfim, dos programas coloniais do capitalismo americano e do “quintal da casa” do único império de dimensão mundial. Um império, entre outras coisas, onde o catolicismo tem raízes fracas e não tem a caixa de ressonância necessária para a eficácia da mensagem.

Se a mensagem era fraca no norte do continente americano, ela ribombava como um trovão que anuncia a tempestade no sul. Mas aqui nasce a primeira vistosa contradição do pontificado de João Paulo: o desencontro com a “nova teologia”, com o baixo clero, com os padres revolucionários, com aquela parte dos jesuítas que, especialmente na América Central, se colocaram, abertamente, ao lado dos rebeldes armados na Nicarágua, Guatemala, Costa Rica, El Salvador e em toda a faixa do Caribe.

Wojtyla não os segue neste caminho. Pelo contrário, os pára com extrema dureza. A sua religiosidade camponesa prevalece sobre a modernidade da nova teologia. Mas a disputa vai bem além de uma questão teológica. Ela assume a importância da primazia do magistério papal sobre qualquer hipótese de colocar em segundo plano a estrutura hierárquica da Igreja e se desdobra sobre o simbolismo religioso, sobre o papel de Nossa Senhora, dos santos, dos beatos, sobre a existência do Diabo como dado atual. Tudo isso congela o alto clero sul-americano e os movimentos de libertação camponesa daqueles países.

A dramaticidade da crise entre o Papa e os Jesuítas é o espelho que reflete esta contradição e que culmina na decapitação, de fato, do grupo dirigente jesuíta e a chamada à ordem da Companhia. Desde aquele momento, o braço operativo da presença vaticana na sociedade deixa de ser, definitivamente, identificado com a Ordem fundada por Inácio de Loyola. Ela é substituída por uma associação do laicato católico muito ativa entre os jovens e muito atuante no setor das obras empresariais, Comunhão e Libertação, e por uma prelazia dotada de autonomia hierárquica e de poderes especiais, a Opus Dei, dedicada à penetração e ao proselitismo nos setores mais exclusivos da finança e do crédito.

Trata-se, portanto, de um volta ao integrismo católico que reavaliaria a política da Igreja pré-conciliar e personificada na pessoa do Papa Pacelli? Em certos aspectos, a resposta poderia ser afirmativa. Os sinais naquela direção são numerosos, mas Wojtyla não pára de causar estupor e confundir todos os seus exegetas: continua e, mais, ele redobra as suas críticas ao capitalismo financeiro, ao “pensamento único” de matiz liberal, ao consumismo, ao mercado como único regulador da distribuição da riqueza. Ou seja, o descontentamento católico, depois da queda do totalitarismo comunista, se volta contra os EUA e contra a concepção de vida que dali se difunde para todo o mundo.

Desde 1991 (primeira guerra do Golfo) a estes temas que impregnam a pregação de João Paulo e que se reencontram em quase todas as suas encíclicas, se acrescenta um pacifismo sem “se” e sem “mas”, como se diria, adotando uma terminologia laica. A descontinuidade com respeito à fase do polaco é evidente.

No plano das aproximações históricas com os seus predecessores próximos ou remotos se poderia observar que a fase pacifista coloca João Paulo muito próximo de Paulo VI e, sobretudo, de João XXIII e de Bento XV e não de Pacelli.

Mas o pacifismo de 1991 resulta ainda mais marcado e rico de implicações em 2002, nos meses que precedem e sucedem a guerra contra Saddam Hussein e a sangrenta e purulenta ferida da “Intifada” e da reação militar israelense. Desta vez, de fato, João Paulo não se limita a pregar a paz, o desarmamento dos ânimos e a negociação em lugar da guerra, mas indica nominativamente a América de Bush como o elemento de turbulência e na teoria da guerra preventiva um fator de desestabilização permanente totalmente fora do arco do direito internacional.

Nos últimos anos do seu pontificado, estes da paz, da negociação, do multilateralismo, da superioridade da diplomacia sobre as soluções militares, foram os traços mais salientes da incessante pregação de João Paulo.

A estes temas se juntaram os sempre presentes da tutela da família, da escola privada, da rígida moralidade sexual no que diz respeito à fecundação artificial e à homossexualidade. Mas estas posições não podem obnubilar a novidade da mudança que – depois da queda do comunismo – fez com que Wojtyła se tornasse o único grande antagonista do império americano.

O vigor com que manteve esta posição recorda, se queremos mais uma vez fazer uma comparação com alguns dos seus predecessores, os grandes papas políticos que afrontaram a luta contra o império e, em geral, contra o poder temporal dos governantes quando se punham em contraste com a supremacia espiritual da Igreja. Recorda Gregório VII e Inocêncio III revividos em chave moderna e na dimensão de massa que caracteriza a nossa época.

João Paulo II foi também um papa místico e um papa poeta. Da sua capacidade de liderar a cena e de interpretar os ritos em chave midiática, em substância da modernidade do seu carisma, já se falou bastante. De resto, as modalidades não-possíveis de serem repetidas do seu pontificado estão sob os olhos de todos e, acredito, que permanecerão por muito tempo.

Contudo o objetivo de cristianizar o Oriente e de recristianizar o Ocidente não foi atingido. João Paulo se manteve longe da Igreja dos poderosos, e se identificou, antes, com a causa dos fracos e dos pobres, mas a sua não foi a Igreja descalça de Francisco. Lutou pelos pobres, mas não com os pobres. Venerou Teresa de Calcutá e a pastorinha de Fátima. Canonizou Balaguer, fundador do *Opus Dei*. Não compreendeu o poder delirante, mas lucidíssimo do pensamento de Pascal. Foi um grandioso e suntuoso contrapoder, mas não um antipoder.

Estes foram os limites que colocou para a sua ação pastoral. Na base da sua imensa popularidade esteve o estamento médio de todo o orbe cristão, isto é, aquela massa indistinta e presa pelo consumismo e pela busca da Mamona, o lugar social que justamente ele considerava como o terreno de missão, mas que a sua missão não conseguiu resgatar. Num certo sentido, foi um meteoro luminoso, uma esplêndida estrela cometa em trânsito, detrás da qual, rapidamente, veio a escuridão.

Morto um papa se faz um outro e assim a Igreja viveu por dois mil anos e continuará ainda por muito tempo. Mas as copas daquela árvore são cada vez mais velhas, as raízes afundam numa terra cada vez mais arenosa e empobrecida.

Karol Wojtyła fez de tudo para morrer sobre o altar, oferecendo o seu corpo em sacrifício. Mas que vale o sacrifício de si num tempo fosco dos kamikazes? Também advertiu os pecadores, anunciando com as palavras de Jeremias que Deus se retirara do mundo desgostoso das suas criaturas. No entanto, os homens esquecem antes a morte do pai do que a perda do dinheiro. Isso era verdadeiro nos tempos de Maquiavel; é ainda verdadeiro hoje. Depois de dois mil anos de cristianismo, o mundo não mudou e o bezerro de ouro é ainda o ídolo das pessoas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DE KAROL WOJTYLA A JOÃO PAULO II

Por Olegário González de Cardedal

*O artigo que segue foi escrito por Olegario González de Cardedal, catedrático da Universidade de Salamanca e membro da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas. O texto foi originalmente publicado no jornal **El País**, em 3 de abril de 2005, e traduzido por Ana Isabel Volpato de Padrón, da CP Traduções.*

Em que solo estão fixadas as raízes de um homem que mudou a história da Europa, que definiu o rumo da Igreja Católica durante mais de vinte e cinco anos e se converteu em uma referência moral para milhões de pessoas de diferentes países, culturas e religiões?

De que fontes terá ele bebido e que mananciais o tem suprido até estes últimos dias em que a dor e a dificuldade respiratória estão testando o seu limite diante do sofrimento?

Karol Wojtyła, bispo da cidade em que Pedro e Paulo derramaram o seu sangue, é o pai da comunidade católica e é, antes de tudo, um menino polonês que levou entranha da consigo a história de uma família ferida pelo infortúnio. Ele vem de uma pátria que esteve dividida entre impérios vizinhos durante séculos e acabou subjugada pelo nazismo e pelo comunismo.

A vida do Papa se compõe de três etapas diferentes e inclui experiências diversificadas entrelaçadas umas com as outras. De 1920 a 1946, foi o período da infância, da guerra, da clandestinidade, do trabalho na fábrica e da ordenação sacerdotal. De 1946 a 1978, foi a época da responsabilidade pela fé e pela Igreja diante de poderes que negavam a dignidade e a liberdade para crer, celebrar e existir publicamente como crente em Deus. De 1978 a 2005, constituiu-se como a fase de responsabilidade máxima pela Igreja Católica e, a partir dela, pelo mundo, atuando em uma sede diferente das suas origens e pátria.

Qual foi o legado da sua infância e da sua juventude? Primeiramente, foi o fato de haver tido pais profundamente religiosos em cujo lar a oração fiel e a piedade serena e intensa deram alento nas dificuldades, nas doenças e nas necessidades materiais desde a morte da mãe até a morte do seu irmão, um jovem médico que foi contagiado pelos seus pacientes. Depois, ocorreu a influência do Instituto em que estudou, onde teve amigos e amigas protestantes, ortodoxos, judeus e incrédulos. Veio, então, a universidade e a paixão pela filologia e pelo teatro. Tenho uma foto dessa época sobre a minha mesa onde Wojtyła aparece, ministrando uma aula na universidade na qual estão sendo citados, para poloneses perseguidos, os grandes nomes de heróis, escritores e santos poloneses como defensores da liberdade e modelos de dignidade. Wojtyła seguiu as pegadas dos seus professores universitários. O próprio trabalho numa fábrica e em um laboratório químico confirmam os seus ideais.

Desses anos, permaneceu em sua mente a convicção de que estar firmado em princípios é essencial à vida humana e que a falta de princípios é a origem da insegurança, do desamor, do

desalento e da desesperança. A base familiar se transformou em motivo de gratidão e de responsabilidade, de fidelidade e de resposta. Ele se firmou primeiro no amor e no cuidado de rostos amigos, e este zelo se estendeu Àquele que é a origem do amor: Deus. Pode-se viver sem princípios e crescer livre sem amor pessoal? Pode-se viver sem Deus? Deus foi o fundamento da sua confiança, da sua esperança e da sua coragem diante das aflições.

Da sua origem e da sua prática ministerial inicial permaneceu o que poderíamos chamar de suas “raízes polonesas”, ou seja, a vontade de ser autêntico e de afirmar-se diante das potências ideológicas e políticas que impõem outra identidade, o desejo de ter uma pátria soberana e uma Igreja com liberdade de expressão, o desejo de ver crescer a fé e a esperança. Tudo isso surgiu de uma interligação surpreendente entre o racionalismo e a metafísica alemães e o messianismo e o misticismo eslavos. Ele reconhecia ambos os aspectos, mas não pretendia ceder diante da pressão exercida por eles. Destes fatos provêm as suas características proféticas e messiânicas que nos trazem o eco de grandes rapsódias polonesas como Norwid ou Mickiewicz. Houve alguém nestas últimas décadas capaz de reunir com a mesma intensidade o amor à pátria e o desejo de fraternidade universal?

Nos anos em que atuou como professor universitário na Polônia e testemunhou publicamente a sua fé, teve a oportunidade de aproximar-se de grandes autores. Se eu tivesse que escolher três nomes relevantes na sua formação, citaria São João da Cruz, que nutriu a sua vida e as orações que fazia em casa, sobre quem escreveu uma tese de doutorado em Roma e cujos textos o acompanharam sempre como um testemunho do Deus vivo (elemento místico). O segundo nome seria Max Scheler, que tratou da fenomenologia e do egocentrismo, analisando a transferência da preocupação lógica para o funcionamento dos conceitos na prática da metafísica e o encontro com a realidade, permitindo-se que esta realidade se desdobre em: ser, dizer, revelar; permitindo-se também a prática de várias manifestações existenciais, como o amor, a fidelidade, o casamento, a virgindade, o entusiasmo, a paternidade, a linguagem do corpo, e os valores (elementos metafísicos e éticos). Em terceiro lugar, mencionaria o nome de dois teólogos: H. de Lubac e H. Urs. von Balthasar. Deles, João Paulo II recebeu o sentido de catolicidade, de missão, de verdade humilde, porém sobrenatural, de uma prática eclesial baseada em fundamentos cristológicos e pneumológicos, e recebeu também o sentido de Beleza, que está no centro da realidade e faz do teatro da existência o esplendor da liberdade. Com o auxílio de tais autores, Wojtyla percebeu que a Beleza reflete a graça de Deus, que se doa por inteiro e pessoalmente, não exigindo nada e tornando todas as coisas possíveis (elemento estético).

Na terceira fase, que se estendeu de 1978 a 2005, o Papa se tornou simultaneamente o líder de uma comunidade com mais de um bilhão de fiéis e o símbolo de um ideal moral e de uma responsabilidade histórica. Se, às vezes, a Igreja e o Papa são criticados é porque se reconhece que a Igreja deve ter a última palavra nas questões que envolvem a existência humana e as promessas divinas. A maior oposição à Igreja e ao Papa provém daqueles que advogam atitudes, posturas e idéias diferentes, e não recebem legitimidade nem dignidade daquela instituição nem do seu representante. Embora a Igreja e o seu líder máximo estimulem os ideais evangélicos, as bem-aventuranças e os direitos humanos, há consciência de que não existe perfeição nas atitudes da Igreja.

Com relação ao seu magistério em Roma, eu destacaria quatro campos diferentes com três encíclicas cada um. As primeiras e mais originais foram dedicadas a doutrinas cristãs como o mistério trinitário; Cristo (*Redemptor hominis*, 1979), o Pai (*Dives in mi sericordia*, 1980) e a ação do Espírito Santo na alma (*Dominum et vivificantem*, 1986). Outra área significativa foi a dos trabalhadores, do trabalho e da economia (*Laborem exercens*, 1981); (*Sollicitudo rei socialis*, 1988); (*Centesimus annus*, 1991). Por meio desta última trilogia, o Papa quis

pronunciar-se nas questões econômicas, distanciando-se das violências cometidas pelo nazismo e pelo comunismo, afastando-se também do materialismo positivista que deixa os pobres à margem da história.

O terceiro grupo de encíclicas se referiu a uma das principais atribuições da Igreja: o ecumenismo, tratando em primeiro lugar do diálogo inter-religioso cristão e, depois, do diálogo com outras religiões. A fim de que o Papa não se tornasse um obstáculo à união, ele publicou a encíclica *Ut unum sint*, 1995. Para mostrar o seu apreço e abertura às igrejas orientais, redigiu a carta apostólica *Orientalis Lumen*; e para iniciar uma nova presença da fé no novo mundo fez como Paulo VI em sua *Evangelium nuntiandi*, e publicou, na véspera do jubileu, o programa *Tertio millennio adveniente*, 2000. O quarto grupo de encíclicas se abriu mais para os problemas da fé, comuns a toda a humanidade: o sentido moral, a distinção entre o bem e o mal e as exigências objetivas do ser humano. A perda do sentido moral constitui-se na maior ameaça para a humanidade. A encíclica *Veritatis splendor*, 1993 se voltou para a questão moral. O Papa também considerou a vida sagrada e se preocupou com a defesa da pessoa, com os doentes, com os recém-nascidos, com os idosos e com os que estão a caminho da morte (*Evangelium vitae*, 1995).

Neste último grupo de encíclicas se destacam dois outros textos: a proposta do evangelho como oferta da verdade para todos os seres humanos, sem antagonismos diante de culturas ou histórias diferentes, pois se trata de um dom de Deus (encíclica *Redemptoris missio*, 1991), o diálogo entre a fé e a razão, a paixão pela verdade que o homem pode e deve buscar para o seu crescimento pleno – somente onde se busca e se afirma a verdade, o ser humano pode defender-se do poder (encíclica *Fides et ratio*, 1998).

Três expressões caracterizaram a pessoa e a missão do Papa: “Não tenham medo”, pronunciada no dia da sua eleição e recolhida dos lábios de Jesus, ao dirigir-se aos apóstolos; “Mar adentro”, expressão que supõe responsabilidade cristã assumida com confiança: é necessário adentrar na história, na razão e na graça com fé em quem nos chama, nos guia e nos sustém. Finalmente, a expressão mais sagrada usada por todo apóstolo: “Abram as portas para Cristo”. Karol Wojtyła viveu sob tais expressões e até o final testemunhou delas numa prática cristã que fundia vida pessoal, missão eclesial e mistério divino. Ele cumpriu tais palavras como pessoa e como personagem, na doença e na velhice, dignificando tais momentos da vida numa época em que a juventude se impõe como idade absoluta e normativa, enquanto aumenta o número de velhos.

Um papa é fundamental, mas não é tudo na Igreja. Nenhuma psicologia ou personalidade confere à missão apostólica toda a sua fecundidade. Concentrando-se naqueles aspectos que estão mais vinculados à sua história e formação, cada papa atende algumas necessidades mais urgentes, deixando outras de lado; favorece algumas instituições e relega outras. A Igreja é católica (universal); a sua plenitude envolve raízes profundas e frutos sucessivos; ela vai avançando por meio de ações e de reações. Não podemos fazer tudo. Porém, será que realizamos bem o pouco que fizemos? João Paulo II foi um herói, uma testemunha e um pai. Pelo seu testemunho brilhante, a gente sente alegria por ser cristão e membro da Igreja Católica, sem inclinações a dissidências, mas sentindo uma bem-aventurada confiança.

Junto da foto do jovem universitário dirigindo teatro na universidade, tenho também na minha mesa outra foto de João Paulo II que, em uns dias de verão em Cadore, se desviou do caminho e se aproximou de uns lavradores que colhiam feno no campo. Ali ele aparece com um casal e sua filha que usavam chapéus de palha próprios da época, estavam com ancinhos nos ombros, seguravam cestos com a colheita e o cumprimentaram como se fosse um vizinho da propriedade ao lado ou um familiar ou amigo que voltou para vê-los.

Um homem assim devolve a fé na humanidade e enaltece a fé em Deus. Bendito seja o seu nome.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O PAPA QUE EU CONHECI

Por Juan Arias

*Reproduzimos do site da Agência **Nominimo**, de 2 de abril de 2005, o artigo de Juan Arias, sobre o Papa João Paulo II. Juan Arias é jornalista e escritor. Foi correspondente na Itália e no Vaticano por 34 anos e é autor de dois livros sobre João Paulo II, **El enigma Wojtyla** e **Un Diós para Wojtyla**. Atualmente, é correspondente do jornal espanhol **El País** no Brasil. Acaba de publicar um livro sobre Maria, intitulado **Maria, esa gran desconocida** (Maria, essa grande desconhecida), pela editora espanhola Maeva.*

Conheci o futuro Papa polonês Karol Wojtila há 43 anos, quando ele ainda era bispo de Cracóvia e um dos integrantes mais jovens do Concílio Vaticano II, inaugurado por João XXIII, para surpresa do mundo, em 12 de outubro de 1962. Ele foi um dos poucos bispos do bloco comunista que teve permissão de Moscou para assistir ao Concílio junto com outros 2.500 bispos vindos de todos os continentes a Roma.

Wojtila era um bispo jovem e atlético. Nos fins de semana, costumava esquiar em Terminillo, perto de Roma, ou se banhar em uma praia de Ostia reservada ao clero. Foi obrigado a fazer muito esporte quando jovem, após ter diagnosticada uma mononucleose. Tomou gosto.

Durante o Concílio, o bispo Wojtila se caracterizou por uma grande atividade nos trabalhos das comissões de estudo. Em muitas ocasiões, esteve contra a maioria progressista que ganhou o Concílio e abriu um diálogo com o mundo laico. Era intransigente, sobretudo com o mundo do ateísmo. Defendia a tese de que não era verdade que a culpa do ateísmo e do comunismo era da Igreja, por haver se distanciado da classe trabalhadora, como defendiam alguns padres do Concílio. Sustentava que era necessário “lutar” contra o ateísmo e não “dialogar” com ele.

Ninguém havia imaginado até então que aquele bispo louro, robusto, esportista, vindo do outro lado da Cortina de Ferro, seria um dia o primeiro Papa polonês após 400 anos de tradição de papas italianos. Na tarde do dia 16 de outubro de 1978, eu me encontrava na praça São Pedro, esperando a “fumaça branca”, juntamente com centenas de jornalistas, quando foi anunciado, pelo então cardeal Pericle Felici que o Papa que iria substituir João Paulo I, morto misteriosamente após somente 33 dias de pontificado, não era italiano e que se chamava Karol Wojtila. Ouvimos mal a pronúncia de seu nome e inicialmente nos pareceu que poderia ser um papa africano.

O novo Papa, que havia escolhido o nome de João Paulo II para unir os dois últimos pontificados, o de Paulo VI e o de João Paulo I, logo apareceu como um papa inovador, ao menos pelos gestos externos. Ao contrário do passado, quando os novos papas, recém-eleitos no segredo do Conclave, se apresentavam no balcão central da basílica de São Pedro apenas para dar sua primeira bênção, sem pronunciar uma só palavra, o novo pontífice, ex-ator de teatro, quis falar. E o fez em italiano, enternecendo os romanos presentes.

Os gestos de novidade do novo Papa se multiplicaram. Logo se viu que ele seria o Papa dos meios de comunicação. Surpreendendo a todos, anunciou, em poucos dias, a primeira entrevista coletiva dentro do Vaticano, algo inédito na história da Igreja. Recordo ainda aquela imagem de torre de Babel, com os jornalistas de meio mundo fazendo perguntas em todas as

línguas, com dúzias de câmeras de televisão subindo nas cadeiras e milhares de microfones em seu rosto.

Conheci cinco papas, mas, as meias, só vi as do Papa Wojtila. Os outros sentavam-se no trono quase imóveis, como estátuas. João Paulo II, não. Movia as pernas em público e as cruzava. Uma vez, em um país tropical, em uma de suas inumeráveis viagens, vimos que debaixo da batina usava calças curtas por causa do calor. Foi o primeiro Papa que aceitava durante suas viagens que nós, jornalistas que o acompanhávamos no avião, fizéssemos perguntas e até discutíssemos com ele. A Paulo VI, por exemplo, que também acompanhei como enviado especial, não podíamos perguntar nada. Durante a viagem, ele se aproximava de cada um de nós, nos dizia algo ao ouvido e nos dava um pequeno presente: uma gravata, uma moeda do Vaticano etc. A mim, uma vez, agradeceu-me por ter querido acompanhá-lo a uma longa viagem a Hong Kong apesar de minha mãe estar doente. Paulo VI era um papa mais intimista. João Paulo II era de massas.

O Papa Wojtila era muito natural com os jornalistas e conhecia todas as línguas. Eu, que o acompanhei em mais de 60 viagens internacionais, entre elas ao Brasil, posso garantir que as multidões de todos os países, tanto cristãos como não-cristãos, enlouqueciam ao vê-lo. As mães queriam dar-lhe seus filhos para que os benzesse. Uma vez, em Chestochowa, uma mulher conseguiu pôr seu bebê nos braços do Papa durante a missa. A criança começou a chorar e seus gritos eram amplificados. Na confusão, a mãe não conseguiu chegar para socorrer o filho, que foi passando de mão e mão entre os bispos e cardeais que celebravam a missa com o Papa, cada vez chorando mais, até que encontraram sua mãe.

As viagens foram tão importantes para João Paulo II que era como se levasse junto o Vaticano. Foi o primeiro Papa a celebrar canonizações fora de São Pedro, levando consigo quase todo o governo da Cúria Romana. Gostava mais de viajar do que de permanecer em Roma. Na verdade, disseram-me alguns de seus amigos, após o frustrado atentado na praça São Pedro, em uma festa da Virgem de Fátima, o Papa se sentia um mártir. Preferiria ter morrido numa viagem. Não pôde escolher sua morte e o paradoxo quis que o Papa que mais havia falado ao mundo em todas as línguas, que havia cantado e gritado com os jovens em estádios em todo o planeta, no final de seu calvário, tivesse que sofrer a dor de ficar mudo. O Papa da palavra, como havia sido chamado, morreu sem o consolo de poder gritar sua morte ao mundo como fez Jesus na cruz.

Hoje, lembro-me de um momento especial da primeira viagem de João Paulo II à sua terra querida, a Polônia. Mais especificamente, quando desceu as escadas da câmara da morte no campo de concentração de Auschwitz. Fui o único jornalista que conseguiu descer com ele. Vi-o de joelhos a rezar em silêncio, o rosto coberto pelas mãos. Acho que chorou. Naquela viagem, ainda no avião, eu lhe perguntara se no campo de concentração que ia visitar pretendia pedir a Deus condenação ou misericórdia. "É uma pergunta difícil de responder, uma pergunta teológica. Mas um papa só pode pedir a Deus misericórdia, até para os piores dentre os homens."

[\(Voltar ao índice\)](#)

O PAPA DA VOLTA À GRANDE DISCIPLINA

Por Leonardo Boff

*O teólogo Leonardo Boff publicou o artigo a seguir no **Jornal do Brasil**, em 3 de abril de 2005. Boff foi punido com o "silêncio obsequioso" pelas autoridades doutrinárias do Vaticano, em 1985.*

O Pontificado de João Paulo II foi longo e complexo. Só lhe faremos justiça se o inserirmos dentro de um grande arco de questões que vinham ocupando a Igreja há muito tempo. Só assim ganharemos altura para ver seu real significado. Procuraremos ser o mais objetivos possíveis, mas não indiferentes.

Qual a característica fundamental deste Papado? É a restauração e a volta à grande disciplina. Ele não se caracteriza por uma reforma, mas por uma contra-reforma. Ele representa a tentativa de sustar um *aggiornamento* (processo de modernização) que irrompera na Igreja, a partir dos anos 60 e que estava tomando conta de toda a cristandade. João Paulo II, a pretexto de salvar a identidade católica, deu uma freada vigorosa neste processo.

1. Acerto de contas com a Reforma e a modernidade

Com isso retardou um acerto de contas que a Igreja vinha fazendo com referência a duas graves questões que a martirizavam há quatro séculos. A primeira delas está ligada ao surgimento de outras Igrejas como consequência da Reforma Protestante do século XVI. Fraturou-se a unidade da Igreja romano-católica. Ela teve que tolerar outras igrejas, embora as interpretasse como cismáticas e heréticas.

A segunda grande questão se deriva da modernidade iluminista com o surgimento da autonomia da razão, da tecnociência, das liberdades civis e da democracia. Esta nova cultura colocava em xeque a revelação da qual a Igreja se sente portadora exclusiva e denuncia a forma como a Igreja se organiza institucionalmente como uma monarquia absolutista espiritual em contradição com a democracia e a vigência dos direitos humanos.

Contra as igrejas evangélicas, a estratégia do Vaticano era a sua reconversão para que se voltasse à unidade eclesial antiga sob uma única cabeça, o Papa. Contra a sociedade moderna, a relação era de crítica e condenação de seu projeto emancipatório e secularizador, visando a refazer a unidade cultural sob a égide de valores morais cristãos.

As duas estratégias redundaram em fracasso. As Igrejas cresceram e se firmaram em todos os continentes. A sociedade moderna, com suas liberdades e com sua ciência e técnica, se tornou o paradigma para as sociedades no mundo inteiro. A Igreja romano-católica se viu transformada num bastião de conservadorismo religioso e de autoritarismo político.

Foi obra do bom senso e da ousadia de um papa, de João XXIII, a convocação de um Concílio Ecumênico (reunião de todos os bispos da Igreja em Roma) para enfrentar corajosamente estas duas questões não resolvidas. Efetivamente, o Concílio Vaticano II (1962-1965) assumiu como lema: não mais o anátema, mas a compreensão; não mais condenação, mas diálogo. Face às igrejas, inaugurou o diálogo ecumênico que pressupõe a aceitação da existência de mais igrejas.

Face ao mundo moderno, houve uma verdadeira reconciliação com a esfera do trabalho, da ciência, da técnica, das liberdades e da tolerância religiosa. Reconheceu a legítima autonomia das realidades terrestres. Elas são boas não porque recebem a benção da Igreja, mas porque são boas em si mesmas, como expressão da criação boa de Deus. A Igreja define o seu lugar no mundo moderno, como sinal e instrumento da herança de Cristo, aprendendo deste mundo e colaborando com ele na dignificação de todos os âmbitos da vida.

Ela mesma se redefine primeiramente como povo de Deus em marcha e só depois como sociedade hierarquicamente organizada.

Ocorreu, portanto, um acerto de contas altamente positivo. Ao invés de continuar uma ilha errática de um mundo definitivamente passado, a Igreja se fazia solidária com as buscas e as angústias do homem contemporâneo.

2. O acerto de conta com os pobres

Mas faltava ainda um terceiro acerto de contas: com os pobres e sofrendores que são as grandes maiorias da humanidade. Foi mérito da Igreja latino-americana lembrar que não existe apenas um mundo moderno desenvolvido, mas também um submundo subdesenvolvido. Ela suscitou a pergunta incômoda: como anunciar a Deus como Pai num mundo de miseráveis? Só faz sentido anunciar a Deus como Pai, caso tiremos os pobres da miséria, portanto, se transformarmos esta realidade de ruim em boa. Os sujeitos desta transformação serão os próprios pobres. Ora, na América Latina os pobres são simultaneamente cristãos. A inteligência política sugere transformar o capital espiritual e ético dos cristãos pobres numa força de mobilização e mudança social.

Foi o que fizeram os setores mais dinâmicos da Igreja latino-americana, animados por alguns profetas, como Dom Hélder Câmara. A consigna era: fazer uma opção da Igreja pelos pobres contra a pobreza. Para viabilizar esta opção se criaram as comunidades eclesiais de base (só no Brasil há cerca de cem mil), os milhares de círculos bíblicos e as pastorais sociais, por terra, por teto, por saúde, em favor dos indígenas, dos negros, das mulheres marginalizadas e assim por diante. Daí nasceu a Igreja da libertação e a teologia que a acompanha, a teologia da libertação.

Tal viragem fez com que muitos cristãos entrassem nos movimentos sociais libertários, até em frente armadas, e que numerosos bispos e até cardeais assumissem papel expressivo no combate às ditaduras militares latino-americanas e na defesa dos direitos humanos, entendidos principalmente como direitos dos pobres.

João Paulo II foi eleito Papa quando estava em curso esse vigoroso processo, chamado por nós de eclesiogênese, quer dizer, a gênese de um novo tipo de Igreja popular, pobre, profética e libertadora.

3. O projeto papal da restauração

Como se situou o Pontificado de João Paulo II face a estes cenários de Igreja? Ele se situou, logo no início, na contra-corrente destas tendências que eram dominantes. Para esta postura, dois fatores foram, seguramente, determinantes: sua origem polonesa e os círculos da Cúria Romana, marginalizados, mas não derrotados pelo Concílio Vaticano II.

João Paulo II é polonês. Em sua vida conheceu apenas regimes totalitários: o nazismo e o stalinismo. Provém de uma Igreja perseguida que fizera da fé maciça dos fiéis uma força de resistência e de libertação, tanto mais eficaz quanto mais for ligada à tradição e se mantiver coesa internamente. Esta estratégia, legítima na Polônia, não permitia ao Papa avaliar adequadamente as discussões internas da Igreja universal em processo de *aggiornamento* e diálogo com a cultura moderna, caracterizada pela secularização, pelo pluralismo, pelo indiferentismo e pelo relativismo. Segundo sua leitura, condicionada pelo seu lugar social polonês, tal contato poderia colocar em risco a identidade da Igreja. Daí seu propósito firme de reafirmar fortemente a identidade católica.

Em Roma, encontrou a burocracia vaticana, por sua natureza conservadora, que pensava exatamente da mesma forma. Estabeleceu-se um bloco histórico poderoso com o propósito de impor a restauração da identidade e da antiga disciplina.

Naturalmente, o Papa buscou colaboradores que dessem sustentação a esta linha. O principal deles foi Joseph Ratzinger, um teólogo alemão brilhante, feito logo cardeal e levado a Roma para zelar pela fé e homogeneizar a teologia oficial para ser referência para toda a Igreja.

A estratégia não foi se opor frontalmente ao Concílio Vaticano II, o que agravaria a crise na Igreja, mas de lê-lo na perspectiva do Concílio Vaticano I (1870). Este Concílio é todo centrado na figura do Papa, feito infalível e dotado de poderes absolutos que, no fundo, só valeriam para Deus.

Bastou este código Wojtyła/Ratzinger para redefinir todo o percurso da Igreja, desde a sua eleição em 1978 até os dias atuais.

Iniciou-se um processo de restauração daquela ordem construída sobre um modelo de Igreja piramidal, em cujo topo, solitário e absoluto, se encontra o Papa, depois os bispos, os padres, os religiosos e, lá em baixo, os leigos. Tudo gira ao redor da concepção de centro: o Papa, Roma, a Igreja hierárquica, o Ocidente cristão. Não raro, confunde-se o mundo com Roma e Roma com a Polônia, entendida como referência de fidelidade à ortodoxia tradicional.

O carisma pessoal do Papa operacionalizou, à maravilha, este projeto. Ele é, indiscutivelmente, uma figura carismática, com inegável irradiação, um superstar com habilidade de dramatização mediática, sabendo escolher as palavras de efeito e os gestos de impacto.

Suas andanças incansáveis pelo mundo criaram a impressão de que ele é o único e verdadeiro bispo da Igreja, feita a sua única paróquia e diocese. Todos os bispos, perto dele, ou ficam pequenos ou desaparecem. Um fiel pode não saber o nome de seu pároco ou de seu bispo. Mas sabe o nome do Papa.

Para levar avante seu projeto de restauração identitária, munuiu-se dos instrumentos adequados. Reescreveu o direito canônico e com isso enquadrou toda a vida da Igreja (as comunidades eclesiais de base não entram a não ser como “pias associações”). Fez publicar o Catecismo Universal da Igreja Católica e com isso oficializou o pensamento único dentro da Igreja. Com sucessivas instruções deu por terminada a fase criativa na liturgia que se encarnava nas várias culturas (a proibição da missa dos quilombos (negros) e a da terra-sem-males (índios) e que agora deve se ater ao que está oficialmente estabelecido dentro do rigor do cânone romano. Subtraiu o poder decisório do Sínodo dos Bispos, submetido totalmente ao poder papal. Limitou o poder das Conferências Continentais de Bispos e das conferências nacionais episcopais (algumas foram literalmente humilhadas, como a da Holanda e da Áustria) e das conferências de religiosos em nível nacional e internacional, marginalizou os leigos em seu poder de participação decisória e negou a plena cidadania eclesial às mulheres, relegadas a funções meramente marginais, mas sempre longe do altar e do púlpito.

Fechou questões candentes, proibidas de serem discutidas em público como o celibato dos padres, o acesso das mulheres ao sacerdócio, as questões de moral familiar, o uso de preservativos, a questão dos homossexuais. Em quase todas as questões discutidas da biologia e da genética que roçam temas morais, a posição oficialista do Vaticano é negativa, fechada, quando não reacionária, em nome da defesa da vida e da moral.

4. Controle e punição a teólogos

Houve uma vigilância estrita sobre a produção do pensamento teológico. Mais de 140 teólogos, dos mais capacitados e criadores, foram ou interrogados nas instâncias doutrinárias do Vaticano, ou punidos, ou depostos de suas cátedras, ou silenciados e até excomulgados. Aqui a repressão ganhou, em alguns momentos, caráter de crueldade. O grande e muito estimado teólogo moralista Bernard Häring³¹, velho e extremamente doente, foi levado a julgamento e a longos interrogatórios nas salas da ex-Inquisição. Seu testemunho é avassalador: os interrogatórios que sofreu por parte dos militares nazistas não foram tão severos e duros como aqueles sob o cardeal inquisidor Joseph Ratzinger. Este Papa usou e abusou do cajado, algumas vezes contra os lobos.

No afã de criar certezas num mundo de incertezas, João Paulo II pôs a funcionar uma verdadeira máquina de fazer discursos, de escrever instruções, de lançar cartas apostólicas e

³¹ Bernard Häring (1912-1998) Redentorista Alemão, famoso autor, conferencista e teólogo, foi professor de teologia moral na Academia Alfonsiana de 1949 até 1987. (Nota do *IHU On-Line*)

de produzir encíclicas, superando qualquer capacidade de um simples fiel poder ler e assimilar. Proclamou mais de 1300 beatos e canonizou mais de 500 santos, um verdadeiro forno de ícones, com o mesmo propósito de criar referências seguras para os fiéis. Algumas figuras são polêmicas e, sob alguns aspectos, francamente escandalosas como a canonização do Papa Pio IX, um dos mais reacionários e pessoalmente destemperados da história do Papado e a figura do fundador da Opus Dei, Escrivá de Balaguer, ligado ao que há de mais dúbio e menos evangélico no poder político e econômico. Mas ambos reforçavam poderosamente o Papado e a instituição eclesiástica, coisa que mais conta neste modelo centralizador de Igreja. João Paulo II alimentou uma desconfiança fundamental para com o mundo moderno. Faltava-lhe uma verdadeira teologia da secularização, no sentido da legítima autonomia das realidades da política e da cultura.

Juntamente com seu principal assessor, o cardeal Joseph Ratzinger, era caudatário da visão agostiniana de história, segundo a qual a história que realmente conta é somente aquela que passa pela mediação da Igreja, portadora da salvação sobrenatural. Aquela que passa pelas mediações do empenho humano e da história não alcança altura divina e se faz irremediavelmente refém da situação decadente da condição humana e por isso é insuficiente diante de Deus.

Em nome deste agostinismo político, mostrou uma fundamental incompreensão da teologia da libertação latino-americana. Esta afirma que a libertação é feita pelos próprios pobres. A Igreja comparece apenas como aliada deles, reforçando e reconhecendo a legitimidade de suas lutas. Para o cardeal Ratzinger esta libertação é puramente humana e por isso sem relevância sobrenatural.

5. Visão curta e simplista da teologia da libertação

Importa ressaltar que o Papa teve uma visão curta e simplista deste tipo de teologia. Leu-a na ótica de seus detratores. E hoje sabemos, a partir das informações que a CIA lhe passava, especialmente, sobre sua importância na América Central. Interpretou-a como um cavalo de Tróia do marxismo que ele se sentia na obrigação de denunciar, pois tinha experiência dele em sua pátria. Acolheu a idéia errônea de que o perigo da América Latina seria o marxismo, quando o perigo é e sempre foi o capitalismo selvagem e colonialista com suas elites antipopulares e retrógradas.

O Papa viu somente a missão religiosa da Igreja e não também sua missão social, ao dos pobres em sua busca de justiça. Se tivesse dito: "Vamos apoiar os pobres e engajar a Igreja nas mudanças, a partir daquilo que é nosso, do evangelho e da tradição profética", outro teria sido o destino político na América Latina. Ele nos fez perder uma chance histórica única.

Lamentavelmente cercou-se de eclesiásticos latino-americanos levados a Roma, em sua grande maioria conservadores, carreiristas, intelectualmente medíocres e de um papismo infantil e adulator. De lá organizaram a restauração conservadora em todo o Continente. Isso se operou mediante a transferência de bispos proféticos para dioceses distantes, a mediotização do episcopado com a nomeação de bispos, distanciados da vida do povo, o fechamento de institutos de teologia e a punição de teólogos. O dedo em riste do Papa contra o poeta e profeta Ernesto Cardenal³² da Nicarágua nunca será esquecido. Ele estava

³² Ernesto Cardenal é monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a FSLN. Citamos, entre as publicações de Cardenal, **Evangelio de Solentiname**. Salamanca: Sígueme, 1975; **La Revolución Perdida**, Madrid (Espanha): Editorial Trotta, 2003; **Im Herzen der Revolution**, Wuppertal (Alemanha): Peter Hammer Verlag, 2004; **Antología poética**, Rosario (Argentina): HomoSapiens Ediciones, 2004; **Catulo y Marcial**.

humildemente de joelhos, e o Papa em pé como um mestre escola corregedor. Só faltava a vara para termos a cena completa. Para o cristianismo da América Latina, a política vaticana sob o Pontificado de João Paulo II foi um retrocesso e na perspectiva da libertação dos pobres, um flagelo. A muito custo, manteve-se viva a chama e o sonho do Nazareno que se comprometeu com a libertação dos pobres e oprimidos, chamando-os bem-aventurados e os primeiros no Reino de Deus.

6. Traços de fundamentalismo católico

Há uma grande contradição entre as atitudes do Papa e seus ensinamentos. Para fora, apresenta-se como um paladino do diálogo, das liberdades, da tolerância, da paz e do ecumenismo. Pediu sucessivas vezes perdão pelos erros e condenações do passado. Reuniu-se com líderes religiosos para juntos rezarem pela paz mundial. Por outro lado, para dentro da Igreja atropelou direitos de expressão, proibiu o diálogo, puniu com mão pesada e produziu uma teologia com tons fortemente fundamentalistas.

Os últimos documentos oficiais sustentam que a única religião verdadeira é a católica. Em nome disso, ressuscitou a idéia medieval de que fora da Igreja há risco de não haver salvação. As demais igrejas não são propriamente igrejas mas apenas comunidades que têm apenas elementos eclesiais. Arroga-se o direito de definir para as mulheres qual é a sua natureza e sua missão no mundo. Proclamou como vontade divina irreformável a incapacidade das mulheres para o sacerdócio. Comentava, entristecido, um diplomata brasileiro, profundamente cristão: “Só uma Igreja envelhecida, amargurada e crepuscular pode produzir ideais tão melancólicos e de irremediável decadência espiritual”.

7. Apesar de tudo um santo

O projeto político-eclesial esposado pelo Papa não resolveu os problemas que havia se proposto face à Reforma, à modernidade à questão dos pobres. Antes os agravou e retardou um verdadeiro acerto de contas. A identidade católica foi tão reforçada que deixou a impressão de que o importante mesmo é ser piedoso, obediente aos pastores, observante das doutrinas e normas eclesiais e totalmente integrado na galáxia eclesial e menos tornar-se um ser humano sensível, solidário, comprometido com a justiça dos pobres, compassivo e cuidador da natureza. Incentivou os cristãos a permanecerem seguros no porto ao invés de convocá-los a lançar-se ao mar alto e, corajosos, enfrentarem as ondas perigosas e a vencê-las.

As limitações de seu estilo de governar a Igreja não impediram que João Paulo II realizasse a santidade pessoal em grau eminente. E a realizou no quadro de uma religião “à antiga” com muitas devoções a santos, especialmente a Nossa Senhora, a relíquias e a lugares de peregrinação. Ele foi um homem de profunda oração. Ao rezar, por vezes se transfigurava e empalidecia; por outras, gemia e vertia lágrimas. Já foi surpreendido em sua capela particular estendido no chão em forma de cruz, como em êxtase, à semelhança dos “iluminados” espanhóis do século XVI.

A quem cabe a última palavra? À história e a Deus. A nós só é acessível a história e é ela que dirá de seu real significado para o cristianismo e para o mundo nesta fase de mudança de paradigmas e de passagem de milênio.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Santiago de Chile: Ediciones Táchitas Ltda, 2004. Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133ª de **IHU On-Line**, de 21/03/2005. (Nota do **IHU On-Line**).

UM PAPA QUE ABRIU O NOVO MILÊNIO

Por Pe. Jesus Hortal, SJ

O reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Pe. Jesus Hortal, SJ, fala sobre a importância de João Paulo II em artigo publicado no **JB Online**, de 3 de abril de 2005. Hortal é doutor em Direito Canônico e Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma e tem participado dos diálogos ecumênicos promovidos pela Igreja Católica, atuando também como consultor da comissão do Vaticano para as relações com a comunidade judaica.

Um pontificado de mais de vinte e seis anos de duração, que se iniciou no dia 10 de outubro de 1981, não é fácil de avaliar. Nem sequer temos ainda a distância histórica necessária para olhar com serenidade a atuação de um Papa que imprimiu uma marca indelével no mundo. Por isso, selecionarei apenas alguns pontos mais salientes.

1. A geopolítica de João Paulo II

O primeiro ponto foi a sua atuação diplomática, em grande parte silenciosa, mas imensamente eficaz. Sem ruídos, sem gestos espetaculares, mas também sem forças armadas e sem conferências com grandes potências sentadas à mesa, sem apoio a grupos insurgentes ou a ações terroristas, sem derramamento de sangue, João Paulo conseguiu algo que parecia impossível: a queda da cortina de ferro e o reencontro dos povos da Europa. Como ele próprio falara repetidamente, era necessário que o velho continente voltasse a respirar com os dois pulmões, o ocidental e o oriental. A começar pela sua Polônia nativa, subjugada pelo regime comunista, o apoio do Papa foi decisivo para que os governos totalitários da Europa Oriental se retirassem do poder, sem guerras civis ou períodos de insegurança. Ninguém mais vê hoje qualquer perigo da conflagração generalizada que parecia tão próxima durante os anos da Guerra Fria.

Mas a ação política de João Paulo em favor da liberdade não se limitou ao continente europeu, mesmo que, em outras latitudes, os resultados não sejam tão tangíveis. Lembremos, porém, como exemplo, as suas intervenções no Líbano, na Terra Santa e, ultimamente, no Iraque. Nesse último caso, procurou todos os protagonistas, embora nem todos dessem ouvidos às suas palavras. O Papa polonês foi um verdadeiro lutador pela paz, e a sua memória sempre será uma convocatória para a paz.

2. Um Papa teólogo

O segundo ponto que merece destaque é a ingente obra teológica que deixa atrás de si João Paulo II. As suas 14 encíclicas - desde a primeira, *Redemptor Hominis*, até a mais recente, *Ecclesia de Eucharistia* - constituem um tratado completo de teologia, com uma ênfase especial na antropologia teológica e na responsabilidade social do cristão. Precisamente três dessas encíclicas - *Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus annus* - se referem às questões sociais, com posições bem avançadas e originais. Outras duas encíclicas - *Veritatis Splendor* e *Fides et Ratio* - mostram um pensamento extremamente original em questões de relacionamento com o mundo moderno e pós-moderno. São reflexões acerca do encontro entre a filosofia, a ciência e a fé. Se acrescentarmos ainda as 15 Exortações Apostólicas, especialmente as pós-sinodais, como a *Familiaris Consortio* ou a *Pastores Dabo Vobis* e algumas séries de discursos, como os dirigidos anualmente ao Tribunal da Rota Romana, ao corpo diplomático perante a Santa Sé, ou aos integrantes da Cúria Romana, teremos um conjunto gigantesco de documentos doutrinários como nunca antes um papa nos legou, nem

sequer Leão XIII, apelidado de "o Papa das encíclicas". Todos os âmbitos da cultura foram por ele percorridos; todos os temas da nossa atualidade, desenvolvidos; todos os problemas do nosso tempo, examinados.

Passarão muitos anos até que se possa fazer uma síntese completa do seu pensamento, escondido nesse imenso depósito.

Dentro do campo doutrinário, não podemos esquecer que João Paulo II foi o Papa que promulgou o novo Catecismo da Igreja Católica, uma obra solicitada pelo próprio Concílio Vaticano II. Foi uma nova síntese atual, em linguagem bem acessível, abrangente da fé e da doutrina moral da Igreja Católica. Talvez neste ponto, o Papa tenha levado uma certa decepção. Porque não foi realizado o esforço por ele solicitado de adaptar esse catecismo aos diversos povos.

3. Um Papa voltado para o diálogo ecumênico e inter-religioso

O terceiro ponto que desejo destacar é a atuação dialogante de João Paulo II. Como ele próprio falou, em 1985, para os integrantes da Cúria Romana, o Papa Wojtyla não considerava o ecumenismo como uma opção pessoal, mas como uma exigência que brota do próprio ser da Igreja. A encíclica *Ut unum sint* nos mostra o caminho do ecumenismo como algo ineludível. A declaração conjunta católico-luterana, sobre a justificação por fé e graça é uma das realizações mais marcantes neste campo. Há, contudo, um ponto, onde a meta não foi alcançada: a reconciliação plena com os cristãos ortodoxos, um anelo profundamente enraizado, sonhado e ardentemente perseguido por João Paulo II. Todos os esforços nesse sentido ficaram muito além das expectativas. Interesses políticos e desconfianças históricas impediram que os esforços chegassem a bom termo.

Mas, ao lado do diálogo ecumênico, não podemos esquecer o diálogo inter-religioso. Por duas vezes, João Paulo II conseguiu reunir em Assis líderes religiosos mundiais, das mais variadas confissões. Não se tratou de uma "mistura" de religiões, como temiam os setores mais conservadores, mas de uma oração sincera, de acordo com as convicções de cada um, à procura de Deus.

Uma atenção especial mereceu o diálogo com os judeus. O Papa Wojtyla foi o primeiro Romano Pontífice, após São Pedro, a entrar numa sinagoga. Foi ele também o primeiro Papa que se recolheu em oração perante o muro das lamentações, inclusive depositando as suas petições nas fendas das pedras.

Foi ele também que não teve medo de encarar possíveis erros da Igreja no seu relacionamento com os fiéis de outras confissões cristãs ou de outras religiões. Promoveu estudos e encontros sobre temas tão espinhentos como o Holocausto, a Inquisição ou a atuação da Igreja durante a II Guerra Mundial. Foi ao encontro de todos com a mão estendida. Pediu perdão publicamente por erros históricos. Mostrou a grandeza de ânimo suficiente para entrar no novo milênio num espírito de conversão e penitência.

4. Um Papa peregrino

Um quarto ponto que deixa uma marca indelével é a universalização da presença da Igreja. João Paulo II, com a sua peregrinação pelos cinco continentes, a tornou visível em cento e vinte nove países, durante os quais pronunciou 3.288 discursos. Foi uma voz universal, multiplicada pelos modernos meios de comunicação social. Com as suas mensagens pascais e a suas saudações às multidões, fez falar a Igreja em mais de cem línguas. Ainda mais, ao promover Sínodos especiais para as diversas regiões, mostrou que nenhuma problemática lhe é alheia. As Exortações Apostólicas publicadas após esses sínodos traçam um panorama completo da situação e das tarefas em cada continente. Creio que tais exortações - no nosso caso, a

Exortação *Ecclesia in America* - não foram devidamente refletidas e não foi tirado delas o riquíssimo fruto que podem produzir.

5. Um odor de santidade

Nenhum Papa chegou a apalpar a santidade na Igreja como o fez João Paulo II. Proclamou 1.388 beatos e 482 santos, muito mais do que qualquer outro anterior pontífice. Ainda mais, procurou que fossem adiante processos de canonização referentes a pessoas das mais diversas condições sociais. Através dessas ações do Papa, quase apalpamos a santidade na Igreja no nosso tempo. E essa é a última lembrança que nos fica dele: uma santidade proclamada, mas também vivida concretamente, dada como presente à Igreja.

[\(Voltar ao índice\)](#)

UM GRANDE E CIOSO DISCIPLINADOR

Por José Maria Mayrink

*José Maria Mayrink, jornalista, acompanha há muitos os assuntos de Igreja, sobre os quais escreve. Na edição de 3 de abril de 2005 do jornal **O Estado de S. Paulo**, publicou o artigo que reproduzimos a seguir. O texto diz que, com estilo centralizador, João Paulo II combateu as influências socialistas entre teólogos e adotou o conservadorismo em questões morais.*

O eixo da Igreja deslocou-se do Norte para o Sul nos últimos 30 anos. A Europa, que concentrava metade dos católicos no fim do Concílio Vaticano II, viu essa participação cair para 25,8% na virada do século, enquanto a América Latina saltava de 30% para cerca de 45%. Na África, a porcentagem de católicos mais do que dobrou, passando de 5% para 13,2%. De acordo com dados estatísticos da Santa Sé, os países do Terceiro Mundo abrigam atualmente cerca de 70% do total de 1,086 bilhão de cristãos que vivem sob a autoridade de Roma.

Foi em meio a essa reviravolta que João Paulo II assumiu o trono de Pedro em outubro de 1978.

Vindo de uma Polônia monoliticamente católica, apesar de ser governada por um regime comunista, o ex-arcebispo de Cracóvia, então com 58 anos, logo descobriu que não seria fácil pastorear o rebanho. Não era só a geografia que mudava com a expansão do catolicismo. Na esteira da revolução iniciada por João XXIII e continuada por Paulo VI, novos ventos sopravam nas regiões mais pobres do planeta, onde teólogos de vanguarda acreditavam que a Igreja devia colocar-se a serviço dos desprotegidos.

Ao desembarcar no México para abrir a 3.^a Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, em janeiro de 1979, João Paulo II deparou com uma realidade bem diferente daquela do continente europeu. Os participantes da reunião aplaudiram o Papa com entusiasmo, mas não se curvaram, já nesse primeiro encontro, poucos meses após sua eleição, às diretrizes que ele trazia para orientação dos debates. Em vez de vocações religiosas e família, como queria o Vaticano, os bispos discutiram a opção preferencial pelos pobres e os desafios da nova sociedade no mundo moderno. Apenas o terceiro item proposto, a questão dos jovens, foi mantido em pauta.

Advertência

De estilo centralizador e cioso de sua autoridade, João Paulo II interveio nos debates para impor sua orientação, mas não tanto a ponto de mudar os rumos de Puebla.

Sem condenar a teologia da libertação, advertiu que ela não podia inspirar-se no materialismo nem utilizar instrumentos marxistas para a defesa dos excluídos. A opção pelos pobres, insistiu ele, não deveria ser discriminatória nem excludente, como sugeria o adjetivo “preferencial”, herdado da conferência de Medellín, que se reuniu em 1968 com a bênção de Paulo VI. Apesar da advertência, João Paulo II foi mais complacente que a Congregação para a Doutrina da Fé, que defendia uma posição mais dura.

Na conferência seguinte, realizada em outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana, os burocratas da Cúria Romana anteciparam-se aos debates. Uma comissão de cinco membros escolhidos pelo Vaticano, à revelia dos episcopados nacionais, chegou com uma versão pronta para a redação do documento a ser aprovado pela reunião. Não adiantou. Os bispos elegeram um sexto nome, o do arcebispo brasileiro D. Luciano Mendes de Almeida, então presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como seu representante. Na última hora, D. Luciano alterou o texto de Roma, acrescentando a ele as linhas gerais de Medellín e Puebla.

“Menos mal”, conformaram-se os bispos que resistiam à imposição de diretrizes das quais discordavam. “Santo Domingo foi marcada pelo cuidado, pelo medo, por interferências fortes vindas da Cúria Romana, sobretudo por causa da teologia da libertação e, por isso, não esteve à altura do momento em que foi convocada”, afirma D. Angélico Sândalo Bernardino, bispo de Blumenau (SC).

A interferência, conforme revela o teólogo paulista Oscar Beozzo, partiu do secretário de Estado da Santa Sé, cardeal Angelo Sodano, para quem as conferências episcopais latino-americanas atuavam, ousadia inadmissível, como uma espécie de concílio autônomo. Roma, aconselhava Sodano, precisava retomar o controle da situação.

A Congregação dos Bispos, presidida pelo cardeal africano Bernardin Gantin, depois substituído pelo cardeal brasileiro Lucas Moreira Neves, passou a filtrar, com mais cuidado, os nomes enviados pelas nunciaturas apostólicas para o preenchimento das dioceses vacantes. Em menos de 20 anos, o Papa renovou o episcopado, nomeando mais de dois terços dos 4.500 bispos em atividade no fim do século XX.

“É inegável que o perfil do episcopado brasileiro e mundial mudou, com a escolha de bispos que são mais pastores e menos políticos”, observa D. Amaury Castanho, bispo emérito de Jundiaí (SP), um dos representantes da linha mais moderada da Igreja.

“Como nem sempre os escolhidos correspondiam às expectativas, Roma preferiu dar maior atenção aos arcebispos”, diz padre Beozzo, citando como exemplos a nomeação de D. Cláudio Hummes para a sucessão do cardeal D. Paulo Evaristo Arns em São Paulo e a de D. Geraldo Majella Agnelo para o lugar do cardeal primaz de Salvador. D. Paulo, que até então dirigia a maior arquidiocese do mundo, viu seu poder reduzido em 1989, quando o Vaticano desmembrou o território sob sua jurisdição para criar novas dioceses na capital paulista. O cardeal não disfarçou sua mágoa com a Cúria Romana, mas evitou criticar João Paulo II.

“Mediocrização”

Na avaliação de frei Clodovis Boff, teólogo como seu irmão Leonardo Boff (o ex-frade franciscano que deixou a vida religiosa após sofrer uma punição do cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé), houve uma “mediocrização” do episcopado no mundo, e não só no Brasil.

“Temos hoje um Papa grande e bispos pequenos”, escreveu frei Clodovis. Ele não gosta do estilo “autoritário”, adotado na disciplina interna, mas prevê que João Paulo II ficará na história como um “grande Papa, por uma estatura pública e ética que reforça o poder da Igreja”.

Avançado no campo social, Wojtyła adotou uma atitude conservadora em questões morais. “João Paulo II tem a mesma posição de Paulo VI em questões, como aborto, sexo e homossexualismo”, lembra D. Cândido Padin, que, como bispo de Lorena e de Bauru, foi um dos mais atuantes dirigentes da CNBB durante a ditadura militar. “O Papa polonês, que sofreu a opressão do nazismo na carne, quis impedir a influência do marxismo na Igreja, mas teve visão suficiente para enxergar as necessidades dos desvalidos”, explica D. Cândido.

Esse dualismo, aparentemente ambíguo, embora não-contraditório, fez de João Paulo II um líder mundial, mas custou caro no âmbito interno da Igreja. “Foi um desastre, porque o Papa aboliu o diálogo e o pluralismo, impondo ordem unida para bispos e teólogos”, afirma padre Beozzo. “A grande insatisfação em relação a seu pontificado vem da falta de participação”, reforça frei Clodovis, observando que essa foi uma reação de dimensão mundial.

Apesar da proibição de Roma, acrescenta ele, 67% dos católicos tomam pílulas ou usam camisinhas, o que demonstra a existência de uma moral paralela à palavra oficial. “Creio ser grande o número de católicos que, em matéria de limitação de filhos, não segue as normas da Igreja, mas não acho que aconteça a mesma coisa a respeito do aborto”, diz D. Angélico, bispo de Blumenau que trabalhou durante 25 anos na periferia de São Paulo. Para o ex-arcebispo de Belém, D. Vicente Zico, “existe uma tendência visível de rejeitar a orientação da Igreja, quando ela vê motivo para algum alerta de ordem pessoal ou doutrinal”.

D. Vicente cita como exemplo o documento *Dominus Iesus* (O Senhor Jesus), da Congregação para a Doutrina da Fé, que sofreu um bombardeio generalizado por haver declarado que só o catolicismo é a verdadeira religião. “Foi uma pá de cal no ecumenismo”, lamenta padre Beozzo, ao avaliar a repercussão do texto lançado em setembro de 2000.

Imaginou-se, de início, que se tratasse de mais uma intervenção do cardeal Ratzinger, mas João Paulo II encampou a tese, semanas depois.

O documento, acredita o teólogo, acabou com o grande sonho do Papa, que era unir os cristãos - católicos, evangélicos e ortodoxos - no início do Terceiro Milênio.

Alerta

O jesuíta João Batista Libânio, professor do Instituto Santo Inácio em Belo Horizonte, não acha que o estrago tenha sido tão grande.

“O documento *Dominus Iesus* foi um alerta para algumas posições de teólogos, mas não afetará o processo ecumênico”, afirma padre Libânio, com o argumento de que os gestos do Papa favoreceram o diálogo, “mesmo que a parte teórico-teológica não os tenha acompanhado”.

As restrições à teologia da libertação e a censura de seus principais defensores, entre os quais o brasileiro Leonardo Boff e o peruano Gustavo Gutierrez, tentaram refrear o avanço do movimento na América Latina, mas não anularam sua influência. Além de continuar inspirando as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), os herdeiros do espírito de Medellín e Puebla estenderam sua ação a outras áreas, em aliança com movimentos negros, povos indígenas, grupos de mulheres e minorias marginalizadas, conforme observa padre Libânio.

Com mais de 100 mil núcleos no Brasil, as CEBs tiveram o mérito de brejar, em parte, a evasão de fiéis para igrejas e seitas evangélicas. Num país que ainda conta com cerca de 70% de católicos entre seus 182 milhões de habitantes, a atuação de agentes pastorais leigos, como os que dirigem o movimento, foi fundamental para suprir a falta de padres. Embora o número de sacerdotes tenha saltado de 12 mil para mais de 17 mil nos últimos 30 anos, o crescimento não correspondeu ao aumento da população.

Celibato

A falta de padres em número suficiente para atender às comunidades reacendeu o debate em torno da ordenação de homens casados e até de mulheres. O Papa tentou cortar a discussão, ao reafirmar que a Igreja não mudaria leis que, em sua interpretação, se inspiram no Evangelho. Mas as propostas continuam de pé, porque muitos teólogos e bispos discordam dessa posição. Oscar Beozzo, por exemplo, não vê motivo para não conceder aos leigos o poder de administrar os sacramentos, incluindo a celebração da eucaristia.

Outra proposta é a readmissão de padres que deixaram o ministério, mas gostariam de voltar a exercer o sacerdócio. Apesar de até alguns cardeais, como o brasileiro Aloísio Lorscheider³³, terem defendido a idéia, o Vaticano nem sequer admitiu a hipótese.

João Paulo II, porém, adotou uma posição de mais compreensão e solidariedade em relação aos padres casados. O Papa estendeu a eles a saudação que fez aos sacerdotes do mundo inteiro numa mensagem pelo Dia do Padre, em agosto de 2000.

A mudança demonstra que os ex-padres passaram a ser acolhidos com mais fraternidade. Um exemplo foi a maneira pela qual o arcebispo de São Paulo, D. Cláudio Hummes, reagiu ao receber de Fernando Altemeyer Júnior, um de seus principais colaboradores, a notícia de que estava deixando o sacerdócio, após 15 anos de padre.

“Você não vai abandonar a Igreja, vai? Então espero que seja feliz... e que seja santo” disse D. Cláudio, abraçando o amigo. O teólogo e professor Altemeyer parou de celebrar missa, mas continuou trabalhando na pastoral e dando aulas no Departamento de Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica (PUC).

O perfil do padre mudou nas últimas décadas do século. “Num mundo de enormes transformações com ênfase no individualismo, é forte a tendência ao paroquialismo e a certos movimentos e menor o interesse pelas periferias e pastorais sociais” lamenta D. Angélico, que foi responsável pelo setor de vocações e ministérios na CNBB. O bispo refere-se ao surgimento de grupos mais voltados para o espiritual, como a Renovação Carismática Católica e outros movimentos de leigos.

Para todos

Menosprezados, de início, pela ala mais engajada da hierarquia e do clero, sob suspeita de levar à alienação do povo por falta de compromisso social, os carismáticos conquistaram respeito, quando se viu que atraíam de volta às igrejas milhões de católicos afastados da prática da religião. Bispos como D. Vicente Zico e D. Cândido Padin advertem para o risco de celebrações eventualmente vazias de conteúdo, mas não deixam de reconhecer a importância das manifestações populares para a evangelização.

Para não perder o controle dessas iniciativas, que, com frequência, nascem, crescem e atuam à margem da hierarquia, a CNBB achou mais prudente apoiá-las, indicando bispos e padres para lhes dar assistência. Na Diocese de Santo Amaro, D. Fernando Figueiredo postou-se ao lado de padre Marcelo Rossi, um fenômeno em atração de público com suas missas e shows, para garantir a fidelidade de seus cultos à liturgia e à doutrina da Igreja.

João Paulo II se empenhou, até o fim da vida, em reafirmar os ensinamentos do magistério. Mesmo quando suas palavras desagradavam a católicos ou não, conforme observou o cardeal Ratzinger, por ocasião da comemoração do 25.º aniversário do pontificado. Doente e cansado, suas últimas aparições eram um testemunho pungente de sacrifício e fé.

³³ O cardeal Dom Aloísio Lorscheider é arcebispo emérito de Aparecida do Norte, São Paulo. Ele concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* na matéria de capa da 124ª edição, de 22 de novembro de 2004, que teve como tema os 40 anos da *Lumen Gentium*. Este aniversário também pautou a palestra do evento *IHU Idéias* de 25 de novembro de 2004, ministrada por Lorscheider e Dom Boaventura Kloppenburg. (Nota do *IHU On-Line*).

[\(Voltar ao índice\)](#)

O IMPREVISÍVEL CAMINHO DA SUCESSÃO

Entrevista com Marco Politi

Os sucessos e os insucessos que marcaram o pontificado de João Paulo II vão condicionar a eleição de seu sucessor. “Será um grande desafio”, prevê Marco Politi, um dos vaticanistas mais respeitados da Itália, em entrevista ao jornal **O Estado de S. Paulo**, em 3 de abril de 2005, feita por Assimina Vlahou, jornalista. Autor de uma polêmica e reveladora biografia de João Paulo II - *Sua Santidade*³⁴ -, escrita em colaboração com o jornalista norte-americano Carl Bernstein, do caso Watergate, Politi escreve para o jornal italiano **La Repubblica**. Em *Sua Santidade*, ele deu ênfase sobretudo ao papel do Papa polonês na queda do bloco comunista. Nesta entrevista, Politi aponta os fatores que influirão na escolha do sucessor de Karol Wojtyła e os desafios que ele enfrentará. Aquele que for eleito papa terá de ser um líder aberto ao diálogo com representantes de todas as religiões.

O senhor acredita que os cardeais terão dificuldade para escolher o novo Papa?

Com Karol Wojtyła, o Papa deixou de ser apenas um líder religioso para se transformar numa figura internacional, porta-voz dos direitos universais do homem. Ganhou capacidade de falar em nível global, o que é absolutamente inédito. Diante disso, escolher um sucessor será um grande desafio. Os cardeais terão de encontrar um líder forte, capaz de falar a todas as raças e religiões, e ao mesmo tempo de realizar reformas internas na Igreja.

Qual o principal problema que João Paulo II vai deixar para o seu sucessor?

Um dos mais graves é a crise da participação religiosa. Na Europa e nos Estados Unidos, onde a presença dos católicos diminui, poucos vão à missa, confessam ou comungam. Na América Latina, há o grande problema das seitas fundamentalistas protestantes, que se expandem rapidamente - e Wojtyła tem uma parte de responsabilidade nisso tudo, devido aos ataques que fez às comunidades eclesiais de base (Cebes).

A geografia também vai influir nos rumos do conclave?

A internacionalização na Igreja Católica é irreversível. Tanto que não se fala só de um possível papa latino-americano. Há quem fale num papa africano. Durante o conclave, deverá ser analisado quanto é importante descentralizar e reorganizar a Igreja. Caso os cardeais dêem prioridade às reformas, pode ser importante um papa italiano, que conheça bem a máquina da Cúria Romana. Acredito que há 50% de chances de ser eleito um italiano.

Por que o senhor acredita que possa ser eleito um cardeal da América Latina ou da África?

Antes de mais nada, pela internacionalização da Igreja - fenômeno irreversível, que conta com apoio cada vez maior no Vaticano. Usando como exemplo as apostas feitas na Inglaterra, um candidato dos países em desenvolvimento, com grande probabilidade de ser um latino-americano, teria 6 chances contra 4 de um italiano.

Quais seriam os candidatos latino-americanos com maior possibilidade de assumir o comando da Igreja Católica?

³⁴ BERNSTEIN, Carl & POLITI, Marco. *Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. (Nota do *IHU On-Line*).

O cardeal mexicano Norberto Rivera Carrera, que tem grande capacidade de comunicação, uma carga de fé populista e ao mesmo tempo é defensor tradicional da doutrina. O cardeal de São Paulo, D. Cláudio Hummes, que representa uma linha moderada, aberta à possibilidade de reformas na Igreja e, ao mesmo tempo, atenta aos problemas sociais. A candidatura de Dom Cláudio deve-se também à importância da diocese que lhe foi confiada e do episcopado brasileiro. Enfim, o cardeal Oscar Rodríguez Maradiaga, de Tegucigalpa, capital de Honduras. É uma pessoa que se mostra aberta às reformas, que dedica grande atenção à questão social.

O arcebispo de Salvador, D. Geraldo Majella Agnelo, não está na lista dos papáveis?

Não estar numa dessas listas não significa que não tenha chances. É bom lembrar que ninguém falava do Papa Luciani - João Paulo I - em 1978. Nem todos os que participam verdadeiramente da eleição são conhecidos.

Quais seriam os candidatos mais fortes do continente africano?

O cardeal Bernardin Gantin, decano do colégio cardinalício. E Francis Arinze, que, sendo presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, poderia dar maior impulso à aproximação com as outras religiões.

Os italianos não são favoritos nesse conclave?

O cenário italiano continua válido, principalmente se o objetivo for a reforma interna, a democratização do aparato da cúria e, portanto, a maior participação dos bispos de todo o mundo no governo da Igreja. Os italianos conhecem melhor a máquina do Vaticano.

E quais são os italianos mais cotados?

Com certeza, o cardeal Dionigi Tettamanzi, de Milão, está na primeira linha entre eles. Politicamente moderado, é atento à doutrina da Igreja - colaborou muito com João Paulo II em todos os documentos relativos à família, casamento e bioética -, mas também dá grande importância aos problemas sociais. O secretário de Estado, Angelo Sodano, e o presidente da Conferência Episcopal Italiana, Camillo Ruini, também terão um papel muitíssimo importante.

E o cardeal Carlo Martini?

Ele permanece como um grande *outsider*. Certamente Carlo Martini teria um grande consenso de parte da Igreja e muitíssimo fora da Igreja Católica de Roma. Mas também teria o apoio apenas de uma minoria no conclave. Difícil que obtenha dois terços dos votos, pois contra ele há muita resistência. Apesar de ser agora arcebispo emérito (*aposentado*) de Milão, ele terá peso relevante na eleição do Papa.

O prefeito da Congregação para os Bispos, Giovanni Battista Re, é considerado um dos mais fortes candidatos italianos, não?

É uma pessoa que mantém boas relações com muitos bispos. Poderia ser um ótimo candidato para um papado de reformas graduais. Esse conclave é mais moderado do que aquele que elegeu João Paulo II, em 1978. Mas não seria correto julgar um conclave com base em sua maioria. O conclave que elegeu João XXIII era formado por pessoas escolhidas por Pio XII, mas que souberam interpretar a necessidade de uma mudança. Muitos cardeais entendem que é preciso mudar. Mas é preciso compreender até que ponto eles estão dispostos a realizar as reformas. Giovanni Battista Re tem grande capacidade de trabalho e, portanto, poderia ser um papa que, ao contrário de João Paulo II, daria mais atenção à máquina vaticana. Seu bom relacionamento com os bispos facilitaria uma maior colegialidade.

Há outros europeus na lista dos papáveis?

O cardeal de Viena, Christoph Schönborn, homem de grande sensibilidade, cultura e abertura mental, que só tem o problema de ser muito jovem (*tem 60 anos*). E também o belga Godfried Danneels e o francês Roger Etchegaray, que foi presidente do Comitê para o Jubileu de 2000 e enviado especial do Papa em missões delicadas, como as negociações para liberar a Igreja da Natividade, em Belém, ocupada por palestinos e cercada pelo Exército de Israel.

[\(Voltar ao índice\)](#)

NOTAS

Reproduzimos, a seguir, as notas veiculadas em 2 de abril de 2005 no sítio www.ihu.unisinos.br, atualizado diariamente.

Scola e Tettamanzi, fortes candidatos, segundo o Figaro

Para o jornal francês **Figaro**, 2-4-05, os dois italianos que neste momento despontam como possíveis sucessores de João Paulo II seriam, o cardeal de Veneza, Angelo Scola e Dionigio Tettamanzi, arcebispo de Milão. Angelo Scola, 64 anos, figura importante no episcopado italiano, formou-se em Friburgo e percorreu o mundo, segundo o jornal francês, fundando os Institutos João Paulo II consagrados à família. Antigo reitor da Universidade Pontifícia Lateranense, ele é conhecido por seu discurso franco. Seu engajamento doutrinal se situa na linha do ensinamento conservador de João Paulo II. Quanto ao arcebispo de Milão, 71 anos, foi ordenado padre pelo futuro Papa Paulo VI. O sucessor do cardeal Martini – que poderá jogar um papel importante no Conclave no sentido de unir os votos italianos – é conhecido por seu engajamento pastoral dinâmico e sua habilidade. Ele é autor de inúmeros livros de teologia moral.

A opção Ratzinger

Para Henri Tincq, vaticanista do jornal francês **Le Monde**, se o Conclave optar por um pontificado de transição, depois do longo Papado de João Paulo II, os rumores apontam o nome do arquiconhecido alemão Joseph Ratzinger, 77 anos, inamovível guardião da doutrina desde 1981. Ele é conhecido na Cúria como “intelectualmente e espiritualmente superior a todos os outros”. Se o Conclave optar por uma perspectiva ‘internacionalista’, ou seja, não italiana, segundo o **Le Monde**, 2-4-05, “então tudo será possível”, segundo a exclamação de Giancarlo Zizola, que segundo o jornal francês é um dos mais experimentados vaticanistas. E aí José Maria Bergoglio, 68 anos, jesuíta, arcebispo de Buenos Aires, é comumente citado como um dos outsiders. Mas existem outras cartas na mão no caso da opção pela perspectiva internacionalista. Um asiático poderia vir a ser Papa. Por exemplo, Ivan Dias, 68 anos, arcebispo de Bombaim, que tem o mérito de vir de um dos grandes países pobres e de reunir uma longa experiência diplomática na Cúria.

Restauração do regime de cristandade. Um fracasso

O final do pontificado de João Paulo II, significa “o visível fracasso – impulsionado desde o cume da Igreja com todos os seus meios disponíveis – de restaurar o regime de cristandade sob formas atualizadas, atacando, assim, em seu ponto central o programa de reforma espiritual proposto pelo Concílio Vaticano II, a fim de recuperar e reafirmar o papel temporal da

Igreja na sociedade globalizada”. A dura avaliação é de Giancarlo Zizola, na introdução escrita para a tradução espanhola do seu livro *L'altro Wojtyla*, publicado, originalmente, em 2002. A tradução espanhola, sob o título *La otra cara de Wojtyla* é de 2004 e publicado pela Editora Tirant Lo Blanch de Valencia. Giancarlo Zizola é um considerado um dos mais importantes jornalistas especializado nas questões da Igreja Católica. Procurando entender e analisar o pontificado de João Paulo II que chega ao seu fim, tanto o boletim *IHU On-Line* quanto a página www.ihu.unisinos.br irão publicar análises e pontos de vistas diferentes sobre o balanço dos 26 anos de pontificado de Wojtyla.

As três orientações do pontificado de João Paulo II, segundo Zizola

Para Giancarlo Zizola, o quadro do atual pontificado pode ser visto como tendo três orientações, confusas, oscilantes e, nem sempre, capazes de ser integradas num plano estratégico homogêneo. Daí derivaram, segundo Zizola, as tensões e contradições palpáveis no sistema eclesial. Uma primeira orientação mantinha uma fidelidade fundamental ao Concílio Vaticano II e afirmava o valor do diálogo com a sociedade, sublinhando a primazia pastoral da missão da Igreja e a sua atitude de serviço – não de domínio – no que diz respeito à sociedade, superando posições de crasso utilitarismo religioso. Uma segunda orientação se centrava na necessidade de revisar criticamente a atitude da Igreja no que diz respeito ao mundo moderno, tal como havia sido definida no Concílio Vaticano II, com suas luzes e suas sombras, como espaço de valores e de autonomias que é necessário discernir, pois são sementes de salvação. Frente ao desafio da secularização a resposta elaborada por essa escola era a reedição do velho castelo como figura da Igreja, o mesmo que fazia a apologética clássica: a secularidade era considerada como um mundo impermeável e hostil ao fermento evangélico, constituindo-se em sua antítese radical.

O projeto de recristianizar a sociedade contemporânea

Ou seja, a Igreja era concebida como instituição assediada pela modernidade como por um mar tempestuoso. O catolicismo, se achava, deveria encontrar a força das tradições culturais, restituir visibilidade pública à religião, revigorar as estruturas da reprodução social da Igreja. A finalidade era recristianizar a sociedade como tal. Esta orientação não percebeu ou não aceitava que a sociedade civil se emancipara irreversivelmente da sociedade eclesial. A Igreja, ante a crise de identidade, opta pela recristianização da sociedade, fugindo nostálgicamente ante a difícil eleição a que estava condenada: ou desaparecer ou encontrar uma nova função, que não podia ser já de fundamentar os laços sociais mas inspirá-los, não a de mandar mas a de servir, não a de buscar uma utilidade imposta mas dar testemunho do amor do Evangelho.

O pontificado de Wojtyla intérprete de uma orientação religiosa e, por isso, política

No meio desta crise de identidade, apareceu uma terceira orientação assumida pelo poder carismático com que João Paulo II recolhia a segunda orientação, acima exposta. Sua perspectiva parecia não coincidir plenamente com a da plataforma mais explicitamente restauradora. Com Wojtyla se o Papado se apresentava como um intérprete privilegiado, messiânico no fundo, de uma religião de anúncio da salvação puramente religiosa e por causa disso, e não apesar disso, útil e efetiva no terreno político. Definitivamente, Wojtyla parecia encarnar o paradoxo da máxima pretensão escatológica da religião cristã e, ao mesmo tempo, da máxima eficácia política. Não desejava uma Igreja que voltasse a gerir imediatamente um poder político, mas que acreditava que, desenvolvendo plenamente a mensagem religiosa com todo meio possível de influência, a Igreja voltaria a ser útil ao mundo. Assim, com Wojtyla a

Igreja não intervinha na cena política unicamente em razão da existência de deficiências ou vazios das instituições políticas. A 'suplência política' da Igreja se constituía em fonte autônoma de iniciativa política, suprindo, inclusive, a crise de valores da política laica. Neste sentido ele vai desenhar um projeto de humanismo onde o cristianismo pudesse ter uma função criativa: um cristianismo que falasse do humano e um humanismo que falasse do cristianismo. No entanto, segundo Zizola, por mais grave que fosse a crise da razão, a sociedade não estava disposta em delegar a outra instância – a Igreja – os caminhos de uma nova racionalidade, renunciando ao intento de recuperar os valores da própria herança histórica.

[\(Voltar ao índice\)](#)

WOJTYLA, O PAPA QUE FALHOU

Por Hans Küng

No artigo que segue, publicado no jornal Corriere della Sera, em 26 de março de 2005, o teólogo católico dissidente, Hans Küng, indica as onze contradições que teriam marcado o Pontificado de João Paulo II, obrigando milhões de fiéis a uma dramática "crise de esperança". Hans Küng, importante teólogo alemão, foi censurado pelo Vaticano. Atualmente, é presidente da Fundação de Ética Global, com sede em Tübingen, na Alemanha. É autor de inúmeros livros. Foram traduzidos para o português, entre outros, Igreja Católica, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002; Uma ética global para política e economia mundiais, Petrópolis: Vozes, 1999; Religiões do Mundo. Em busca dos pontos comuns, Verus Editora, 2004. O sítio da Fundação de Ética Global é <http://www.weltethos.org>. De Hans Küng, publicamos uma entrevista na 58ª edição do IHU On-Line, de 5 de maio de 2003.

A situação da Igreja Católica é séria

O Papa está gravemente doente e merece toda a compaixão, mas a Igreja deve viver. Por isso, na prospectiva de uma eleição papal, ela precisa de um diagnóstico, de uma sincera análise interior. Sobre as terapias, poderemos discutir depois. Os mais de vinte e cinco anos de Pontificado de Karol Wojtyla foram uma confirmação das críticas que eu havia já exprimido após um ano de seu Pontificado. Na minha opinião, ele não é o maior, mas o mais contraditório Papa do século XX. Um Papa de muitos e grandes dotes, e das muitas decisões erradas! A sua «política externa» pretendeu de todo o mundo conversão, reforma e diálogo. Porém, em completa contradição, a sua «política interna» apontou para a restauração do *status quo ante Concilium*, para impedir as reformas, para a rejeição do diálogo intra-eclesiástico e para o domínio absoluto de Roma. Esta contradição se evidencia em onze âmbitos problemáticos. Reconhecendo os aspectos positivos deste Pontificado, me concentrarei, portanto, nos seus aspectos críticos e contraditórios.

Primeira contradição

João Paulo II predica os direitos do homem externamente, mas internamente, isto é, aos bispos, aos teólogos e, principalmente, às mulheres, os negou. O Vaticano, antigamente inimigo convicto dos direitos do homem, hoje bem disposto a se intrometer na política européia, continua a não poder subscrever a Declaração dos Direitos do Homem do Conselho da Europa: muitos cânones do direito eclesiástico romano, absolutista e medieval, deveriam antes ser modificados. A separação dos poderes, princípio fundamental do direito moderno, é desconhecida da Igreja Católica, Romana, em cujo comportamento não há nenhuma lealdade: nos casos de disputa, a autoridade vaticana realiza, contemporaneamente, as funções de legislador, acusador e juiz.

Segunda contradição

Grande admirador de Maria, Wojtyla predica os ideais femininos, vetando, porém, às mulheres, a pílula e lhes negando a ordenação. Para muitas mulheres católicas tradicionais (principalmente as mulheres pertencentes a ordens religiosas), o aspecto mais apreciado deste Papa é a sua rejeição às mulheres modernas, enquanto as excluiu de todas as consagrações mais importantes e considera a contracepção como pertencente à “cultura da morte”. Todavia, muitas mulheres que participam das manifestações de massa do Papa, rejeitam a doutrina papal que se opõe aos métodos contraceptivos.

Terceira contradição

Este Pontífice predica contra a pobreza das massas e a indigência no mundo, mas, ao mesmo tempo, com a sua posição em relação ao controle dos nascimentos e à explosão demográfica, tornou-se culpado por essa indulgência. Durante as suas numerosas viagens, e também frente à Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo, em 1994, este Papa tomou posição contra o uso da pílula e do profilático, portanto, poderia ser considerado responsável, mais do que qualquer outro homem de Estado, pelo crescimento demográfico incontrolado em alguns países e pelo crescimento da Aids na África.

Quarta contradição

Karol Wojtyla difunde uma figura sacerdotal masculina caracterizada pelo celibato e é, portanto, o principal responsável pela catastrófica carência de sacerdotes, pelo colapso da assistência espiritual em muitos países e pelo escândalo da pedofilia no clero, hoje já vindo à luz. Aos homens que se declararam prontos para o serviço sacerdotal nas comunidades é proibido o matrimônio. Este é somente um exemplo de como também este Papa ignorou a doutrina da bíblia e a grande tradição católica do primeiro milênio, quando não havia nenhuma lei sobre o celibato para os sacerdotes. Os quadros se reduziram, o recrutamento parou e daqui a pouco, não somente nas áreas de língua alemã, quase dois terços das paróquias permanecerão sem sacerdotes, e a celebração dominical da eucaristia não poderá mais estar assegurada, nem mesmo com a importação de párocos e com o agrupamento das paróquias em «unidades espirituais». O clero fiel ao celibato está, portanto, em crescente perigo de extinção. Os escândalos da pedofilia verificados dos Estados Unidos à Áustria, além disso, danificaram gravemente a sua credibilidade, levando quase à falência grandes dioceses nos Estados Unidos.

Quinta contradição

O Papa polonês praticou um número elevadíssimo de canonizações, mas, ao mesmo tempo, ignorou a inquisição atuada contra teólogos, sacerdotes e membros de ordens malvistas pela Igreja.

Os devotos, instrumentalizados politicamente e comercialmente com gastos ingentes e conseqüentes lucros para a Cúria, são, principalmente, pias freiras, fundadores de ordens religiosas ou Papas, como o antidemocrático, anti-semita, autoritário Papa Pio IX (contrabalançados pela canonização de João XXIII). Santos também se tornaram o imperador Carlos I e o bem pouco pio fundador do *Opus Dei* José Maria Escrivá.

Homens e mulheres (também mulheres pertencentes a ordens religiosas) que se distinguiram, pelo seu pensamento crítico e pela sua enérgica vontade de reformas, foram, ao invés, tratados com métodos de Inquisição. Como Pio XII fez perseguir os mais importantes teólogos do seu tempo, do mesmo modo se comportam João Paulo II e o seu Grande Inquisidor Ratzinger com

Schillebeeckx³⁵, Balasuriya³⁶, Boff, Bulányi, Curran³⁷, Fox, Drewermann³⁸ e também o Bispo de Evreux Gaillot³⁹ e o Arcebispo de Seattle Huntington. Na vida pública, faltam, hoje, intelectuais e teólogos católicos da importância da geração do Concílio. Este é o resultado de um clima suspeito, que circunda os pensadores críticos deste Pontificado. Os bispos se sentem governadores romanos em vez de servidores do povo da Igreja. E muitos teólogos escrevem de modo conformista ou, então, calam.

Sexta contradição

O Papa elogia, com frequência e com prazer, os ecumênicos, mas, ao mesmo tempo, comprometeu pesadamente as relações com as igrejas ortodoxas e com as igrejas reformistas, e evita o reconhecimento dos seus funcionários e da eucaristia. O Papa deveria consentir — como sugerido de muitas maneiras pelas comissões de estudo ecumênicas e como praticado diretamente por tantos párocos — as missas e a eucaristia nas igrejas não-católicas e a hospitalidade eucarística. Deveria também reduzir o excessivo poder exercitado pela Igreja nos confrontos das igrejas do Leste e das igrejas reformistas e deveria renunciar à nomeação dos bispos romano-católicos nas zonas das igrejas russo-ortodoxas. Poderia, mas nunca quis. Quis, ao invés, manter e ampliar o sistema de poder romano. A política de poder e de prestígio do Vaticano foi mascarada por discursos ecumênicos pronunciados da janela da Praça São Pedro, por gestos vazios e pela jovialidade do Papa e dos seus cardeais que encobre, na realidade, o desejo de «submissão» da Igreja do Leste à supremacia romana e o «retorno» dos protestantes à casa paterna romano-católica.

Sétima contradição

Como bispo sufragâneo e após arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła tomou parte do Concílio Vaticano II. Após se tornar Papa, porém, desprezou a colegialidade do Pontífice com os bispos, decretada exatamente no Concílio. Este pontífice declarou várias vezes a sua fidelidade ao Concílio, para após traí-lo nos fatos com sua “política interna”. Os termos conciliares, como “atualização, diálogo, colegialidade e abertura ecumênica”, foram substituídos por palavras como “restauração, magistério, obediência, romanização”. O critério para a nomeação dos bispos não é absolutamente o espírito do Evangelho e a abertura mental pastoral, mas sim a fidelidade absoluta em direção à conduta romana. Os seguidores do Papa entre os bispos de língua alemã, como Meisner⁴⁰, Dyba, Haas, Groer e Krenn⁴¹ são somente os enganos mais

³⁵ O famoso teólogo modernista Edward Schillebeeckx, nascido em 1914, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II. Entre outros, é autor de *Teologia do diaconado*. Porto: Moraes, 1965; e *Sacerdócio e celibato*. Porto: MORAIS, 1965. (Nota do *IHU On-Line*).

³⁶ Frei Tissa Balasuriya, OMI, teólogo do Sri Lanka, participou do I Fórum Mundial de Teologia e Libertação, ocorrido em janeiro deste ano, em Porto Alegre. (Nota do *IHU On-Line*).

³⁷ Charles Curran é um conhecido teólogo católico dos EUA. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁸ Eugen Drewermann, teólogo, biblista, católico, pacifista e terapeuta alemão. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁹ Nascido em 1935, Jacques Gaillot foi nomeado Bispo de Évreux, na França, em 1982, e demitido da sua diocese pelo Vaticano, em 1995. Neste ano, criou a *Partenia - Diocese sem fronteiras*, hospedada no site www.partenia.org que completa 10 anos em 2005. Interveniente ativo nos grandes debates da sociedade, Gaillot tornou-se, na França, uma figura conhecida pelas suas tomadas de posição freqüentes na televisão, no rádio e na imprensa escrita, em favor dos objetores de consciência, dos palestinos, dos emigrantes e das minorias perseguidas. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁰ Cardeal arcebispo de Colônia, na Alemanha. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴¹ São bispos extremamente conservadores nomeados por João Paulo II para dioceses alemãs e austríacas. O caso mais conhecido é o de Groer, cardeal arcebispo de Viena, que teve que renunciar por ter sido denunciado por casos de pedofilia (Nota do *IHU On-Line*).

evidentes desta política pastoral devastadora, a qual faz baixar perigosamente o nível moral e intelectual do episcopado. Um episcopado tornado ainda mais medíocre, rígido, conservador e servil, é talvez a hipoteca mais pesada deste longuíssimo Pontificado.

Oitava contradição

Este Papa procurou o diálogo com as religiões do mundo, mas, contemporaneamente, desprezou as religiões não-cristãs, definindo-as como “formas deficitárias de fé”. Durante as suas viagens ou “orações de paz”, o Papa reuniu, com prazer, ao redor de si, dignitários de outras igrejas e religiões. Não existiam, todavia, traços reais destas religiões na sua oração teológica. Ao contrário, o Papa se apresentou substancialmente como um “missionário” da velha estirpe.

Nona contradição

O Papa polonês assumiu a função de representante da fé em uma Europa cristã, mas o seu ingresso triunfal e a sua política reacionária involuntariamente favoreceram a inimizade nos confrontos da Igreja, se não mesmo a aversão contra o próprio Cristianismo. A campanha de evangelização do Papa, cujo ponto central é representado por uma moral sexual bem pouco adequada aos tempos, discriminou principalmente as mulheres: aquelas que, em questões controversas como a contracepção, o aborto, o divórcio, a inseminação artificial, demonstraram ter opiniões diversas daquelas da Igreja, foram definidas como portadoras de uma «cultura da morte». Através de intervenções políticas — como aconteceu na Alemanha contra o Parlamento e o episcopado no caso do conflito sobre o tema da gravidez —, a Cúria romana deu a impressão de respeitar pouco a separação jurídica entre Estado e Igreja. O Vaticano procura (por meio do grupo parlamentar do Partido Popular europeu) exercitar algumas pressões também sobre o Parlamento Europeu, incentivando o engajar de observadores particularmente próximos às idéias de Roma para questões relativas à legislação sobre o aborto. Ao invés de protagonizar, em toda a parte, soluções razoáveis que consentem a mediação, a Cúria romana, com os seus proclames, agrava, de fato, em âmbito mundial a polarização entre opositores e seguidores do aborto, moralistas e libertinos.

Décima contradição

Como carismático comunicador e *star* midiático, este Papa, até a sua veneranda idade, se agarrou particularmente aos jovens, mas se apoiou principalmente nos «novos movimentos» de origem italiana, no “Opus Dei”, nascido na Espanha, e em um público acrítico e fiel do Pontífice. Tudo isso é sintomático da relação do Papa com a laicidade e da sua incapacidade de dialogar com um público crítico. Os grandes agrupamentos mundiais de jovens mantidos no nível regional e internacional, sob a vigilância da hierarquia dos novos movimentos laicos (*Focolare*⁴², *Comunhão e Libertação*⁴³, *Sto. Egídio*⁴⁴, *Legionários de Cristo*⁴⁵, *Regnum Christi*, etc.),

⁴² Movimento de unidade e fraternidade universal, fundado em 1943, por Chiara Lubich com as suas primeiras companheiras, em Trento, na Itália. Foi aprovado pela Santa Sé em 1962 e, com o desenvolvimento sucessivo, em 1990. É um movimento de renovação espiritual e social, gerando um estilo de vida que, inspirando-se no Evangelho responde ao questionamento sobre o sentido da vida e sua autenticidade. É composto por jovens e adultos, crianças e adolescentes, famílias e sacerdotes, religiosos e religiosas de várias congregações e até bispos. O Movimento dos Focolares faz parte do fenômeno de florescimento dos Movimentos eclesiais que o Papa definiu como uma “resposta suscitada pelo Espírito Santo a este dramático desafio de final de milênio”. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴³ *Comunhão e Libertação* é um movimento eclesial cujo objetivo é a madura educação cristã dos seus membros e a colaboração à missão da Igreja em todos os âmbitos da sociedade contemporânea. Foi fundado em 1954 por Luigi Giussani, falecido em 22 de fevereiro deste ano. O movimento conta com membros no colégio cardinalício, o órgão

conclamaram e conclamam centenas de milhares de jovens. Muitos deles ativos, mas muitos totalmente acríticos. O carisma pessoal de Wojtyła é quase mais importante do que os conteúdos transmitidos por ele. As perguntas que os jovens fizeram ao Papa e que, por ocasião de sua primeira viagem à Alemanha, o tinham colocado em sério embaraço, em seguida não foram mais consentidas. As associações católicas de jovens, que não se encontram nas linhas do Vaticano, são disciplinadas e colocadas em jejum por ordem romana, com a retirada de financiamentos por parte dos bispos locais. Além disso, é posta em discussão a confiança na ordem dos jesuítas: prediletos dos Papas precedentes, agora são percebidos como areia nas engrenagens da política de restauração do Papa, por causa das suas qualidades intelectuais, dos seus teólogos críticos e das suas opções teológicas de libertação. Ao invés, Karol Wojtyła, já durante o tempo em que era ainda arcebispo da Cracóvia, concedeu plena confiança à associação secreta *Opus Dei*, poderosa tanto do ponto de vista financeiro quanto em termos de influências, mas antidemocrática e, no passado, comprometida com regimes fascistas.

Décima primeira contradição

João Paulo II fez, em 2000, uma pública confissão dos pecados pelos erros da Igreja no passado, sem, porém, tirar disso nenhuma consequência prática. A confissão dos pecados, pomposa e barroca, encenada em São Pedro pelos erros da Igreja, permaneceu vaga e ambígua. O Papa pediu perdão somente pelos erros dos «filhos e das filhas da Igreja», mas não por aqueles do “Santo Pai”, por aqueles da própria Igreja e por aqueles dos hierarcas presentes. O Papa nunca tomou posição em favor das intrigas das várias sedes da Cúria sobre negócios mafiosos, e contribuiu mais para a ocultação do que para a revelação de escândalos e crimes (Banco Vaticano, o «suicídio» de Guido Calvi, o homicídio ocorrido no ambiente do corpo das guardas suíças...). Também com a revelação dos escândalos da pedofilia dos clericais, o Vaticano foi extraordinariamente titubeante. Não obstante algumas solicitações, O Papa nunca deu audiência a nenhuma vítima. Ao contrário, encheu de elogios um notável criminoso durante uma faustosa cerimônia no Vaticano: o mexicano Marcial Maciel Degollado, fundador dos Legionários de Cristo (500 sacerdotes e 2.000 seminaristas) e do movimento laico *Regnum Christi*, que se tornou concorrente ainda mais conservador do que o *Opus Dei*.

Conclusões

Para a Igreja Católica este Pontificado se revela, não obstante os seus aspectos positivos, uma grande esperança desiludida, ao final das contas, um desastre, porque Karol Wojtyła, com as suas contradições, polarizou profundamente a Igreja, afastando os seus inumeráveis homens e jogando-os em uma crise de época.

encarregado de eleger o Papa, como o cardeal Ângelo Scola, patriarca de Veneza e um dos principais teólogos deste movimento que costuma de ser classificado de integrista. No Brasil, o movimento edita a revista *Trinta Dias*. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴⁴ A Comunidade de Sant'Egidio nasceu em Roma em 1968, logo após o Concílio Vaticano II. Hoje é um movimento de leigos, ao qual aderiram mais de 50.000 pessoas, empenhado na evangelização e na caridade em Roma, na Itália e em mais de 70 Países de vários continentes. As várias comunidades, espalhadas pelo mundo, partilham a mesma espiritualidade e os mesmos fundamentos que caracterizam o itinerário de Sant'Egidio. (Nota do *IHU On-Line*).

⁴⁵ A Legião de Cristo é uma congregação religiosa de direito pontífice, fundada em 1941, no México, pelo padre Marcial Maciel. Sua missão consiste em estender o Reino de Cristo na sociedade, segundo as exigências da justiça e da caridade cristã, em estreita colaboração com os Pastores e os programas de cada diocese. Hoje conta com mais de 510 sacerdotes e cerca de 2.500 seminaristas maiores e menores de idade. Possui centros estabelecidos em 18 países. (Nota do *IHU On-Line*).

Contra todas as intenções do Concílio Vaticano II, o sistema romano medieval — um aparato de poder caracterizado por traços totalitários — foi restaurado graças a uma política pessoal e doutrinal tanto astuta quanto impiedosa: os bispos foram uniformizados, os pais espirituais sobrecarregados, os teólogos dotados de focinheiras, os laicos privados dos direitos, as mulheres discriminadas, as iniciativas populares dos sínodos nacionais e das igrejas ignorados. E mais ainda, escândalos sexuais, proibições de discussões, domínio litúrgico, proibição de sermões para os teólogos laicos, exortação à denúncia, impedimento da eucaristia. Por tudo isso é talvez culpado “o mundo”?

A grande credibilidade da Igreja Católica, isto é, aquela obtida por João XXIII e pelo Concílio Vaticano II, deixou lugar para uma verdadeira e própria crise da esperança. Este é o resultado da profunda tragicidade pessoal deste Papa: a sua idéia católica de formação polonesa (medieval, contra-reformista e antimoderna), na qualidade de Pontífice Karol Wojtyła, ele a quis levar também ao resto do mundo católico. Porém, se verificou o contrário do que ele esperava: a própria Polônia foi abatida pelo moderno desenvolvimento secular e, depois da substituição da aliança eleitoral no cargo até 2001, Solidarnosc, se apóia sempre menos nas idéias de fé e de moral promovidas pelo Pontífice.

Quando chegar o momento, o novo Papa deverá decidir afrontar uma mudança de rota e dar à Igreja a coragem para novos rompimentos, recuperando o espírito de João XXIII e o impulso reformista do Concílio Vaticano II. *Videant consules*, os cônsules querem fazer com que a República não sofra danos, se dizia na antiga Roma. *Videant cardinales*, os cardeais querem fazer—dever-se-ia dizer na Roma de hoje—com que a Igreja não sofra danos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

MOMENTO PODE EXPOR PROGRESSISMO RISÍVEL

Por Luiz Felipe Pondé

*O artigo que segue foi escrito por Luiz Felipe Pondé, filósofo, professor do departamento de teologia da PUC-SP, da faculdade de comunicação da FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg (Alemanha). O texto foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo** de 4 de abril de 2005. Pondé foi entrevistado pelo **IHU On-Line** na 133ª edição, de 21 de março de 2005.*

Na América Latina, é comum se dizer que o pontificado de João Paulo 2º estabeleceu uma desconstrução brutal da ala "progressista" da igreja, perseguindo os representantes da chamada Teologia da Libertação.

É comum também apontar para uma crise na "qualidade intelectual" das camadas recém-chegadas ao clero, e muitos afirmam que essa "carência intelectual" serve à revolução conservadora estabelecida desde 1978. Em meio a escândalos de pedofilia e posturas intransigentes com relação a "evidentes avanços modernos" (direito ao aborto, ao uso de contraceptivos, ao casamento do clero, à "eutanásia carinhosa", à abertura para o outro, etc), a igreja estaria imersa num momento de escuridão.

Muita gente bem intencionada e com razoável repertório cultural percebe que a Igreja Católica e seu oficialato está aquém das demandas de um mundo que se revira no abismo de mudanças vertiginosas, oferecendo nada mais além de variedades de "marxismo à la Cristo" ou de "aeróbicas de Jesus", fincada numa espiritualidade preocupada com o "marketing do contentamento".

Valeria a pena acrescentar que a pobreza de espírito não parece ser patrimônio exclusivo dos oficiais católicos (talvez lhes falte apenas mais estilo), mas fato indesejável em qualquer das

instituições oferecidas no mercado religioso, além de transbordar para instituições não-religiosas de vocação formadora que também barateiam tudo na esteira da grosseira e risível ideologia da felicidade: do metafísico ao psicoterapeuta e ao professor, todos querem agradar. É como se o árduo trabalho da inteligência estivesse órfão. Talvez fosse interessante pensar que o freio que parece ter significado este longo Papado (na realidade, tudo que se refere a Igreja Católica e seus 2000 anos pede cuidado e lentidão na apreciação dos fatos) representa um excelente momento para nos indagarmos sobre algumas dessas "obviedades conservadoras", principalmente quando grande parte das atitudes "progressistas" fazem uso da mesma violência ideológica discriminatória no plano da militância.

Crenças "corretas"

Por exemplo, critica-se o Papa, mas não a cartilha do lobby "progressista". É muito comum nos sentirmos bem quando, entre iguais, reafirmamos nossas crenças "corretas", mesmo que essa reafirmação possa se dar em meio à mesma "carência intelectual", teorias teológicas (ou não) hermeneuticamente tendenciosas, exegeticamente parciais, confusas entre conteúdos sagrados e seculares, usando mediações falaciosas, do jovem oficialato conservador preparado para inviabilizar nossa agenda redentora.

Não se trata de negar a dimensão trágica de muitas das dificuldades doutrinárias e práticas na qual se encontra a Igreja Católica. Vivemos de fato num mundo dramático, e muito disso se dá devido à adesão indiscriminada a uma prática de redenção infantilizada.

É comum criticar a resistência desse pontificado ao fim do celibato, mas esse mesmo ocidental "progressista" acha facilmente chique o celibato entre lamas. Será que a sociologia "provou" que a igreja detém o monopólio da indústria da pedofilia e também "provou" que isso se dá devido ao celibato?

Evidentemente é um grande risco combater o uso de ferramentas que nos ajudam a deter a Aids, mas não é proporcionalmente tão óbvio reconhecermos que as mediações pedagógicas utilizadas na formação dos mais jovens estão na realidade entregues a muitas teorias e pessoas (religiosas ou não) que não sabem o que fazer com a derrocada das práticas afetivas e sexuais, profissionais que muitas vezes se escondem atrás de frases de efeito feitas para agradar a auto-estima, produzidas por especialistas de plantão (também "carentes intelectualmente").

Na realidade, a redução de certas práticas no campo das relações interpessoais também não seria um mecanismo seguro no enfrentamento de riscos? Evidentemente que isso dá mais trabalho. O reconhecimento "alegre" da facilitação do aborto, regra básica de respeito aos casais que querem se libertar da mecânica reprodutiva (incomodamente) associada ao nosso prazer, é muito mais auto-evidente do que a percepção de que se há reificação do "humano" nas práticas capitalistas, por que não haveria na higiene cirúrgica que nos liberta do embrião?

É claro que só uma metafísica materialista (ou má-fé) pode sustentar essa higiene sem dramas. Argumentos do tipo "continuam a existir abortos ilegais" são falaciosos se quisermos refletir com cuidado sobre o tema, uma vez que a continuada existência de assassinatos não é suficiente para a legalização do homicídio.

Isso para não tocar em outros temas como nossa ambigüidade entre reificar embriões (e pacientes terminais) para nossa redenção científica e a dura percepção de que uma defesa irrestrita da existência biológica (ou da liberação mais rápida desta) é função da restrição da idéia de moral ao campo da ética secular e a necessária exclusão da noção de santidade (que nada tem a ver com essa coisa de contentamento, mas que acabamos, graças a uma teologia em crise de identidade que se fez humilde serva das ciências sociais, acreditando que de fato

santidade é coisa só de manobras políticas e que "aqueles caras" nunca foram de nada mesmo).

Affaire entre humanos

Há algum tempo o cristianismo vem se tornando um affaire unicamente entre humanos (e isso nada garante que sejamos menos violentos, porque se já se matou "em nome de Deus", não esqueçamos que o humano mata em seu próprio nome muito mais).

Na realidade, a possibilidade de que um papa possa levar a sério a idéia desse "negócio de cristianismo" estar "para além do humano" (sem excluí-lo) nos parece de mau gosto. E, no fundo, dá medo: santidade implica a noção de distinção do comum, de descentramento do humano e suas manias narcísicas e de superação do amor por si mesmo. Religião só como cultura, e isso significa necessariamente que não seja levada a sério. E isso nos leva a mais uma faceta com relação às dificuldades teológicas e sociais desse Papado: um diálogo inter-religioso que visaria nos levar ao Vaticano.

A dificuldade é que num processo deste tipo, elementos definidores da identidade teológica dos sistemas religiosos são necessariamente postos em cheque (a não ser, por exemplo, que não discutamos exatamente os pontos que nos fazem ser o outro de alguém). É fácil falar em dialogar mantendo sua identidade teológica, o difícil é continuar o diálogo para além dos "eventos sociais para o diálogo".

Evidentemente que qualquer pessoa razoavelmente culta em termos teológicos sabe da tendência das correntes monásticas para um monoteísmo livre de descrições positivas discriminatórias. O problema é como fazer discernimento sem incorrer em discriminação: a tendência é ficar na anomia ou no ecletismo retórico. Ou assumir que não dá para fazer diálogo só em festa. E isso nada tem a ver necessariamente com começar a brigar.

Enfim, o pêndulo histórico-teológico que representou o Papado de João Paulo 2º, com seu irritante (suposto) anacronismo, pode nos servir para elevar o nível da discussão, variar nossa cartilha, e perceber que, para João Paulo 2º, o cristianismo é religião, e não cultura. Quem sabe assim possamos deixar nus o conservador grosseiro e o progressista risível, amedrontados diante da impenetrabilidade do mundo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

ESPERANÇA DE PÁSCOA E DESENCATAMENTO DA EUROPA

Por Henri Tincq

*Reproduzimos o artigo a seguir, escrito por Henri Tincq, e publicado no jornal **Le Monde**, em 27 de março de 2005, domingo de Páscoa. O jornalista francês Henri Tincq é o responsável pelos assuntos religiosos no jornal **Le Monde**.*

Páscoa é uma festa alegre. Dois bilhões de cristãos vão celebrar domingo, 27 de março (1º de maio para as igrejas ortodoxas que não seguem o mesmo calendário), a ressurreição de Jesus Cristo, Deus encarnado, desafio às leis da biologia e da razão, mas pilar da fé cristã. "Se Deus não foi ressuscitado, minha fé é em vão", clamava o apóstolo Paulo aos pagãos de Atenas. Vinda dos mitos mais antigos da humanidade, a crença na ressurreição significa, para os cristãos, que a morte não é necessariamente o último estágio, que Deus é o criador e o mestre da vida e que existe sempre um outro lado da história.

Para os católicos, a festa de Páscoa de 2005 terá, entretanto, um gosto de tristeza. Eles não ignoram o fato de que o Papa João Paulo II chega ao final de sua caminhada. Durante mais de

um quarto de século, por meio de suas viagens, seus gestos, suas mensagens, ele tentou defender a “cultura da vida” da invasora “cultura da morte” e reavivar o fogo da esperança de Páscoa. Ele deveria repetir o ato mais uma vez neste domingo com as poucas forças que ainda o animam.

Entre os clamores do plebiscito sobre a Europa, sobre sua identidade e os valores que ele propõe, a observação que este Papa fez no ano de 2000 em Roma, diante de uma assembléia de párocos europeus, não pode deixar ninguém indiferente: “*Pela primeira vez na história da humanidade*, afirmava ele, *há um homem que vive como se Deus não existisse, o homem europeu.*” Típica deste desmoronamento da cultura cristã, uma pesquisa vem revelar em Londres que menos da metade da população britânica era capaz de relacionar a festa da Páscoa com a ressurreição de Jesus Cristo! A Europa não tem o monopólio deste desencantamento.

Mas cada vez mais observadores salientam o quanto, diante do mundo muçulmano dividido pelas crises de identidade e do mundo protestante americano (do Norte), marcado por um conservadorismo duro, mas que ainda ousa afirmar seus valores transcendentais, a velha terra cristã da Europa sofre para se fazer entender, em reavivar sua herança, em marcar sua diferença. No momento do balanço, será uma das mais cruéis decepções do polonês Karol Wojtyła. A “nova evangelização” da Europa não atinge seu objetivo. A queda do comunismo no Leste não foi seguida por um impulso espiritual, do qual o Papa teria esperado que contagiasse o Oeste.

Se havia necessidade de uma prova suplementar do esgotamento da fé na Europa, bastaria verificá-la no sucesso de panfletos livres e artigos visando às religiões, sobretudo as monoteístas, sem a preocupação das distinções que impõem, para cada uma delas, a história, os dogmas, as doutrinas, as práticas, o sistema de autoridade. Soma-se à fascinação pelas religiões paralelas, o esoterismo e os “improvisos” de crenças nas quais o pragmatismo, a tolerância, a experiência íntima se lançam sempre contra os dogmas e as verdades reveladas. Provas? Sem dúvida, pode-se confundir a qualidade de uma obra literária com seu valor de difusão e sua repercussão na mídia. Mas deve-se salientar que as melhores vendas, nestes últimos meses, na França, são as do filósofo Michel Onfray⁴⁶, autor do *Traité d'athéologie* (Grasset) que se apresenta como nietzchiano e hedonista, acertando as contas com a instituição católica da qual foi muito tempo empregado (no ensino privado), e de um autor de romance-suspense, o americano Dan Brown, com *Anjos e Demônios*⁴⁷ e, sobretudo, o *Código Da Vinci*⁴⁸: 42 traduções e 20 milhões de exemplares vendidos no mundo em seis meses.

O método de Brown consiste em “apresentar inverdades como realidades históricas, o que é próprio do plágio”, comenta Jean Chélini na revista *Historia*, editada especialmente sobre este fenômeno de edição. Assim, Brown desperta a fascinação, velha como a humanidade, pela descoberta dos complôs e dos mistérios, os rituais de iniciação, a “revelação” de verdades propositalmente escondidas pela Igreja, as sociedades secretas, a franca maçonaria, etc.

Sede de símbolos

Por outro lado, se a religião é evacuada da Europa, a religiosidade transborda, como dizia um responsável católico descontente com rejeição da menção do cristianismo pelos redatores da

⁴⁶ O filósofo francês Michel Onfray, doutor em Filosofia, é autor do livro *Traité d'Athéologie* (Tratado de Ateologia. Paris: Grasset, 2005) e foi entrevistado sobre essa obra pelo jornal *Folha de S. Paulo*, de 27 de março de 2005. (Nota do *IHU On-Line*).

⁴⁷ BROWN, Dan. *Anjos e demônios*. São Paulo: Sextante, 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

⁴⁸ BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

Constituição Européia nas heranças do Velho Continente. Esta religiosidade vai das práticas de superstição (vidência, astrologia, cartomancia) à curiosidade pelas tradições paralelas, às verdades escondidas pelos Evangelhos apócrifos, como no comercial **Código Da Vinci**. Estas práticas mágico-religiosas têm em comum a rejeição pela figura da autoridade clerical, normativa e prescritiva, a preferência pelo “mestre espiritual” às doutrinas e o trabalho sobre si mesmo ao sacramento da história e outras crenças utópicas.

A repercussão destas crenças paralelas e ataques contra as religiões, identificadas por alguns teóricos (Salman Rushdie⁴⁹, Michel Onfray) como a forma moderna do totalitarismo, do belicismo e da manipulação das consciências, constringe as instituições religiosas. O sucesso do **Código Da Vinci** é o sintoma de uma cultura moderna doente, ouve-se em Roma. “O romance-suspense torna-se pretexto à descoberta de falsas provas, todas contra a Igreja”, queixa-se Monsenhor Jean-Michel di Falco, encarregado das questões de comunicação do episcopado francês.

O risco é o do isolamento do indivíduo, do “comunitarismo” religioso seguida e legitimamente denunciado. Os próprios católicos não estão imunes, se julgados entre outros, pelo processo judicial do episcopado contra o cartaz publicitário de Marithé e François Girbaud que falava do sacramento da Eucaristia, centro da liturgia cristã. “As Igrejas costumam a aceitar sua condição de minoria”, comenta Jean-François Colosimo, professor no Instituto ortodoxo Saint-Serge, em Paris.

Mas os que riem, escutando falar de Ressurreição não são seguidamente os mesmos que, pela manhã, em seu jornal, vão consultar o horóscopo? A atual religiosidade difundida mostra que esta Europa que tomou partido pela secularização, pelo laicismo, que significa o fim da influência da religião sobre seus costumes ou sua política, está à procura de signos, de símbolos de rituais e de todas as formas de “reencantamento do mundo” para plagiar a célebre expressão do filósofo Marcel Gauchet⁵⁰.

Em seu *Manifeste d’une génération sans port*, publicado recentemente pelas *Presses de la Renaissance*, o jovem autor Denis Rousset, 29 anos, escreve sobre o processo de uma geração de pais que não teriam sabido transmitir a seus filhos o patrimônio moral e espiritual, por medo de causar danos à sua liberdade. “*Que ironia, escreve ele, esta geração, que é a única a ter tido o poder de ser mestra de sua vida, de tê-la pensado, de ter ousado, dá o exemplo de impotência ao ter que tomar as decisões necessárias à sobrevivência de sua prole.*”

[\(Voltar ao índice\)](#)

⁴⁹ Salman Rushdie escritor anglo-indiano, é considerado um dos mais lidos autores de língua inglesa. Em 1982, ganhou grotesca notoriedade dada por Ayatollah Khomeini, que lançou uma sentença de morte, alegando blasfêmia contra o islamismo no livro de Rushdie **Os versos satânicos**. Mesmo escondido, não parou de escrever. (Nota do *IHU On-Line*).

⁵⁰ Marcel Gauchet, diretor de estudos da École des hautes études en sciences sociales, e redator-chefe da revista **Débat**, é autor dos livros **Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion**. Paris: Gallimard. 1985; **La Religion dans la démocratie. Parcours de la laïcité**. Paris: Gallimard. 2001; **La Démocratie contre elle-même**. Paris: Gallimard. 2002; **La Condition Historique**. Paris: Stock, 2003. Com Luc-Ferry escreveu o livro **Le religieux après la religion**. Paris: Grasset. 2004 e **Un monde désenchanté?**. Paris: L’atelier, 2004. Ele concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* publicada na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

EVENTOS IHU

IHU Idéias

DO BIG BANG A INTELIGENCIA

A próxima atividade do evento **IHU Idéias**, a ser realizada na quinta-feira, dia 7 de abril, terá como tema *Do Big Bang à Inteligência*. Quem conduz é o Prof. Dr. Luiz Augusto Leitão da Silva, professor na Unidade de Ciências Exatas da Unisinos. Bacharel em Física pela UFRGS, o professor Luiz Augusto é mestre em Física (área de especialização: astrofísica) pela mesma instituição. É professor adjunto da área de ciências exatas e tecnológicas da Unisinos, fundador e coordenador das Oficinas de Astronomia, do Curso de Licenciatura em Física da Unisinos e divulgador científico por meio de jornais, rádio, TV, e Internet. A entrevista que segue nos foi concedida por e-mail na última semana.

IHU On-Line - O que é mais importante compreender em relação à teoria do big-bang para poder percorrer o caminho até o surgimento da inteligência?

Luiz Augusto - O big-bang marca o instante zero da existência do Universo do qual fazemos parte. Tudo o que existe hoje é consequência direta ou indireta dos fatos que marcaram aquele evento primitivo, ocorrido há quase 14 bilhões de anos, bem como dos que se sucederam imediatamente após ele. Embora a ciência ainda não consiga descrever a singularidade do instante zero, foi ali que acabaram sendo definidas as leis e as constantes físicas que caracterizam o cosmos hoje. Sabe-se, por exemplo, que, se algumas daquelas constantes fundamentais tivessem valores levemente diferentes dos que possuem, os cursos da formação das galáxias, da evolução estelar, da formação de sistemas planetários e, por conseguinte, das condições que levaram ao aparecimento da vida na Terra seriam muito diversos, inviabilizando a ocorrência de seres vivos e, portanto, também o surgimento da inteligência.

IHU On-Line - O que se entende por vida? Quais as teorias físicas que estão superadas e quais as que atualmente mais nos ajudam a compreender o surgimento da vida e a própria complexidade da vida?

Luiz Augusto - Existem estudiosos que preferem não definir o que é vida. Pessoalmente, gosto de caracterizar genericamente o fenômeno "vida" como sendo um estado dinâmico altamente organizado da matéria, em permanente desequilíbrio térmico com o meio ambiente onde se acha inserido, que possui a propriedade de se autopreservar, dentro de certos limites, e de evoluir, além, é claro, daquelas características que estamos cansados de ler nos livros de biologia, tais como a capacidade de crescer, reproduzir, reagir a estímulos diversos, etc. A rigor, os especialistas ainda não têm uma resposta consensual na hora de responder sobre os mecanismos que levaram ao surgimento da vida na Terra. A maioria dos biólogos prefere teorias endógenas, ou seja, aquelas em que, através de reações químicas, na atmosfera ou nos oceanos primitivos do planeta, na presença de uma ou mais fontes de energia naturais, teriam surgido as primeiras moléculas auto-replicantes com capacidade de armazenar informação por meio de códigos genéticos cada vez mais complexos. Mas mesmo teorias antigas, como a da panspermia, proposta pela primeira vez no início do século XX por Svante Arrhenius⁵¹,

⁵¹ Svante August Arrhenius (1859-1927): químico sueco. Dirigiu o Instituto Nobel de Química e Física de 1905 a 1927. Investigou as propriedades condutoras das dissoluções eletrolíticas, que formulou em sua tese doutoral. Sua teoria

retornaram ao cenário das discussões em anos recentes, quando ficou claro que o intercâmbio de material orgânico entre dois planetas, a Terra e Marte, por exemplo, não é impossível, e que os cometas e muitos asteróides possuem elevados conteúdos de moléculas orgânicas e de água, o solvente fundamental de todas as formas de vida conhecidas na Terra.

***IHU On-Line* - Quais os principais momentos que o senhor destaca nesse processo que vai até o surgimento da inteligência e o que está sendo entendido aqui por inteligência?**

Luiz Augusto - No caso específico da vida na Terra, aliás, o único exemplo conhecido pela ciência até o momento, a cadeia de eventos é verdadeiramente longa. Ela começa com a "sintonia fina" das leis, constantes, e interações fundamentais descritas pela Física, lá no big-bang, como já nos referimos, passa pelo surgimento das primeiras gerações de estrelas, que irão fabricar os "metais" (em astronomia, "metal" é todo elemento químico mais pesado que o hélio), pela existência das explosões de supernovas, que vão enriquecer o meio interestelar com aqueles elementos pesados, além de catalisar, com suas ondas de choque, a formação de estrelas de segunda geração, em que os metais poderão formar planetas e, dadas as condições adequadas, em alguns deles surgirá a vida. Mas este resumo é, na realidade, uma supersimplificação da história toda. A quantidade de variáveis naturais que podem conspirar contra o aparecimento, a estabilidade e a evolução das formas de vida, é verdadeiramente astronômica. Quanto ao que significa inteligência, temos aqui outro conceito difícil. Na Terra, a inteligência é fruto de um longo processo de aumento da complexidade de sistemas nervosos, que surgem no reino Animalia para facilitar o gerenciamento destes organismos. A concentração crescente de neurônios, característica de um processo de encefalização, atingiu o auge na espécie humana, bem como em diversas outras espécies, mas ainda não terminou. É a partir daí que aparece a inteligência e, como consequência dela, a autoconsciência, em maior ou menor grau.

***IHU On-Line* - Qual a probabilidade de existir vida em outro lugar no universo?**

Luiz Augusto - No momento, a bioastronomia, ou astrobiologia, é uma ciência multidisciplinar com reconhecimento oficial por parte do universo acadêmico. Conhecemos apenas um planeta habitado, a Terra. Portanto, quanto à probabilidade de existir vida em outros lugares do Universo, só podemos especular. Um fato altamente promissor, que se consolidou a partir de uns dez anos, diz respeito à existência de muitos outros sistemas planetários que orbitam ao redor de estrelas com o mesmo tipo físico do Sol. No momento, a discussão está bipolarizada, com duas escolas que defendem pareceres opostos. De um lado, os "pluralistas" argumentam em prol da abundância da vida extraterrestre, desde microorganismos até seres inteligentes autoconscientes capazes de construir civilizações tecnológicas. Do outro, temos os "singularistas", que afirmam que, apesar das formas elementares de vida poderem ser bastante comuns, as formas mais desenvolvidas, ou metazoárias complexas, poderiam constituir uma raridade, mesmo levando em conta as dimensões incrivelmente grandes do universo. Pessoalmente, como gosto de desenvolver nas aulas da disciplina de "Introdução à Bioastronomia", optativa que temos aqui na Unisinos, inclino-me a favor da segunda escola. Arrisco mesmo a afirmativa de que não seria absurdo defender que, neste exato momento,

afirma que nas dissoluções eletrolíticas, os compostos químicos dissolvidos, se dissociam em ions, mantendo a hipótese de que o grau de dissociação aumenta com o grau de diluição da solução, que resultou ser correta apenas para os eletrólitos fracos. Esta teoria converteu-se num dos pilares da físico-química, no ramo da eletroquímica. Sua concepção científica lhe valeu a obtenção do Prêmio Nobel de Química em 1903. (Nota do *IHU On-Line*).

talvez sejamos a única civilização tecnológica em toda a nossa galáxia, a Via Láctea. Mas, é claro, apesar de usar conhecimentos científicos para chegar a esta proposição, ainda assim estou realizando um exercício de especulação.

***IHU On-Line* - Como a compreensão de todo esse processo pode nos ajudar na construção das sociedades presentes e futuras?**

Luiz Augusto - A compreensão da origem e da evolução da vida, da inteligência e da consciência, dentro de uma moldura cósmica, nos livra de miopias e astigmatismos místicos e culturais, de visões distorcidas e infundadas de nosso papel dentro do universo. A evolução não tem objetivos, o cosmos não surgiu para que o homem um dia pudesse habitá-lo, estamos provavelmente sozinhos em nossa galáxia - ou quase isso -, e só dispomos de um único planeta para viver, planeta, aliás, que está chegando aos seus limites quanto à capacidade de suportar o modelo de sociedade que implantamos nele. Para quem tem um mínimo de desenvolvimento ético, as responsabilidades apontadas por todos estes fatos são verdadeiramente importantes, e não podem ser ignoradas. Se quisermos continuar existindo, teremos que repensar, com urgência, nossos modelos e paradigmas atuais, a fim de construir uma sociedade futura que não ponha mais em risco a nossa própria espécie. Só há um caminho para isso: respeitar a biosfera, e o planeta como um todo. Justo o oposto do que estamos fazendo hoje, pois somos impulsionados por um sistema econômico arbitrário, equivocado e, o que é pior, completamente sem sentido.

***IHU On-Line* - Por que considera este um tema importante a ser abordado em uma universidade por um público transdisciplinar?**

Luiz Augusto - A palavra "universidade" deriva de "universo", ou seja, de uma totalidade de conhecimentos diferenciados que não podem ser vistos isoladamente um do outro. A ciência da astronomia e, dentro dela, o ramo da bioastronomia, oferecem as condições mais que perfeitas para uma abordagem não somente interdisciplinar, mas também transdisciplinar, cimentando áreas de conhecimento que são estanques apenas na aparência. A maior vantagem deste enfoque é o posicionamento correto do homem frente ao cosmos.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de abril:

14/04/05 – Direito: uma visão prático-humanista - Prof. MS Antônio Carlos Nedel – Professor na Unisinos

28/04/05 - Teologia do Diálogo Inter-Religioso – Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta – Professora na Unisinos

III Ciclo de estudos sobre o Brasil

Estudar, de maneira interdisciplinar, textos clássicos que analisam a formação histórica, social, econômica, política e cultural do Brasil. Esse é o objetivo do **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos a partir de 7 de abril com a conferência de professores de diversas universidades brasileiras. O evento divide-se em dois módulos. O primeiro acontece em 7 e 28 de abril, 12 de maio e 2 e 30 de junho. O segundo ocorre em 1º, 8 e 29 de setembro, 27 de outubro e 24 de novembro. As inscrições já podem ser feitas através da Linha Direta Unisinos, fone (51) 591 1122, e do IHU, fone (51) 590 8223, ramais 1195 ou 4121. Interessados podem inscrever-se em todo evento, em módulos ou atividades. Para estudantes o valor total é R\$ 144,00, e para profissionais R\$180,00. Quem preferir, pode escolher palestras em específico. Nesse caso, para os estudantes o custo é R\$16,00 por

palestra, e para profissionais, R\$20,00. Será fornecido certificado de participação. Para aproveitamento como atividade complementar aos estudantes da Unisinos, é necessário consultar a coordenação do curso de graduação. Maiores detalhes através do endereço <http://www.ihu.unisinos.br/destaques/index.php?dest=20041125151548>.

O livro **Os Africanos no Brasil**, de Raimundo Nina Rodrigues, será o objeto de estudo da primeira edição do **III Ciclo de estudos sobre o Brasil**, a ser realizado no próximo dia 7 de abril, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. Quem conduz a tarde de trabalho é a Prof.^a Dr.^a Eliane Deckmann Fleck, do PPG em História da Unisinos. Graduada e mestre em História pela Unisinos, a professora Eliane teve sua dissertação de mestrado intitulada *O imaginário dos séculos XVI e XVII - suas manifestações e alterações na prática missionária jesuítica*. Obteve o doutorado em História pela PUCRS, tendo sua tese o título *Sentir, adoecer e morrer - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*. Não é a primeira vez que Eliane Fleck participa do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. Ela foi responsável pela apresentação do livro **O abolicionismo**, de Joaquim Nabuco, em 1º de abril de 2004, ocasião em que concedeu uma entrevista do **IHU On-Line** n.º 94, de 29 de março de 2004. Eliane Fleck apresentou, no evento **IHU Idéias**, de 22 de agosto de 2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e, no dia 8 de maio de 2003, a professora apresentou essa mesma obra no **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a **IHU On-Line**, publicada na edição n.º 58, de 5 de maio de 2003. Ela também colaborou na edição n.º 64, de 16 de junho de 2003, num depoimento sobre a importância da obra de Raymundo Faoro. A entrevista que segue, Eliane Fleck nos concedeu via e-mail na última semana. Os subtítulos são nossos.

IHU On-Line - De que forma Nina Rodrigues, primeiro estudioso brasileiro da virada do século XIX para o XX, coloca o problema do negro brasileiro como problema social?

Eliane Fleck - O maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), representante da Escola Tropicalista de Medicina da Bahia, escreveu, em finais do século XIX, seu principal livro intitulado *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*⁵² (1894), inaugurando os estudos de medicina legal no Brasil, com base em uma ótica evolucionista, tanto social quanto biológica. Ao discutir e criticar as leis penais em vigor no período, defendeu uma diferenciação em sua implementação, por considerar as raças negra, indígena e mestiça, incapazes de serem responsabilizadas por seus atos. Associando a questão racial a um quadro mais abrangente do progresso da humanidade, Nina Rodrigues estabeleceu uma dicotomia racial, que se expressaria em superiores e inferiores. Afirmava que no contato direto entre as “raças superiores” e as “inferiores”, a raça superior se imporia, propiciando o aperfeiçoamento gradual das condições psíquicas, morais e intelectuais das ditas raças inferiores. Já em 1890, ao participar do III Congresso Médico Brasileiro, Nina Rodrigues havia delegado o retrocesso econômico da Bahia à predominância da raça negra e aos mestiços, que, com suas doenças, costumes e religião, influenciavam e contaminavam a população branca. Em 1896, publicou, na *Revista Brasileira*, diversos artigos em que apresentava seus estudos etnográficos sobre expressões do fetichismo dos negros baianos, e que abarcavam a liturgia e as cerimônias religiosas. Estes artigos viriam a ser reunidos, em 1901, na coletânea *O animismo fetichista dos negros bahianos*⁵³, evidenciando a influência do empirismo científico em seus trabalhos. Estes

⁵² RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Bahia: Imprensa Econômica, 1894. (Nota do **IHU On-Line**)

⁵³ RODRIGUES, Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935. (Nota do **IHU On-Line**)

podem ser considerados o marco inicial de um estudo sistemático sobre as manifestações culturais dos africanos e seus descendentes no Brasil.

Sutilezas do mundo dos afrodescendentes

A sua obra de maior relevância acerca deste tema é *Os Africanos no Brasil*, obra póstuma, publicada em 1933, na qual apresenta “sutilezas do mundo dos afrodescendentes”, como aquelas que se referem às “línguas e as belas-artes dos colonos pretos”. A obra *Os Africanos no Brasil* corresponde – em termos das ênfases de sua produção – à fase que chamaríamos de “Higiene Social e Antropológica” que determinou seus estudos sobre Canudos e sobre os negros africanos. Além de se dedicar ao estudo das origens dos negros africanos, de seus costumes, língua e hábitos, preocupou-se também com a saúde dos mesmos, ao perceber que a aparência jovem e vigorosa, logo derivava para uma precoce decadência. Como epígrafe desta obra, consta a advertência que Sylvio Romero havia feito em 1888 – ano da Abolição da Escravatura – e que reafirmava a relevância dos estudos sobre o negro no Brasil. A adoção dessa epígrafe resume bem as contradições de atitudes que marcaram a obra do médico e intelectual maranhense: a um só tempo, defensor dos valores culturais dos africanos no Brasil e de seu direito à liberdade de práticas religiosas e partidário da “visão científica” da inferioridade racial do negro.

O negro desprovido de pensamento abstrato

Quando Nina Rodrigues, por exemplo, narra os cultos religiosos, os rituais, a magia afro-brasileira, é somente para demonstrar a incapacidade de o negro assimilar a religião católica, por ser desprovido – segundo Nina Rodrigues – de pensamento abstrato. Ou, quando se refere à língua do negro, é para demonstrar a simplicidade da estrutura da mesma. E, finalmente, quando aborda a arte afro, é para concluir que ela é “rústica”, “deformada” e “primitiva”. Com uma visão pessimista em relação à presença do negro na sociedade brasileira, Nina Rodrigues busca, com seus estudos, mostrar os perigos que a influência direta ou indireta dos negros representam para a cultura brasileira, o comprometimento trazido pela mestiçagem para o florescimento da Nação brasileira. Daí a defesa do branqueamento da população – mediante uma política imigrante – como fator de redenção nacional. Nesse sentido, a elite intelectual – com destaque para os médicos – desempenhava um papel fundamental, ao buscar a criação de um senso de nacionalidade respaldado na unidade étnica e ao atribuir à “indolência do mestiço”, à “inferioridade racial do negro” e à “degenerescência do mulato” o retardamento do progresso da Nação.

IHU On-Line - Em que sentido a obra pode nos ajudar a compreender a problemática do negro hoje e o Brasil das múltiplas raças?

Eliane Fleck - No final do século XIX, formulações de Spencer e Darwin sobre as culturas e raças influenciaram na estruturação do paradigma do evolucionismo social, o qual foi impulsionado por Nina Rodrigues, com base em sua atuação como médico e professor na Bahia. O racismo científico manteve-se hegemônico até a década de 1930. A partir de 1950, novas pesquisas, que desacreditaram suas interpretações, foram realizadas. O racismo, no entanto, permaneceu como uma categoria ideológica. Um exemplo disso é a assimilação/incorporação da concepção construída pelo médico maranhense, para quem os negros, devido ao seu atraso cultural, apresentavam uma tendência biológica para o crime, o que, ainda é perceptível no cotidiano brasileiro. O último capítulo da obra *Os Africanos no Brasil* foi dedicado a esta suposta inclinação assassina dos negros e à contaminação psíquica de que sofria o Brasil por ter acolhido tantos negros vindos da África. A referência à índole violenta e

demais estereótipos que atingem os negros não ficaram restritos ao final do século XIX e início do século XX, o que é fartamente comprovado nas páginas policiais.

***IHU On-Line* - Por que considera importante que seja estudada a obra e o autor em um Ciclo de Estudos sobre o Brasil?**

Eliane Fleck - O século XIX e o início do século XX foram ricos em discussões a respeito da cultura africana na formação da sociedade brasileira, marcados profundamente pelas teorias raciais européias. ***Os Africanos no Brasil*** pode ser tida como obra-síntese deste esforço de recuperação da cultura africana que teve muitos seguidores ou admiradores, como Afrânio Peixoto, Artur Ramos e Edison Carneiro, embora apresentem divergências teóricas e metodológicas que incorreram no envolvimento em disputas em torno da autenticidade das manifestações culturais africanas no Brasil. A influência de Nina Rodrigues no Brasil foi de tal forma significativa que, após sua morte, seus discípulos formaram uma Escola denominada Nina Rodrigues. Contudo, os novos contornos que a antropologia e a sociologia tomaram na primeira metade do século XX, para a compreensão de grupos culturalmente diferenciados, foram determinantes para as mudanças no discurso racial. Passou-se a valorizar mais as peculiaridades culturais que as premissas biologizantes tão enfatizadas anteriormente pelos cientistas sociais. Seus discípulos procuraram, então, contestar ou relativizar algumas de suas concepções racistas.

O problema da população negra no Brasil

A partir da segunda metade do século XX, as próprias organizações negras refletiam a visão de que o principal problema da população negra no Brasil residia nas condições precárias de sua educação formal, na fraqueza de suas organizações e na conseqüente desqualificação para concorrer às disputas no mercado de trabalho, além do sempre presente “preconceito de cor” que comprometia a integração social e aprofundava a discriminação. Em 1988, ano do centenário da Abolição da Escravatura, foi promulgada a nova Constituição Brasileira, que estabeleceu que a prática de racismo constitui-se crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão. A Lei de 13 de maio de 1997 acrescentou ao artigo 140 do Código Penal dispositivo relativo ao crime de injúria por utilização de “elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem”, também prevendo penalidades. Fenômeno concomitante a estas medidas de caráter legal é o que se caracteriza pelo abandono do ideal do Brasil mestiço e pelo apoio às ações pelo reconhecimento étnico-racial dos negros.

Nina Rodrigues e os temas ainda polêmicos

O estudo da obra de Nina Rodrigues impõe-se pelas suas repercussões, tanto no início do século XX quanto nos dias atuais, ao discutir temas ainda polêmicos, como criminalidade inata, superioridade e inferioridade racial, determinismo geográfico e biológico, que nos remetem às questões de afirmação da etnicidade e da cidadania. Além disso, deve-se reconhecer sua contribuição inestimável como psicólogo, como etnólogo e como um antropólogo *avant la lettre*. É esta perspectiva antropológica embutida nos discursos biologizantes de Nina Rodrigues que confere importância à sua produção. Ao conciliar a prática médica com a observação antropológica, valorizou o trabalho empírico e comparativo como forma de se realizarem estudos de caso, além de propor a contextualização e a compreensão dos comportamentos individuais em um meio cultural determinado. Nesse sentido, quando Nina Rodrigues pensava os temas que implicavam diferenças qualitativas entre os seres humanos, seja o louco, seja o negro, ele estava fazendo uma reflexão sobre a cultura, a política e a economia brasileiras. Foi, em razão dessa capacidade de inovação científica – de uma compreensão antropológica do

comportamento humano -, que Nina Rodrigues chamou igualmente a atenção para determinados aspectos das populações brasileiras, que, por se encontrarem fora do jogo político, não eram normalmente levadas em conta nos projetos de construção da nacionalidade.

IHU On-Line - Como se encontram literatura e história em Os Africanos no Brasil?

Eliane Fleck - Para Ítalo Calvino, “um clássico é um livro que nunca acaba de dizer o que tem para dizer.” Sob esta perspectiva, ***Os Africanos no Brasil*** afigura-se como um clássico da literatura afro-brasileira, constituindo-se em vasta e rica coletânea de informações e dados a respeito do universo cultural das comunidades negras no Brasil. Esforço etnográfico - de mais de uma década - que nenhuma outra obra havia realizado, reúne registros e evidências escritas e orais dos “últimos africanos no Brasil”, o que a torna referência obrigatória para todos os estudiosos da problemática do negro na sociedade brasileira. O discurso racista de Nina Rodrigues em *Os Africanos no Brasil* está pautado no paradigma da determinação biológica e cultural da superioridade européia, com base em teorias nacionalistas e evolutivo-positivistas. A organização formal da obra denuncia o estilo de Nina Rodrigues: uma linguagem pretensamente neutra, objetiva e cientificista, em que as análises e descrições são comunicadas por um narrador em terceira pessoa e onisciente, representando literariamente o método de investigação científica positivista do século passado empenhado na construção de uma “verdade” sobre o negro brasileiro. Assim, Nina Rodrigues, o sujeito do discurso, esconde-se atrás do narrador onisciente, o qual delega, por sua vez, voz ao negro, voz que é filtrada pela linguagem racista do autor.

IHU On-Line - Que semelhanças e diferenças socioculturais poderiam ser assinaladas entre o contexto histórico vivido e descrito pelo médico Nina Rodrigues e o contexto atual?

Eliane Fleck - No Brasil, a proclamação da República e o fim da escravidão foram fatos de extrema importância na escolha de temas raciais entre os intelectuais empenhados na construção nacional. De um lado, encontrava-se a oligarquia cafeeira que, com o fim da escravidão, buscava alternativas para a mão-de-obra agrícola. De outro, uma burguesia urbana, ávida por “progresso” e “modernização”, vinculada ao fortalecimento do Estado e na qual se destacavam os liberais e os intelectuais da época. Estes “homens de ciência” formularam as propostas de imigração branca européia e de controle das doenças tropicais por meio de uma política de saúde pública, que se traduziram na defesa da higienização da sociedade, da educação sanitária e da eugenia para o branqueamento da nação. A compreensão da realidade nacional estava marcadamente influenciada pela interpretação positivista biologizante que fazia uma analogia entre o meio (aspectos geográficos) e raça (aspectos biológicos). A busca da unidade étnica – da “perfectibilidade biológica” - por estes intelectuais esbarrava, no entanto, na diversidade sociocultural e nas diferenças étnicas e, especialmente, na constatação de que era preciso curar um “Brasil doente e enfermo”, devido à incidência da febre amarela, da varíola, da tuberculose, do beribéri e da malária, ao que se somava o crescimento da loucura, da degeneração e da criminalidade. Este é o contexto específico no qual foram produzidas as reflexões de Raimundo Nina Rodrigues.

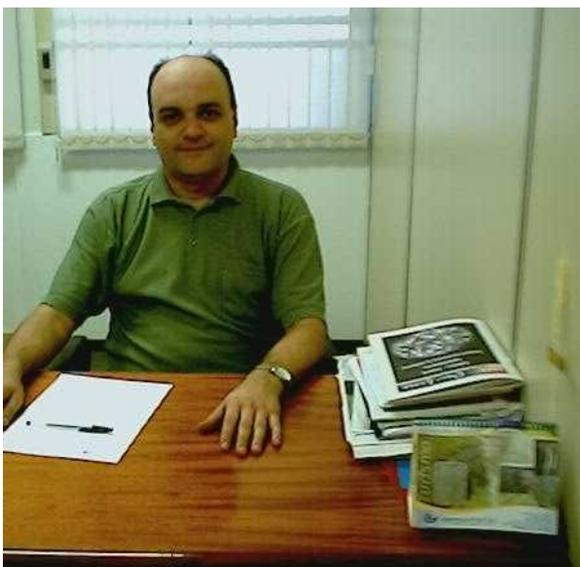
Desigualdade social: eco na atualidade

O que se percebe, no entanto, é que suas análises antropológicas, psicológicas e sociológicas – como questionamentos seminais do pensamento social brasileiro - encontram eco na atualidade, na medida em que o princípio da desigualdade social – determinado pelo nosso processo histórico peculiar – foi mantido e atualizado, o que fica evidenciado na manutenção de

um denunciamento de condições sociais aviltantes. Deve-se, no entanto, sob pena de incorrerem em anacronismo, situar a trajetória intelectual de Nina Rodrigues em um contexto social e histórico próprio da passagem do século XIX para o XX, no qual se buscava justificar uma intervenção estatal no âmbito da sociedade brasileira. Ao enquadrarmos suas discussões no processo de legitimação social e científica da medicina legal, ocorrido no início do século XX, evitamos a valorização de um certo “presentismo” nos discursos científicos de outros tempos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Gilberto Faggion

O professor da Unidade de Ciências Econômicas da Unisinos, Gilberto Antonio Faggion, integra, desde o início de 2005, o quadro de colaboradores do IHU. Ele nos concedeu a entrevista que segue, permitindo uma apresentação mais informal aos colegas da comunidade universitária. Entre outras características, Faggion se considera uma pessoa bastante persistente, que gosta de abrir novos espaços e buscar a fronteira dos assuntos. "Não me contento em ficar em uma área só, tenho que estar sempre circulando entre os diversos campos. Gosto da pluralidade de temas e assuntos". E arremata com um ponto forte de sua personalidade: "Procuro ser simples, não demonstrar ostentação ou algo que possa machucar, ferir o outro. Acho que isso vem de

família. Podemos crescer na vida, mas sempre mantendo os valores".

Origens e infância - Sou de origem italiana, nascido em Farroupilha. Meus bisavós vieram de Vicenza, que fica no norte da Itália, em 1886. Minhas origens são bem humildes, de família de imigrantes. Os valores que nos passaram, foram de justiça, de sermos corretos, religiosos e de que o trabalho é importante. Até os nove anos de idade, vivi em um sítio, a sete quilômetros da cidade de Bento Gonçalves. A convivência com a natureza, os animais, as árvores e as plantas me fez muito bem. A liberdade completa nos faz imaginar, pensar e criar muito mais. Meu pai era viticultor, cultivava uvas, e minha mãe ajudava um pouco nessa tarefa, cuidava da casa, das coisas da família e costurava. Tenho uma irmã oito anos mais velha. Eu não brincava muito com ela, pela diferença de idade. Brincava com alguns colegas, mas, na maior parte do tempo, eu brincava sozinho mesmo. Nossa comunidade ficava em volta de uma igreja, o local do nosso convívio social. Meus avós paternos moravam bem perto de nós, o que me possibilitou uma relação de grande proximidade com eles. Era comum, na região, as pessoas se comunicarem em dialeto vênето, uma variação do italiano falado no norte da Itália. Em função disso, tenho dificuldades até hoje com o português. Tenho dificuldade com as palavras com dois erres e as que terminam em ão. Ao mesmo tempo, isso foi muito rico no sentido de que me ajudou a aprender o italiano do sul, mais clássico, e o francês. Em 1992, fiz cidadania italiana, para resgatar minhas origens, apesar de não ter ido à Itália ainda.

Formação - Cursei os primeiros anos do primário na Escola Municipal André Rigoni, em Farroupilha. Quando eu tinha nove anos, tive que trocar de escola, porque ela não tinha as séries que estavam por vir. Mudei-me para a casa da minha irmã, que já estava casada e morando em Bento Gonçalves, para poder estudar da 5ª à 8ª série na Escola Estadual General Bento Gonçalves da Silva, onde fui escolhido por alguns anos o melhor aluno. Fiz o segundo grau na Escola Estadual Mestre Santa Bárbara, também em Bento Gonçalves, na área de auxiliar de laboratório e análises clínicas. Terminado o segundo grau, prestei vestibular para Medicina, na UFRGS, mas não passei. Fiz a tentativa, porque minha avó materna queria ter um neto médico. No mesmo semestre, fiz vestibular para Geologia na Unisinos e para Engenharia Mecânica na PUC, passando nos dois. Optei pela Unisinos e cursei Geologia por três anos. Desisti, porque me pareceu um pouco vazio, já que eu gostava mesmo era da parte de paleontologia. No segundo ano de Geologia, comecei a cursar Comércio Exterior, que me pareceu mais interessante, porque tem uma abrangência muito grande. Paralelamente, comecei a cursar Administração de Empresas na Unisinos. Em julho de 1988, me formei em Comércio Exterior e em 1991 entrei no mestrado em Administração, com ênfase em Planejamento e Gestão em Ciência e Tecnologia, na UFRGS, defendendo a dissertação em 1995. Agora tenho planos de fazer um doutorado na área de ética e responsabilidade social empresarial.

Profissão - No 3ª ano do segundo grau, comecei a trabalhar durante quatro horas por dia no Hotel Dall'Onder, em Bento Gonçalves, como controlista das comandas do restaurante. No ano de 1986, tive minha primeira atividade na Unisinos, como monitor do então departamento de Filosofia e Teologia. Em 1987, fiz o estágio de Comércio Exterior na Paramount Lansul, em Sapucaia do Sul, na área de importação e exportação. O estágio do curso de Administração fiz na mesma empresa, porém na área de administração de recursos humanos. Depois fui trabalhar em uma consultoria de franquias, com um advogado, em Porto Alegre, durante quatro meses. Na área de comércio exterior, trabalhei três meses na Springer Carrier, em Canoas, e depois fui para a Samrig, que hoje é a Bunge Alimentos, em Porto Alegre, durante um ano. Assim que terminei o mestrado, comecei a trabalhar como professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS). No segundo semestre de 1995, passei a fazer parte do corpo docente da Unisinos, mantendo por mais algum tempo as atividades na UCS. Também dei aula na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), por cerca de dois anos. Desde o início desse ano, tenho algumas horas no Instituto Humanitas Unisinos, como articulador entre as áreas de Humanas e Econômicas, e como responsável pela questão da relação entre universidade e ética organizacional.

Responsabilidade social na Unisinos - No ano passado, fui chamado para cuidar da questão da responsabilidade social na Universidade. A partir de uma indicação do professor Theodoro Herzog, conversei com o diretor do IHU, Prof. Inácio Neutzling, para que ele me ajudasse a encontrar caminhos nesse sentido. No final do ano passado, ele me convidou para ajudar a coordenar o programa **Repensando a Economia**, do IHU, o qual está, no momento, com o **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia** (que ocorre no IHU e Livraria Cultura de Porto Alegre) e o **Seminário Responsabilidade Social Empresarial** (que será em junho deste ano), tentar aproximar mais o Instituto Humanitas da área das ciências econômicas e ver, em toda a Universidade, a questão da responsabilidade social.

Família - O meu convívio familiar se dá com meus pais e a família da minha irmã, que me deu dois sobrinhos: uma menina de 24 anos, formada em Farmácia pela UFRGS, e um menino de 19 anos, que faz Publicidade e Propaganda na PUC.

Plantas e animais - Acho as plantas seres vivos fantásticos, talvez porque elas não incomodem tanto. E também gosto muito de animais, principalmente os felinos, que, na versão doméstica, são os gatos. Eu tenho em casa uma gata siamesa.

Autores - José de Alencar, Monteiro Lobato, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, Alvin Toffler e Edgar Morin.

Livros - *O Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley; e *O Homem e seus símbolos*, de Carl Jung.

Filme - *O nome da rosa*, de Jean Jacques Annaud, que me marcou por lembrar o espaço do pensionato São José (de São Leopoldo), onde eu morei por dois anos, quando estudava na Unisinos.

Um presente - Uma coleção de livros, assinatura de uma revista ou um laptop (risos...), que é sempre bem-vindo.

Nas horas livres - Navegar na internet e ler o que eu quero, sem obrigação ou pressão, sem precisar ser produtivo, eficiente e eficaz. Também gosto de aproveitar o tempo livre indo a algum museu ou exposição de arte, assistir a um vídeo ou ficar sem fazer nada, relaxar em silêncio, em contato com a natureza. Ter tempo para isso é muito importante.

Um sonho - Fazer o doutorado. Também sinto que preciso aprender mais idiomas, aprofundar mais o francês, treinar mais o inglês e aperfeiçoar o italiano gramatical.

Momentos marcantes - Quando eu tinha oito anos sofri com a morte da minha avó paterna, com quem eu era muito apegado. Também foi marcante a minha formatura em Comércio Exterior, na hora em que vi meus familiares. Parece que essas coisas não fazem sentido, mas na hora em que acontecem, marcam bastante.

Unisinos - Uma instituição que valoriza muito o lado humano das pessoas. Um lugar bastante ventilado, com uma proposta nova de educação, com o humano em primeiro lugar. Não consigo enxergar a Unisinos como uma universidade comercial. Aqui a região é valorizada, sem deixar de olhar o que acontece no mundo. Eu pessoalmente já fui ajudado pela Universidade em momentos difíceis, o que me faz cada vez mais comprovar o que penso dela. Sou muito grato à Unisinos. Sempre tenho a sensação de que eu não dei o suficiente de volta.

Instituto Humanitas Unisinos - Sou muito feliz por trabalhar no Instituto Humanitas, que, para mim, sempre representou bem a questão institucional da Unisinos. Os fatos, acontecimentos, as críticas, tudo no IHU parece mais próximo do que quando se é só professor em sala de aula. Aqui temos uma idéia mais do todo. Para uma universidade séria, de respeito, projetada tanto nacional quanto internacionalmente, como a Unisinos, é fundamental ter um instituto que congregue as mais diversas tendências, que reforce o aspecto humano dos mais diversos

cursos e da própria Universidade e que tenha o olhar da responsabilidade social. Fico surpreso como a estrutura tão enxuta do IHU consiga fazer tantas coisas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Cartas do leitor

Parabéns ao artista Pulika na edição do boletim 'A mística hoje'. Desenhos belíssimos, pertinentes e sugestivos.

Cesar Sanson, doutorando de Ciências Sociais na UFPR

Senhores,

Quero cumprimentá-los pelo excelente aproveitamento de um material despretençioso e singelo cujo objetivo era mais o de pensar livremente as questões propostas para orientar sua matéria do que ser uma entrevista pronta para publicação na íntegra. Tenho falado tanto, para que se publique quase nada, que me surpreendi com o aproveitamento total feito por vocês. Com relação ao conjunto das entrevistas, vocês merecem mais alguns elogios: ficou ótimo. É por isso que não abrimos mão de falar, falar, falar sobre nosso objeto de pesquisa... Um dia, alguma semente cai em solo fértil e resulta num belo trabalho como o que vocês fizeram. Gostei da revista. Seria muito bom continuar recebendo a publicação, mas acho que já estou ultrapassando os limites.

Parabéns e um grande abraço.

Maria Lourdes Motter (entrevistada na matéria de capa da 131ª edição, de 7 de março de 2005)

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Hílina Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilé Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br . Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS